



Universidade Federal Do Rio Grande
Programa De Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da
Vida e Saúde
Associação Ampla FURG/UFRGS/UFSM

TERRA QUE NO SE CONOCE; PAISAJE SIN
NOMBRE. QUEM SÃO OS VULNERÁVEIS DOS
PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS?

Arisson Vinícius Landgraf Gonçalves

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Méri Rosane Santos da Silva

Co-orientador: Prof. Dr. Luiz Felipe Alcantara Hecktheuer

Rio Grande

2016

Arisson Vinícius Landgraf Gonçalves

***TERRA QUE NO SE CONOCE; PAISAJE SIN NOMBRE: QUEM SÃO OS
VULNERÁVEIS DOS PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS?***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: química da vida e saúde da Universidade Federal de Rio Grande-RS, como requisito à obtenção do Título de doutor em Educação em Ciências.

Orientadora: Dr^a Meri Rosane Santos da Silva
Co-orientador: Dr^o Luiz Felipe Alcantara Hecktheuer

Banca Examinadora

Prof^o. Dr^o. Luis Eduardo Thomassim
Doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Carla Gonçalves Rodrigues
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Paula Corrêa Henning
Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil.

Ficha catalográfica

G635t Gonçalves, Arisson Vinicius Landgraf.
Terra que no se conoce: paisaje sin nombre: quem são os vulneráveis dos projetos sociais esportivos? / Arisson Vinicius Landgraf Gonçalves. – 2016.
184 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Rio Grande/RS, 2016.
Orientadora: Dr^a. Meri Rosane Santos da Silva.
Coorientador: Dr. Luiz Felipe Alcantara Hecktheuer.

1. Educação 2. Diferenças sociais 3. Vulnerabilidade social 4. Projetos sociais esportivos 5. Cartografia 6. Educação Física I. Silva, Meri Rosane Santos da II. Hecktheuer, Luiz Felipe Alcantara III. Título.

CDU 796:304

*Em memória de Luiz Landgraf, meu avô,
que vibra agora em meu peito por
minhas conquistas.*

Essa função do discurso científico (murmúrio que é preciso devolver à sua improbabilidade) faz pensar no Roussel atribuía ao que considerava frases convencionais, e que ele quebrava, pulverizava, sacudia, para delas fazer jorrar a miraculosa extravagância da narrativa impossível. O que restitui ao rumor da linguagem o desequilíbrio dos seus poderes soberanos não é o saber (sempre cada vez mais provável), não é a fábula (que tem suas formas obrigatórias), são, entre os dois, e como em uma invisibilidade de limbos, os jogos ardentes da ficção (FOUCAULT, 2006, p. 217).

O que chamamos de um “mapa”, ou mesmo um “diagrama”, é um conjunto de linhas diversas funcionando ao mesmo tempo (as linhas da mão formam um mapa). Com efeito, há tipo de linhas muito diferentes, na arte, mas também numa sociedade, numa pessoa. Há linhas que representam alguma coisa, e outras que são abstratas. Há linhas de segmentos, e outras sem segmento. Há linhas dimensionais e linhas direcionais. Há linhas que, abstratas ou não, formam contorno, e outras que não formam contorno. Aquelas são as mais belas. Acreditamos que as linhas são os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos. Por isso cada coisa tem sua geografia, sua cartografia, seu diagrama. O que há de interessante, mesmo numa pessoa, são as linhas que a compõem, ou que ela compõe, que ela toma emprestado ou que ela cria (DELEUZE, 2010, p.47).

No fundo, isso tudo é apenas o que meu olho inventa (RAMIL, 1992, p.270).

AGRADECIMENTOS

Ao PPGEC pela formação de qualidade, pelo incentivo e pela oportunidade de interlocução constante entre outras instituições.

À FAPERGS por ter oportunizado minha dedicação exclusiva a este trabalho durante os três primeiros anos e meio.

Aos componentes da banca, Prof^a Paula Henning e Prof^a Carla Rodrigues, pelos bons encontros e interlocuções ao longo desses quatro anos e meio; ao Prof^o Luis Eduardo Thomassim, pela disponibilidade e dedicação desde o processo de qualificação deste trabalho.

À prof^a Méri, pela oportunidade, conversas e cobranças, que envolvem um processo de orientação e tornam trabalhos como este possível.

Ao Felipe, sobretudo, pela amizade, que torna as dificuldades do percurso um exercício muito mais interessante e agradável. Obrigado por forçar meu pensamento, mesmo nas conversas mais despropositadas.

Aos colegas de trabalho, pelo apoio e motivação.

Aos professores e alunos que encontrei nesta jornada.

Às trabalhadoras e trabalhadores do CRAS Cidade de Águeda. Aos meninos e meninas que lá habitam, aos moradores do bairro pela colaboração e confiança na proposta da pesquisa.

Aos velhos e novos amigos, Rafael Castro, Maurício Reis, Thiago Sousa, Leo Abib, Gustavo Freitas, Mirella e tantos outros que incentivaram este processo do início até então.

Ao Luiz, meu avô, pelo carinho, pelo companheirismo e por me ensinar a ter paciência, ainda que não tenha esperado o término deste trabalho para comemorarmos abraçados.

À Rosélia e à Rozana, mãe e tia, pelo amor dedicado a minha criação. Obrigado por sempre confiarem em minhas escolhas.

À Luciana, minha noiva, amiga, colega e companheira, pelo amor, pela segurança, pela confiança. Obrigado por aceitar compartilhar as experiências de uma vida juntos.

RESUMO

GONÇALVES, Arisson Vinícius Landgraf. *Terra que no se conoce; Paisaje sin nombre: quem são os vulneráveis dos Projetos Sociais Esportivos?* 2016. 184f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: química da vida e saúde) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: química da vida e saúde, Universidade Federal de Rio Grande-RS, Rio Grande, 2016.

Um texto aberto. Um cartógrafo e seus encontros. A vulnerabilidade tomada em sua face enigmática, vidas inventadas entre saibro e sol ardente. Uma tese fundamentada em exercício de pensamento articulado aos estudos foucaultianos e à filosofia da diferença, cujo objetivo consiste em problematizar os mecanismos de produção de sentido pelos quais iniciativas de governo atribuem a determinados modos de vida o estatuto de vulneráveis. Assim, o presente exercício cartográfico parte de um plano produzido pelos efeitos de intercessões heterogêneas, resultantes de encontros com pessoas e artefatos relacionados em diferentes níveis com Projetos Sociais Esportivos (PSE) da cidade de Rio Grande - RS. A recorrência de termos como “vulneráveis”, “vulnerabilidade social” e “risco” associados aos modos pelos quais PSE reconhecem seu público-alvo, é o ponto de partida nesta operação. Com base em tal constatação, sustento o problema desta pesquisa detonado em uma pergunta: **quem são os vulneráveis dos PSE?** Na tentativa de escapar do jogo binário estabelecido entre pergunta-resposta, uma atitude problematizadora é ativada, possibilitando a leitura da referida “vulnerabilidade” por três eixos de inteligibilidade: o vulnerável como função; o vulnerável como virtualidade; o vulnerável como montagem. Eixos dedicados a acessar a maquinaria, cujo funcionamento permite determinadas invenções serem tomadas como solução para dificuldades concretas. Desse modo, uma posição de sujeito que enuncia - ocupada pelos PSE enquanto ponto de articulação e agrupamento de determinadas práticas discursivas, mecanismos de normalização e processos de subjetivação - atribui sentido a seu público-alvo. A partir da utilização de marcadores estatísticos, mapas de pobreza, indicadores socioeconômicos, contextualização do cenário local, decisões consensuais ou, simplesmente, pela referência de outros projetos sociais em funcionamento, os PSE constroem um pano de fundo sobre o qual produz seus vulneráveis. Todavia, entre molduras e devires, o cartógrafo produz seus mapas, conduzindo-se na suspeição dos jogos de certezas pelos quais determinados territórios tornam-se indignos de serem ocupados. Entretanto, no branco do papel uma cartografia sempre incompleta, aberta para experiências impossíveis de se prever por inteiro, pede passagem.

Palavras-Chave: Educação; Filosofia da diferença; Vulnerabilidade social; projetos sociais esportivos; cartografia.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Terra que no se conoce - Ana Campanella	16
Quadro 2	Paisaje sin nombre - Ana Campanella	17
Quadro 3	Legenda das obras de Ana Campanilla	18
Quadro 4	"Linha de Passe": talvez o melhor filme (brasileiro ou não) do ano. Por Celso Sabadin	21
Quadro 5	Comentário postado em rede social referente ao 47º homicídio do ano ocorrido na cidade de Rio Grande – RS	22
Quadro 6	Reverberações do aumento da violência na cidade de Rio Grande – RS	23
Quadro 7	Proposições formuladas pelo Projeto Punhos da Esperança	24
Quadro 8	Documento do Projeto Integração	25
Quadro 9	Fragmentos retirados do Projeto Fertilizando Talentos	25
Quadro 10	Território da Paz deve chegar ao BGV em novembro	26
Quadro 11	Esboço do mapeamento dos PSE em Rio Grande - RS entre 2009 e 2011	34
Quadro 12	Mapas produzidos com base na proliferação dos PSE na cidade de Rio Grande conectados pelas linhas temáticas referentes à inclusão, vulnerabilidade social, iniciativas setoriais, etc.	36
Quadro 13	Linhas da vulnerabilidade social	43
Quadro 14	Apresentação do Projeto Semear	104
Quadro 15	Descrição do público-alvo do Projeto Formando Craques	105
Quadro 16	Descrição do público-alvo do Projeto Integração	105
Quadro 17	Processo seletivo do público-alvo do Projeto Fertilizando Talentos	105
Quadro 18	Rede enunciativa correlata acionada pelo Programa Petrobras Esporte & Cidadania	106
Quadro 19	Rede enunciativa correlata acionada pelo Projeto Núcleo Jovem - Instituto Esporte e Educação	106
Quadro 20	Um sonho esportivo	115
Quadro 21	Projeto Educando pelo Esporte	115
Quadro 22	Mecanismo de individualização/individuação das situações de vulnerabilidade	116
Quadro 23	Projeto promove entrega de presentes e medalhas	120
Quadro 24	Voleibol rio-grandino ganha o Clube Pioneiros	120
Quadro 25	Projeto Punhos da Esperança poderá ser implantado em Porto Alegre	120
Quadro 26	Objetivos, público-alvo e finalidades do Projeto Semear	121
Quadro 27	Justificativas do Projeto Semear	124
Quadro 28	Compilado de projeções FUNSERG – Sport Club Rio Grande	125
Quadro 29	Diagnóstico, objetivo geral e objetivos específicos do Programa Segundo Tempo em fase de implantação da 3ª edição na cidade de Rio Grande-RS	139
Quadro 30	Regulamento de seleção pública de projetos esportivos educacionais 2014	140
Quadro 31	Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente do Estado do Rio Grande do Sul, 2015	141

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A Relação de Projetos Sociais Esportivos referentes aos 182
arquivados no banco de dados

SUMÁRIO

Sobre invenções e capturas	11
TERRA QUE NO SE CONOCE; PAISAJE SIN NOMBRE	15
Pelo cano	28
A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA: “NASCER LEVA TEMPO”	31
Sobre a proliferação dos PSE como agenciamento temático	32
Notas sobre o rizoma	38
Do rizoma às linhas	42
TÓPICOS PROCEDIMENTAIS	48
Sobre o ensaio como estratégia cartográfica	48
O pesquisador vai a “campo” I	51
Volta amarga	59
O pesquisador vai a “campo” II	62
O pesquisador vai a “campo” III	66
Do encontro com Foucault cartógrafo	68
“Aprenda a ver...”	72
Pela verticalidade foucaultiana	79
Notas sobre problematizarão	80
Sobre Foucault em operação	86
DA OBJETIVAÇÃO DO PROBLEMA À PROBLEMATIZAÇÃO DO OBJETO: DO VULNERÁVEL COMO FUNÇÃO; COMO VIRTUALIDADE; COMO MONTAGEM	94
Leve-me até lá	97
Assim nasceu Águeda	101
O vulnerável como função	103
O Estrangeiro	111
O vulnerável como virtualidade	115
No gabinete das certezas	118
Traquinagens de um domingo quente	129
O “gaiolão”	137
O vulnerável como montagem	139
Entre mapas	144

Menina exemplar	149
Entre molduras e devires	157
ENTRE MOLDURAS E DEVIRES: DRAMAS, DILEMAS E PERIPÉCIAS DE UMA CARTOGRAFIA DO VULNERÁVEL DOS PSE	160
Sobre tudo que teus olhos inventam	166
REFERÊNCIAS	174
APÊNDICES	182

Sobre invenções e capturas

Miro jamais poderia imaginar que estava sendo tão procurado em diferentes bairros de Rio Grande, cidade portuária localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul. Àquela época as coisas andavam agitadas por lá. Menos de dez anos foram suficientes para duplicar a população da cidade, bem como reduzi-la como em um efeito sanfona. A possível expansão econômica excitava a cidade de aproximadamente 200 mil habitantes. Esperança e preocupação encharcavam a extensa tripa de terra plana rodeada por água, meio doce, meio salgada. Mais emprego, mais dinheiro, mais visibilidade, mais desenvolvimento. As pessoas daquele lugar se encantaram com o galope promissor do cavalo encilhado que se aproximara, mas logo sufocaram na poeira levantada pelas passadas avassaladoras do possante animal. Inflação imobiliária, migração desproporcional, ruas intransitáveis e insegurança, ecoavam na conversa mais despropositada nos encontros ao acaso nos bares, nas praças e nos mercados. O clima de transformação exigia opinião. Mas para Miro, pouco importava, na sua vila ainda era possível sair cedo pra escola, matar os dois últimos períodos e, à tarde, circular de bicicleta ou jogar bola no campinho até o sol enfraquecer.

Mal sabia Miro que sua busca tinha sido intensificada ao mesmo ritmo da agitação da cidade. Políticas sociais de diferentes escalas, matérias de jornais, documentos de empresas, ações comunitárias, grupos das mais variadas expertises o procuravam incessantemente. Alguns até bateram em sua porta. Diferentes estratégias foram criadas para achá-lo e convencê-lo a se manter sob a vista de todos. Da promessa de transformar sua vida em uma vida melhor, à ameaça da terrível realidade que o espera ao recusar os inúmeros convites que recebera, muito se produziu e ainda se produz para encontrá-lo. Educação, proteção, diversão, esporte, garantia de um futuro

promissor, suco, bolacha, banana e iogurte compunham as mais variadas promessas feitas quase que diariamente a ele. Até jogador de futebol, já disseram que se tornaria.

De tantas ofertas, algumas são sempre mais convincentes que outras. Miro não é trouxa, nem tudo o agrada, em meio a uma quantidade considerável de convites, Miro não assina contrato de fidelidade com ninguém. Numa semana futebol, na outra taekwondo e em alguns sábados pega uma Kombi com seus amigos com destino a uma igreja evangélica que lhes oferecem atividades esportivas, recreativas, musicais e refeições. Certo mesmo é o domingo que Miro gasta com seus amigos, jogando vídeo game ou futebol no campinho da entrada da vila. Esporadicamente, Miro se deixa capturar pelo que chama de cursos, geralmente de curta duração. O último do seu currículo lhe rendeu até certificado e camiseta de uma atividade promovida pela Brigada Militar. Lá falaram muito sobre drogas, mas o que ele mais gostou foi de ver de perto os uniformes, coletes, pistolas e munição.

Miro, até agora, nunca teve interesse em experimentar drogas, mas sabe bem do que se trata. Sabe diferenciar maconha de crack e crack de cocaína. Pra ele, crack parece rapadura e maconha é aquele cigarrinho que os guris mais velhos fumam a beira do campinho ou nas esquinas da vila em qualquer hora do dia ou da noite. Embora tenha aprendido algumas coisas no último curso, sua explicação parece embasada em conclusões práticas, de quem vivencia no cotidiano a realidade que envolve o tráfico e o consumo de drogas. O curso, por sua vez, aprimora um posicionamento que Miro já havia construído. Pra ele drogas são ruins e associa o consumo delas às pessoas que não costuma se relacionar, apesar de estarem sempre muito próximas e frequentarem os mesmos lugares que costuma estar. Além disso, falar em drogas é falar em determinados lugares da vila, a rua 5 e a rua 8, são exemplos de lugares comuns ao consumo de maconha e de pedra, bem como

as barraquinhas de ocupação que delimitam uma das laterais do bairro em que mora.

Miro gosta de contar histórias, falar dos outros. Comenta tudo aquilo que vê e o que não vê, inventa. Chega conversando, é muito comunicativo. Gosta sempre de falar sobre suas aventuras diárias e de dar a última palavra quando está com seus amigos. Já participou de diferentes atividades oferecidas por programas e projetos sociais oferecidos no seu bairro. Disse que já jogou no time do CRAS¹, projeto de futebol conduzido por voluntário e, de vez em quando, pratica Taekwondo. Conta que começou a jogar futebol em projeto, porque o “professor” foi, pessoalmente, em sua casa convidá-lo. Já jogou em alguns campeonatos e que, inclusive, apareceu na TV por isso. Depois de algum tempo, enjoou-se de lá, achava o professor muito chato, pois gritava muito e xingava aqueles que não obedecessem suas orientações. Atualmente, prefere passar as tardes na rua com sua bicicleta, disponível para qualquer jogo ou brincadeira que o agrada, sem compromisso. Quando lhe é conveniente, submete-se às regras do projeto para jogar um torneio ou, simplesmente, aproveitar com seus amigos uma manhã de jogo em uma quadra de grama sintética. Mas sua permanência dura o limite de sua paciência para com o professor.

Ainda que seja procurado intensamente, Miro não se esconde. Pelo contrário, para encontrá-lo, basta permanecer alguns minutos na rua principal da vila onde mora. Não há dia que ele não passe por ali. Já participou de muitas atividades ofertadas pelo centro de referência e, também, esteve matriculado em grupos de assistência conduzidos pelas agentes sociais. Sempre prestativo, é conhecido por todos que ali trabalham. Alguns reclamam de suas travessuras, mas não há quem desconheça sua disponibilidade em ajudar. Carrega mesas, cadeiras,

¹ Sigla utilizada para referir ao Centro de Referência em Assistência Social localizado no bairro onde vive.

ajuda a cuidar do pátio e dedura aqueles que, porventura, tentem depredar alguma coisa por ali. Suas ajudas sempre rendem um lanche preparado pelas “tias” da cozinha. Entretanto, o que Miro gosta mesmo é de ficar na rua, a pé ou montado em sua bike enjambrada, construída por seu pai com peças recauchutadas. O guri está sempre por ali. Ao redor da casa que chama de “CRAS”, sempre rola alguma coisa: um futebol, um jogo de taco, uma lutinha ou um bate-papo com os amigos. Por volta das 16h, quando não consegue um lanche por ali, Miro vai até sua casa tomar um “cafezão” preparado por sua mãe: canecão de café com leite e dois pães bem recheados com queijo e mortadela repõem suas energias pra mais uma jornada pela rua.

TERRA QUE NO SE CONOCE; PAISAJE SIN NOMBRE²

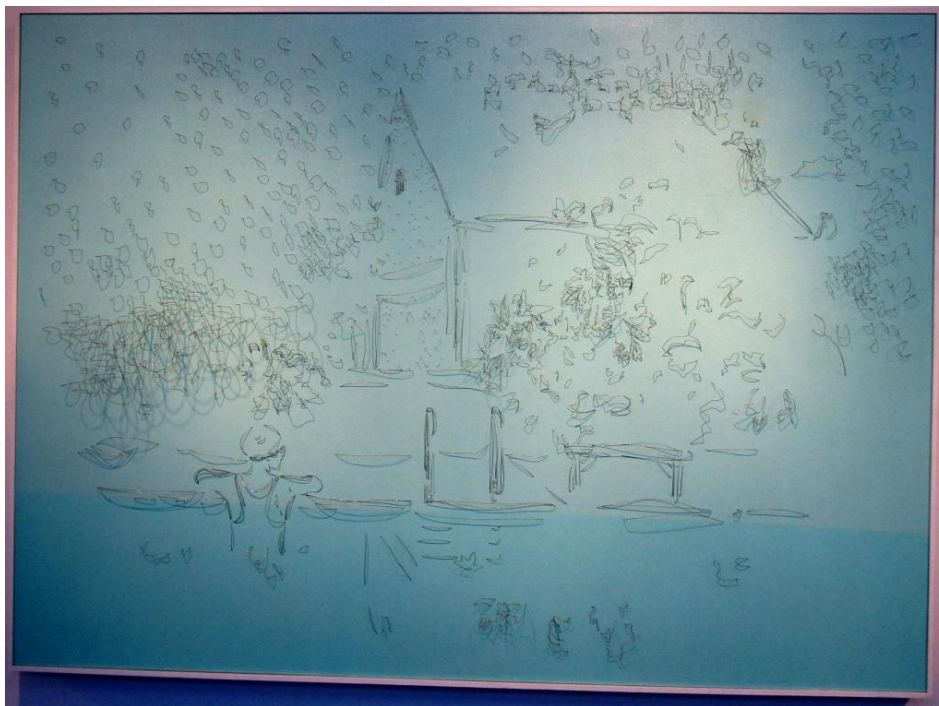
Verão de 2013, ao sul do trópico de capricórnio, o calor de dezembro prenuncia mais um natal. Lentamente, o cartógrafo caminha pelas ruas de Montevideú, saboreando a arquitetura que a cidade lhe oferece em uma tarde ensolarada e sem pressa alguma de encerrar. Ao longo da avenida 18 de julho, rumo à *Ciudad Vieja*, encanta-se com o paisagismo da *Plaza Juan Pedro Fabini*, onde gasta alguns minutos percebendo a curiosa harmonia entre o verde dos gramados e o cinza das velhas construções de um centro urbano sossegado. O período festivo e transitório, favorece o esvaziamento dos centros urbanos direcionando os grandes fluxos para o litoral, o que permite às fachadas neoclássicas se exibirem por inteiro às raras câmeras fotográficas que insistem em circular por ali. Atrás de uma das lentes portáteis, o cartógrafo observa, escolhe, enquadra e captura, cuidadosamente, algumas imagens que pretende eternizar em arquivos digitais. Ao percorrer a simetria da avenida, a qual se alonga apresentando incontáveis largos e pequenas praças, deixa-se atrair e tenta carregar consigo o mínimo de intencionalidade que lhe é possível. Convencido de que naquele cenário, o papel que ocupa é apenas de um curioso despropositado, tenta experimentar a cidade com toda a intensidade que lhe cabe.

A *Plaza Fabini* se torna um dos lugares que lhe faz demorar. As retas calçadas que esgotam a dispersão de pequenos arbustos, floreiras e longos bancos, proporcionalmente posicionados pela centralidade de um chafariz, apresentam em uma de suas esquinas um vão que leva seus andantes a uma escadaria de acesso ao nível subterrâneo do lugar. A estrutura discreta se assemelha às entradas e saídas de metrô de grandes cidades. O cartógrafo, embalado em uma curiosidade turística, desloca-se na direção da suposta estação. O livre acesso às escadarias o convida a acompanhá-las não

² Terra que não se conhece; Paisagem sem nome (tradução própria). Títulos referentes às obras da artista plástica uruguaia Ana Campanella, cujo trabalho vem ganhando visibilidade desde 2002 em numerosas mostras coletivas e individuais no Uruguai e no exterior. Mais informações: <http://anacampanella.blogspot.com.br/>.

para uma plataforma de chegadas e partidas de rápidos vagões, mas, surpreendentemente, o coloca no salão principal de uma galeria de arte contemporânea. A troca súbita de ambiente renova seu fôlego, a surpresa lhe encanta. Tratava-se do *Centro de exposiciones SUBTE*.

E ali, abaixo das estagnações e dos movimentos que toda cidade implica, o cartógrafo se percebe num lugar de encontros entre pessoas e coisas. Lugar de fluxo intenso, não exatamente como ocorre nas estações de metrô, pois ali são os pensamentos que se movem com muito mais intensidade que os corpos. Abaixo da cidade cada intervenção artística exposta abria canais de interlocução com alguns efeitos da constituição do urbano e dos modos de vida possíveis nele. Entre quadros, esculturas e fotografias, o encontro com duas peças de Ana Campanella (Quadro 1 e Quadro 2) o afeta.



Quadro 1 - *Terra que no se conoce* - Ana Campanella
Fonte: Acervo pessoal.



Quadro 2 – *Paisaje sin nombre* - Ana Campanella
Fonte: Acervo pessoal.

Até então não conhecia a artista uruguaia, e ainda continuo não a conhecendo para além destas duas obras. De verdade, não me encontrei com Ana, mas com duas de suas criações. Ao deparar-me com seus quadros, lembro que fui tocado primeiro pelo estranhamento; em seguida, pela legenda que os acompanhava. Não tenho conhecimento técnico em arte, tampouco saberia classificar a autora em algum estilo ou descrever seu trabalho pelas tintas de uma análise artística. Limitar-me-ei a falar daquilo que me tocou e, de modo egoísta, daquilo que me interessa desse encontro. Este é o ponto de partida do processo que faz alguns fios metálicos, entrepostos desordenados, precipitando-se de uma superfície lisa e branca, suspensa em uma das paredes da galeria, capturar minha atenção (Registro de viagem - Janeiro, 2014).

O cartógrafo se percebe em um espaço outro daquele que estivera há pouco. A paisagem que antecederá sua imersão ao subsolo da praça, transforma-se de modo voraz. É como se o solo se abrisse sob seus pés, apresentando-lhe outro universo. A galeria, em nada semelhante à superfície anteriormente descrita, põe a sua frente as duas telas de Ana. Para ele se dava início uma experiência de captura. A imediata atração o leva a se aproximar, observar melhor e forçar a busca por outros signos que, de algum

modo, estabilizem algum sentido mais cômodo para si mesmo. Dá meia volta... Segue olhando outras instalações... Retorna. Olha... Inquieta-se... Num impulso, pega-se encarando as mesmas telas novamente. Colado ao pilar, ligeiramente ao lado dos quadros, um pedaço de papel branco, digitado em tinta preta, imprimia uma legenda, provavelmente, para aqueles, que mesmo forçando-se em fugir do cárcere representativo, apoiavam-se em significados já postos por antecipação ao pensamento. Nela encontra algum conforto:

La vulnerabilidad y lo mecanismos de protección son el eje de esta obra donde se exhibe lo que generamos frente a los demás. La cerca eléctrica es utilizada como hilo conductor del dibujo a semejanza del paisaje urbana que nos rodea y se modifica continuamente. El alambra genera las formas y al mismo tiempo da la posibilidad de ser una frontera electrificada³.

Quadro 3 – Legenda das obras de Ana Campanilla

Fonte: Acervo pessoal.

A legenda, então, surge como um terceiro quadro aos seus olhos. E assim o prefere entendê-la para não assumi-la como explicação daquilo que sua capacidade de abstração não conseguira perceber nas obras propriamente ditas. Já não se trata de uma simples tradução. A legenda, como terceiro quadro, consiste, para ele, um ponto de abertura que reforça sua conexão às obras da artista uruguaia. Um quadro dentro de outro; três quadros compondo um; quadro produzido pela composição de outros tantos. O cartógrafo já se sente parte deles, ou melhor, para ele é como se os quadros materializassem seu próprio pensamento. Tudo tão veloz e intenso como o impulso que levava Oswaldo Montenegro⁴ a produzir sua casa-tela. Quem sabe esse, ao desejar fazer de um quadro sua própria moradia, entendesse plenamente o que se passara com aquele frente aos quadros que o provocava. Naquele momento, ninguém melhor que o compositor e cantor brasileiro para dar sentido à interlocução que mantinha o cartógrafo, incólume, frente às obras. Aproximar aquela experiência à atitude tomada por Oswaldo em tornar sua habitação uma grande tela expressionista, o ajudava a compreender a radicalidade da composição de forças que o fazia perceber a si mesmo como um traçado de um quadro.

³ A vulnerabilidade e os mecanismos de produção formam o eixo desta obra em que se exhibe o que geramos frente aos demais. A cerca elétrica é utilizada como fio condutor do desenho à semelhança da paisagem urbana que nos rodeia e se modifica continuamente. O arame gera as formas e ao mesmo tempo consiste em uma fronteira eletrificada (Tradução própria).

⁴ Ícone da música popular brasileira. Cantor e compositor de trilhas sonoras para peças teatrais, balés, cinema e televisão. Dentre seus inúmeros talentos, Oswaldo Montenegro é conhecido pela atitude que o levou a pintar o interior de seu próprio apartamento, e tudo que dele faz parte (móveis, sanitários, torneiras, eletrodomésticos, etc.), como um uma grande tela expressionista abstrata. Diagnosticado algumas vezes como “retardado mental”, o artista justifica sua atitude como forma de suprir seu desejo de morar dentro de um quadro, atendendo seu gosto em estar perto do caos (LOBATO, 2014).

Entre os fios metálicos afixados em tela branca e o olhar quase vacilante posto a sua frente, os intercessores se multiplicam. Assim o cartógrafo se perde ou, deixa-se perder, naquilo que Vitor Ramil, possivelmente, reconheceria por *Délibáb*, ou seja, pura ilusão, efeitos de miragem em uma tarde quente das paisagens sulinas. A composição entre fios e legenda imprime diante de seus olhos, figuras de uma paisagem que localizara há muitos quilômetros dali. O olhar hesitante, aos poucos dá lugar a uma postura resoluta construída ao passo que se percebe em um caminho sem volta. Não seria por isto (em busca disto) que o cartógrafo se põe em movimento? Pintar o quadro de seu tempo nos limites do seu próprio pensamento? Nesse sentido, para o cartógrafo se torna claro que as telas de Ana não demarcam o início de sua cartografia, mas, consistem, sobretudo, em elementos que a compõe. Elementos convertidos aos olhos do cartógrafo em novas tintas a serem utilizadas.

No entanto, para cartografar não basta converter tudo que se vê em exercícios analíticos. As tintas que dão cor ao quadro são resultados de relações de capturas. E isso o cartógrafo tem claro para si, embora saiba que estabelecê-las não é nada fácil. Tais relações se dão em mão dupla. Na maioria das vezes é preciso deixar-se capturar, mostrar-se disponível e, principalmente, praticar sua disponibilidade. Para isso, tenta manter sua atenção aberta, endereçada e interessada. Não há um momento certo para que a captura aconteça. O cartógrafo não chega a uma exposição procurando matéria-prima para seus mapas, ainda que isso seja possível. A sensação que traduz em *Délibáb*, só é possível porque existe um engajamento entre ele e seus problemas que, mesmo distantes, emergem vis-à-vis em encontros inusitados como esse.

De fato, fui capturado de modo ainda mais intenso ao localizar a palavra vulnerabilidade (vulnerabilidade), termo derivado dos meus interesses atuais de pesquisa com relação às delimitações possibilitadas pelos Projetos Sociais Esportivos (PSE). Contudo, para além do termo, a composição dos três quadros me envolveu pelo seu potencial agenciador que, inevitavelmente, articulo ao exercício que me dedico em problematizar os mecanismos pelos quais algumas respostas à pergunta "Quem são os vulneráveis dos Projetos Sociais Esportivos?" se tornam quase óbvias,

conduzido por aquilo que venho chamando de uma Atitude Cartográfica como procedimento de pesquisa⁵ (registros de viagem janeiro, 2014).

Disposto a acompanhar a velocidade vertiginosa com que seu pensamento é forçado frente aos quadros, o cartógrafo se interroga sobre os sentidos que se produzem sobre um problema que pode não ser somente seu: “como conduzir-se daqui por diante já que algo vem acontecendo em termos de pesquisa?”. Ana lhe provoca, apresenta seu próprio pensamento em tela branca e fios metálicos. Suas linhas metálicas permitem-na se comunicar por uma atitude artística frente à maleabilidade do material, produzindo paisagens diversas, ao passo que edificam fronteiras eletrificadas que desenhavam (afirmam) o urbano sob o estigma da proteção, pressuposto pela naturalização da vulnerabilidade. No entanto, Ana continua a provocar seu interlocutor com os títulos que atribui a suas obras. Ainda que seu trabalho repouse entre a concretude das fronteiras eletrificadas e o potencial produtivo do urbano, sua obra sinaliza ao cartógrafo o quanto somos todos cercados por inexatidões: *Terra que no se conoce; Paisaje sin nombre*. A vulnerabilidade, e tudo que dela deriva, parece nos ameaçar em suas múltiplas faces por seu caráter inexato. Cada vez menos se consegue fixá-la em signos universais. Ameaça! Talvez, seja a palavra que melhor compartilhe um pouco do sentido que o termo vulnerabilidade é capaz de ativar neste contexto. É como se os quadros exclamassem: vivemos ameaçados pela insegurança, pela instabilidade econômica, pelo jogo das decisões políticas, bem como por *n* tipos de doenças que nos rondam, pelo risco de epidemias, pela fome, pela miséria! Ainda que sejamos miseráveis, sempre resta algum tipo de ameaça que nos afete. Vivemos ameaçados por aquilo que não conhecemos, por aquilo que não conseguimos nomear. Ficamos temerosos frente às múltiplas possibilidades que nos cercam.

Paradoxalmente (ou ironicamente), a vulnerabilidade entendida como este sentimento de ameaça frente ao desconhecido, nos faz tomar atitudes cada vez mais concretas. Os fios metálicos, matéria-prima para os quadros de Ana, demonstram o quanto soluções objetivas são tomadas diante do problema da incerteza. Muros, grades, alarmes: queremos estar sempre do lado estável dessas fronteiras de onde se olha com certo estranhamento aqueles que nele não estão. Para o cartógrafo, outras conexões são

⁵ Os termos grifados compõem o título da versão de ingresso do projeto de pesquisa, o qual substancia esta tese, ao Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências: química da vida e saúde da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEC-FURG) no primeiro semestre de 2012. Ainda que o título atual não tenha sido mantido, “**Por uma atitude cartográfica: quem é o vulnerável dos PSE?**”, tais noções continuaram operando no processo de construção da pesquisa.

possíveis. O longa-metragem brasileiro *Linha de passe* (2008), dirigido por Walter Salles e Daniela Thomas, ilustra ainda mais a paisagem que se forma em seu pensamento. A crítica de Celso Sabadin⁶ ao filme que retrata a vida de uma empregada doméstica grávida, solteira e mãe de quatro filhos, expressa consonâncias com a leitura dos quadros de Ana. O crítico chama atenção às personagens, moradores da periferia paulista que dia a dia vivem sob a experiência de situações limites, alimentadas pela expectativa de se tornarem o que ainda não são, vivem nas fronteiras das possibilidades.

Toda a família vive situações limites. Denis é quase um marginal. Dario é quase um jogador profissional. Dinho quase tem Fé. Reginaldo é quase um motorista de ônibus. E o time de Cleuza está quase caindo para a segunda divisão. Estar o tempo todo à beira de algo que pode (ou não) acontecer a qualquer minuto é a grande chave-mestre de “Linha de Passe”. Pode-se dizer até que é um filme de suspense. Não o suspense colonizado de zumbis e serial killers, mas o da agonia que todo o brasileiro vive diariamente nas ruas. Do medo de não voltar para casa. Do medo de não dar certo na vida. Do medo de não conseguir sobreviver dignamente. Aqui, os fantasmas são outros (SABADIN, 2014).

Quadro 4 – “Linha de Passe”: talvez o melhor filme (brasileiro ou não) do ano. Por Celso Sabadin

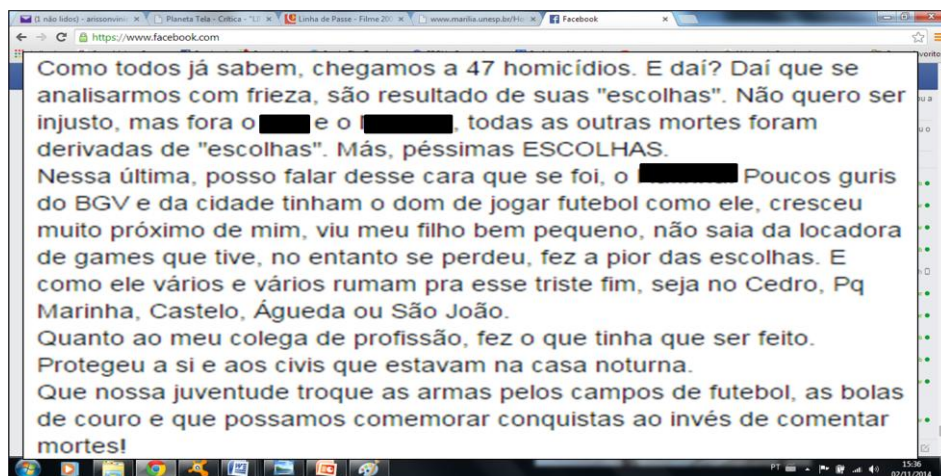
Fonte: Acervo pessoal.

Os sentidos atribuídos ao termo “vulneráveis”, que povoam a pergunta que acompanha o cartógrafo, parecem simpáticos aos mecanismos de linguagem que a artista uruguaia lança mão nas obras elencadas, bem como às experiências limites das personagens de *Linha de passe*. Sua inexatidão provoca, perturba, incomoda. Assim como vulnerabilidade e mecanismos de proteção parecem indissociáveis na tela de Ana, os vulneráveis e os PSE parecem, também, imbricados no desenho da paisagem social que nos rodeia e se modifica continuamente. Mas que problema haveria nisto? E se Ana fosse convidada a “pensar” sobre PSE, quais sentidos se produziriam?

Os quadros contornam uma interlocução duradoura entre a artista plástica e o cartógrafo. Ela o provoca com sua criação. Ele, por sua vez, transmuta aquela admiração instantânea em perguntas. Introjeta em silêncio, interrogações como forma de manter seu pensamento em movimento. Não seriam os PSE iniciativas concretas de intervenção sobre os vulneráveis, bem como as cercas elétricas consistem em barreiras físicas, motivadas pela necessidade de proteção que caracteriza este tempo em que vivemos? Iniciativas de governo e fios elétricos como soluções ao problema dos desajustes urbanos? Será que um problema requer sempre uma solução? Por um momento, a analogia parece confortante quando sustentada sobre os princípios de causa e efeito. Todavia, os quadros de Ana insistem em desestabilizar. *Terra que no se conoce*

⁶ Reproduzo o fragmento do crítico por entender que não conseguiria apreender em escrita, de forma tão objetiva e qualificada, o sentido de tal roteiro sem lançar mão de descrições muito próximas das, já realizadas, por Celso Sabadin (2014).

e *Paisaje sin nombre*; os vulneráveis parecem um pouco disso: um Denis quase delinquente; um Dario quase jogador; um Dinho que quase crê naquilo que prega; um Reginaldo na iminência de conhecer seu pai; uma criança prestes a nascer de uma “mãe solteira” sem muitos planos para o futuro; *Délibáb* em planícies sulinas. Já os PSE se apresentam como os fios eletrificados que compõem a obra de Ana. Mecanismos concretos (de proteção); visíveis e dizíveis; sustentados em *Terra que no se conoce*, nomeando *Paisaje sin nombre*. Assim, acabam por desenhar aquilo que pressupõe natural: seus vulneráveis, aqueles que, parecem estar sempre na experiência limite, borrando fronteiras por se localizarem sempre na inexatidão do que podem vir a ser, ou não.



Quadro 5- Comentário postado em rede social referente ao 47º homicídio do ano ocorrido na cidade de Rio Grande – RS⁷

Fonte: Acervo pessoal.

A mensagem postada em 2014 em uma rede social trata de uma manifestação, entre tantas repercutidas como consequência da crescente corrente de homicídios que vem preocupando a cidade de Rio Grande – RS. Naquele ano, uma marca surpreendente de cinquenta e quatro (54) homicídios foi registrada. Escrito por um policial militar, o comentário destaca uma trama à altura de grandes ficções como as já tratadas até aqui. Um homem e seu destino; um caminho diluído em escolhas; personagens diferenciados por trajetos bifurcados; duas armas; tiros trocados; um homem morto por escolhas mal feitas; possibilidades de outros fins multiplicadas em “e se...”. Como na letra de Seu

⁷ Na postagem, “Cedro, Pq Marinha, Castelo, Águeda ou São João” remete às formas populares de nomear alguns bairros periféricos da cidade de Rio Grande-RS. Respectivamente, as expressões se dirigem aos bairros: Getúlio Vargas, Parque Marinha, Castelo Branco, Cidade de Águeda e São João.

Jorge⁸, os problemas sociais passam a ser explicados pelo acesso à oportunidade: [Se eu pudesse eu tocava em meu destino/ Hoje eu seria alguém/ Seria eu um intelectual/ Mas como não tive chance de ter estudado em colégio legal/ Muitos me chamam pivete/ Mas poucos me deram um apoio moral/ Se eu pudesse eu não seria um problema social].

Quarenta e um homicídios no ano, nove apenas no mês de setembro - número nunca foi registrado em um único mês em Rio Grande -, participação direta ou indireta de menores nos crimes, número crescente de armas circulando nas ruas. Esses são os números da violência, que aumenta e assusta no Município (POLL,2014, p.10).



Quadro 6 - Reverberações do aumento da violência na cidade de Rio Grande – RS

Fonte: Acervo pessoal.

A postagem e o artigo de jornal multiplicam, gradualmente, o acervo de quadros. Entre eles, o cartógrafo se depara, em primeiro lugar, com a ênfase apresentada na associação entre juventude e crime de modo insistente. “Que nossa juventude troque as armas pelos campos de futebol [...]”. Esporte ou crime; armas ou campo de futebol. Jogos binários reduzem elementos heterogêneos à questão de escolhas. Então, a própria postagem afirma: “Daí que se analisarmos [os casos de homicídios] com frieza, são resultado de suas “escolhas” [das próprias vítimas]”. Se esses jovens tivessem feito outra escolha, os acontecimentos seriam outros? Ao que parece eles não trocaram as armas pelos campos de futebol. Entretanto, de alguma forma, entram no jogo dos exemplos para que tal escolha não se torne problema para outras crianças ou jovens que ainda não tiveram de escolher. Talvez, desta forma, os índices de homicídios sejam controlados pelo aumento de disponibilidade de campos de futebol. Pela simplificação do problema, tem-se a simplificação da solução. Se pudessem, seriam eles problemas sociais?

⁸ SANT’ANNA, Guaraci. Problema Social. In.: Seu Jorge. **Seu Jorge & Ana Carolina – Ao vivo**. Sony BMG Music Entertainment. CD, 2005.

Por um voo rasante sobre as considerações referentes à escolha como problema filosófico, temos de Platão à Dewey, que essa é atravessada pela noção de possibilidade, bem como de liberdade (ABAGGNANO, 2007). A liberdade das escolhas possíveis parece ser o problema levantado por esses modos de contar os fatos. O campo de futebol como o outro do crime e a surpresa do crime associado à juventude, consistem num argumento acionado de maneira recorrente pelos PSE. No entanto, tais projetos não se limitam aos personagens dos fatos ocorridos, expandem-se àqueles que, de certo modo, são apenas possibilidades. Talvez, os PSE ajam sobre esses, de maneira muito mais intensa do que naqueles. A infância e a juventude como campo fértil de possibilidades se conectam aos PSE de modo a quase tornar sua superfície de contato imperceptível. Talvez, por muito pouco, seria impossível falar em conexões frente ao caráter unitário, quando muitos desses projetos pressupõem infância e juventude como objetos de suas intervenções. Ainda que muitos não realizem as promessas de resgatar crianças e jovens já envolvidos no crime, estas iniciativas se fortalecem em nosso tempo por se ajustarem àqueles que ainda não “fizeram suas escolhas”.

O boxe há algum tempo vem sendo valorizado como um esporte, além de um meio de educação e socialização.
 Nossa equipe busca ensinar através do esporte alguns caminhos necessários ao homem desse novo mundo, que atualmente se encontra violento e cheio dos “outros” caminhos, os quais não deverão seguir (Projeto Punhos de Esperança).

Quadro 7 - Proposições formuladas pelo Projeto Punhos da Esperança
 Fonte: Acervo pessoal.

É tendo como base arranjos como os demonstrados, que o cartógrafo localiza seu problema de pesquisa, interrogando: **quem são os vulneráveis dos PSE?** Lugares, pessoas, atitudes, imagens diversas povoam a paisagem de imediato. Infância e juventude surgem como respostas prontas, aprisionadas em um sentido binário cujo “caminho” em determinado momento é bifurcado, exigindo “escolhas” precisas entre o bem e o mal; entre a ocupação e a ociosidade; entre o esporte e o crime. O jogo de certezas proferidas pelos PSE tenta reduzir a condição enigmática (LARROSA, 2013) de crianças e adolescentes a escolhas dicotômicas. Tal condição “enigmática” parece ser tomada como uma faísca hipotética advinda da suspeita de que a personificação do público-alvo dos PSE é tomada apenas como suporte real para ancoragem daquilo que não conhecemos e que, no limite, não passam de possibilidades. Projeções fundamentadas em fatos passados ou solução encontrada frente ao angustiante problema da inexactidão.

Nesse sentido, a pergunta forjada pelo cartógrafo assume uma posição provocativa. Portanto, antes de tentar respondê-la, prefere encará-la como armadilha. A intenção com que a formula pressupõe um uso menos inquiridor e mais detonador. Não a manuseia com pretensão objetiva, pois entende que os PSE já o fazem com habilidade. Respondem essa pergunta ao endereçarem suas promessas e ações. A insistência na pergunta, sustentada em certa ironia, consiste para o cartógrafo em estratégia pertinente para se demorar na própria pergunta em detrimento da precipitação de suas possíveis respostas. Desse modo, pergunta-se **quem** atento ao **como**. Um uso desajustado propositalmente. Interessado, ou melhor, interesseiro sobre o que dela possa facilmente retornar. Um uso, talvez, enigmático. Uma chave para o acesso aos mecanismos de produção de suas respostas possíveis.

Na especificidade dos PSE, percebe ainda que outros quadros são possíveis. Neles os vulneráveis aparecem emoldurados em tempo e espaço precisos. Por algum momento ganham corpo, alma, idade e endereço. Por muito pouco, não se pode estranhar que já existiam antes dos PSE. Não seria quase óbvio? Formulam-se os PSE como solução aos vulneráveis como problema preexistente? No entanto, tal problema se revela tão “óbvio” quanto às telas de Ana; tão “quase” quanto os personagens do Linha de Passe.

Rio Grande [...] encontra-se situada no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul [...]. Temos cerca de 200.000 habitantes em 2.814 Km², número este que vem adensando consideravelmente em vista da publicização em função dos investimentos previstos no município. [...] Um polo naval está se desenvolvendo em Rio Grande, sendo a plataforma petrolífera – P53, da Petrobrás, a primeira de muitas outras grandes operações previstas na cidade. Aliado a estes investimentos na zona portuária, **antevemos** um considerável aumento na população escolar cada vez **mais vulnerável** à drogadição, principalmente ao crack, avançando sobre uma parcela cada vez maior de nossos jovens e adolescentes (Projeto Integração – grifo próprio).

Quadro 8 - Documento do Projeto Integração⁹
Fonte: Acervo pessoal.

A Yara Brasil fertilizantes, empresa multinacional que vem atuando no Brasil desde 2000 [...] realiza um projeto social/esportivo na cidade em que opera sua Unidade Fabril – Rio Grande – voltando à promoção da cidadania e provisão de melhores oportunidades de educação e **socialização** para jovens oriundos das cidades de Rio Grande e São José do Norte. O projeto Fertilizando Talentos, aqui apresentado, tem foco em **jovens de 15 e 16 anos**, matriculadas no ensino regular e com aproveitamento mínimo equivalente à média 7, **com boa condição física e aptidão para a prática do futebol de campo**.

O programa atua no sentido de amenizar a exposição dos alunos da rede municipal de ensino a **situações de risco social, promovendo a melhora na qualidade** de vida pela representação de novas demandas de forma positiva, fundamentando referenciais que se expressem através de valores cidadãos com vistas a diminuir a violência nas escolas.

Hoje, além das comunidades escolares, o Projeto está ampliando seu atendimento a jovens institucionalizados e, atendendo a solicitação de uma juíza de direito, acolheu uma **jovem em regime de**

⁹ Alguns quadros que compõem este projeto são produzidos por fragmentos de documentos de PSE arquivados para fins de pesquisa (Apêndice A).

medida sócio educativa. Assim o projeto atua junto a alunos de: 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental; Alunos do Programa Municipal de Educação de Jovens e Adultos; alunos com deficiência e/ou necessidade educacional especial advindo das Classes de Estudos Diferenciados e salas de Recursos, incluídos em oficinas regulares, alunos institucionalizados; alunos em medida sócio educativa (Projeto Fertilizando Talentos, grifo próprio).

Quadro 9 - Fragmentos retirados do Projeto Fertilizando Talentos

Fonte: Acervo pessoal.

Como se compusessem uma pinacoteca, o conjunto dos quadros parece pertencer ao mesmo acervo em que PSE e vulneráveis aparecem como eixo da exposição. Mas, tal definição não é suficiente. Como vimos inicialmente, os quadros sempre nos permitem explorar algo para além de suas legendas ou descrições. Nos quadros de Ana, o “algo a mais” está na potência produtora e inventiva dos mecanismos de proteção que assumem por princípio o extermínio da incerteza, constituindo-se como o outro da vulnerabilidade. Entretanto, acabam por construir linhas fronteiriças que reforçam os contornos da inexatidão. Os PSE são como mecanismos de proteção, assim como as cercas elétricas, agem tanto por antecipação daquilo que ainda não aconteceu, como por ação objetiva sobre aquilo que está acontecendo. Contudo, tanto quanto Dinho, os PSE quase creem naquilo que pregam, não fosse a solidez da realidade que confronta suas promessas.

“Segundo dados de 2010, nós estamos em 16º lugar na violência”, frisa Nascimento. “Vamos tentar devolver o direito da comunidade de poder usufruir do espaço público com qualidade, ofertando serviços sociais e possibilidades. Não vamos chegar com a solução do problema. Nós não vivemos lá. Não sabemos realmente quais as necessidades. Mas vamos saber como podemos disputar a criança, o jovem com o traficante, não com violência, mas no sentido do convencimento. Estamos trabalhando para conquistar espaços, serviços e projetos”. [...] O presidente da Associação de Moradores do BGV, Luiz Carlos Bueno, diz que a comunidade está na expectativa. **“Há 60 anos vivo no BGV. Tudo que está acontecendo hoje, matança, tráfico, tudo isso eu já vi acontecer. E mais de uma vez. Na década de 80, realizávamos eventos de rua, tentando atrair a criança, o jovem e nunca vimos resultado.** Hoje estamos na expectativa. Ainda mais porque cultivamos certos hábitos, que para nós, enquanto comunidade, viraram tradição, assim como o churrasquinho de rua, com roda de samba e muita alegria, o carnaval fora de época. Não temos a menor ideia de como a polícia vai encarar isso. Temos medo de que isso acabe com a implantação do Território da Paz” (POLL, 2014, p.10, grifo próprio).

Quadro 10 – Território da Paz deve chegar ao BGV em novembro

Fonte: Acervo pessoal.

Nesses quadros operam os mais simples mecanismos de representação, como os que reforçam associações diretas entre estatísticas de violência e bairros periféricos, até o paradoxo que vem compondo as demonstrações metafóricas apresentadas: respostas concretas para problemas inexatos. As poucas linhas da reportagem de um jornal local são suficientes para perceber uma cruzada contra a violência que, por sua vez, expande-se em velocidade epidêmica. Os dados comprovam a necessidade de intervenção. O

tráfico de drogas e o crime se apresentam como moldura inevitável à ociosidade das crianças e dos jovens que habitam determinado bairro da cidade. Por outro lado a frustração amedronta. Nada disso é novidade, diz o presidente do bairro. Nem mesmo a tentativa de antecipação de futuros acontecimentos, recorrentes nas intervenções propostas às crianças e aos jovens. Em alusão aos quadros anteriores, o cartógrafo percebe ser possível provocar de modo afirmativo: a vulnerabilidade insiste em se reforçar frente às linhas que tanto esforço fazem para eliminá-las, como se fossem algo tão concreto como as suas molduras!/? Talvez, o que se tenha de concreto sejam apenas molduras, o resto são devires: *Terra que no se conoce; Paisaje sin nombre.*

Pelo cano



Fonte: Acervo pessoal

12h, o ringir metálico do portão que fecha, avisa Vitinho e seus companheiros de time que o jogo acabou. Não fosse o imenso gradeado a separá-los do campo, a partida avançaria à tarde, pois em suas casas, parece não haver hora marcada para retornarem.

O ronco das tripas já sinaliza a fome por almoço acumulada àquela que o café da manhã mirrado e apressado não matara. No entanto, isso não os impede de gastar um pouco mais de tempo na rua. O grande portão diminui lentamente ao passo em que o grupo de cinco meninos deixa a quadra para trás e segue em procissão rumo ao bairro que habitam. Sem pressa alguma, as brincadeiras, os xingamentos entre si e algumas faíscas implicantes de brigas que não duram, tornam o caminho ainda mais longo.

Entre uma pausa e outra, os guris atacam os ônibus que por ali passam e tentam conseguir uma carona até a parada situada mais próxima ao seu destino. Vez ou outra conseguem a tal cortesia. Sobem e descem pela porta da frente sem pagar, quando os cobradores autorizam. No entanto, o que mais os diverte não é a conquista do transporte

gratuito, mas a negação dele sinalizada por alguns motoristas. Para cada ônibus que se aproxima, os meninos se agrupam e gesticulam a solicitação. Alguns simulam expressões de cansaço ou mancam a fim de sensibilizar os condutores do coletivo. Para quem assiste, são verdadeiras esquetes a céu aberto. Os motoristas, entretanto, não se comovem facilmente, a maioria já conhece aquelas figuras. Alguns acenam ao longe a negação do pedido. Para os guris, aquele gesto é suficiente para uma reação bem ofensiva. A mímica do homem ao volante, atrás do enorme para-brisa, causa euforia no grupo. Em resposta, xingamentos sem restrições são endereçados entre pequenas pedras arremessadas em direção à lataria do grande veículo branco com detalhes em azul e vermelho.

- Ei para, para, para... Pau no cú! Filho da puta! Grita o coro saltitante em passos lentos.

Entre a poeira levantada pelo passar do ônibus, a silhueta dos pequenos corpos agrupados cai em gargalhadas enquanto seguem a marcha.

Os insultos continuam, agora entre si. Palavras malditas ou mal-entendidas servem de estopim para o contato físico. Entre eles há um código de ética complexo, sempre passível de interpretação. Provocar seu desafeto, falando mal de sua mãe, por exemplo, acarreta as piores penas. A caminhada continua, entre o empurra-empurra de uns, outros assistem rindo e incentivando as contendas iminentes. Mas, as brigas não são definitivas, algumas não passam de pirraças e logo aqueles que trocavam socos, chutes e agarrões, atijam as discussões entre aqueles que dos outros gargalhavam.

- Enquanto eles se matam a pau, eu fico só assistindo! Exclama

Binho em sorriso satisfeito.

No trajeto, tudo vira diversão. A rua em obras produz obstáculos que parecem deixá-los bem mais entusiasmados do que ficou para além daquele portão, essas alturas, já invisível. De esquina em esquina, alguns cavaletes sinalizavam futuras caixas de escoamento de água da chuva, posicionadas abaixo do nível do solo e conectadas por tubulações de concreto subterrâneas.



Fonte: Acervo pessoal.

Já passam das 12h30min quando as desavenças são suspensas e um novo brinquedo é inventado: atravessar de uma caixa a outra seguindo por dentro da tubulação enterrada a mais de um metro e meio do nível superficial da rua. A ocasião era única, os operários já haviam terminado o expediente. Os guris não perderiam aquela chance. Sem saber bem o que iriam encontrar, a tensão pairava alguns minutos sobre o grupo. Então, Vitinho se habilita como primeiro desbravador do túnel desconhecido. Ao descer a caixa, sua voz já se tornava ecoada e suas descrições do local percorriam as tubulações, chegando ao outro lado antes de seu corpo. Seus quatro companheiros aguardavam ansiosos e vidrados na caixa de saída. O apontar da cabeça de Vitinho foi suficiente para seus companheiros abandoná-lo e correrem à caixa de entrada, pois todos queriam experimentar aquela sensação.

Ali, na rua poeirenta e ainda longe de casa, o grupo de guris adentra à tarde. E o ronco das tripas é ignorado por mais alguns minutos da efêmera diversão. Talvez, após uma passada em casa e um lanche rápido, Vitinho e seus companheiros retomem o futebol em algum campinho adaptado num terreno baldio qualquer.

A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA: “NASCER LEVA TEMPO”

[...] como qualquer outra cartografia, seja qual for seu tempo e seu lugar, trata-se aqui da invenção de estratégias para a constituição de novos territórios, outros espaços de vida e de afeto, uma busca de saídas para fora dos territórios sem saída
(GUATARRI; ROLNIK, 2005, p.18).

O encontro com os quadros de Ana dão consistência a um problema que não está, especificamente, ali no subsolo de uma praça em Montevideu. Na velocidade acelerada de seus pensamentos ruidosos, o cartógrafo se vê imerso em inquietações supostamente deixadas há centenas de quilômetros de onde estava. No silêncio subterrâneo daquela galeria, os quadros se multiplicam aos olhos de seu espectador, ainda imóvel frente às telas. Ao reconduzir-se para a superfície de si mesmo, percebe que tantos outros quadros como aqueles, já compunham seu acervo particular há algum tempo. Engajado em descrever territórios geográficos e existenciais estabelecidos nas delimitações de PSE, notara, há algum tempo, a vulnerabilidade como o fio condutor em que elementos distintos, tais como esporte, controle da violência, políticas sociais, salvação, entre tantos outros, encontram-se, por vezes, conectados.

Nestas alturas, o cartógrafo já não sabe ao certo se ocupa um cenário de coincidências ou se porta um olhar viciado. O fato é que se encontra no meio e, assim, sente-se confortável. Não apenas no meio, por alusão a estar, literalmente, posicionado ao centro de uma galeria de arte, mas no meio, porque era dessa forma que localizava seu próprio pensamento. Aquela ocasião o permitia exercitar sua sensibilidade sobre um tema que até então, de maneira enfática, encontrava-se cercado de um receoso zelo acadêmico: os PSE e a naturalização de um público esboçado por contornos imprecisos. Tema, por sua vez, resultante de encontros anteriores àquele, do qual se percebia protagonista.

Sobre a proliferação dos PSE como agenciamento temático

[...]

Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado (CALVINO, 1990, p.14).

Algo acontecia em termos de pesquisa. O arranjo sobre o qual o cartógrafo se dedica, é precedido por investimentos, vinculados ao PPGEA¹⁰ e ao PPGEC, implicados em discussões que tangenciam sua operação cartográfica. Assuntos como vulnerabilidade social, PSE e Políticas de esporte, em algum momento, já haviam configurado fecundos objetos de análises para pesquisas interessadas em processos educativos, constituição dos sujeitos e gerenciamento de populações.

Em confluência, a cartografia orientada pela questão detonadora – quem são os vulneráveis dos PSE? – visa produzir mais uma engrenagem na maquinaria de pensamentos endereçados a esse contexto. Nesse sentido, a proveniência do problema de pesquisa, localiza-se no arranjo de ações teórico-metodológicas em torno de um tema particular: a crescente implantação de PSE na cidade de Rio Grande - RS no decorrer dos anos 2000. Tal temática consistiu em ponto articulador de múltiplos desdobramentos de pesquisa. Dentre eles, um dos movimentos fundantes, consiste na pesquisa vinculada ao Núcleo FURG da Rede CEDES¹¹ intitulada “Projetos Sociais Esportivos e a Produção de uma Política Pública de Esporte”. Com ela, teve início o mapeamento dos PSE em funcionamento e em fase de implantação situados na cidade de Rio Grande-RS, entre os anos de 2009 e 2011. A produção desse mapeamento se deu (Quadro 11), inicialmente, pela localização geográfica dos PSE distribuídos na cidade e pelo levantamento de informações sobre seus funcionamentos. O mapa foi produzido pelo contato direto estabelecido entre o grupo de pesquisadores e os proponentes ou responsáveis pelas iniciativas pesquisadas. Logo, obteve-se como resultado paralelo à pesquisa, a montagem de um “banco de dados”¹² produzido sobre os PSE da cidade

¹⁰ Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da FURG.

¹¹ Centros de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer.

¹² Uso a noção de “banco de dados” entre aspas, referindo-me aos arquivos resultantes do exercício de mapeamento dos PSE. Nesse sentido, indico tal acervo documental, chamando-o

composto por documentos, produções científicas, entrevistas e arquivos
midiáticos referentes aos mesmos.

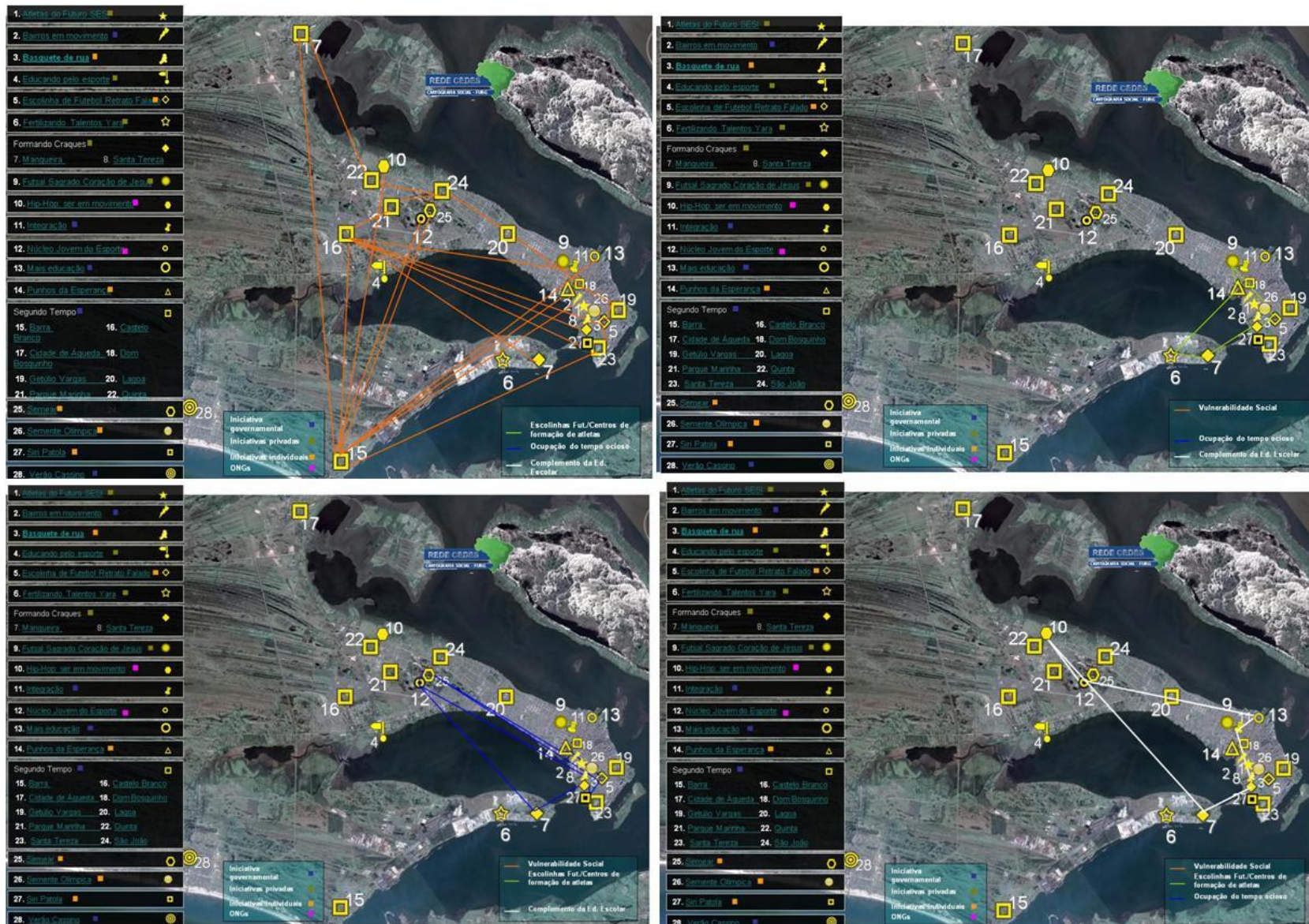


Quadro 11 - Esboço do mapeamento dos PSE em Rio Grande - RS entre 2009 e 2011
Fonte: Acervo pessoal.

A figura inicial do mapa (Quadro 11) materializou a suspeita que se desdobrara simultaneamente em problema central investido por uma tese de doutoramento, também vinculada ao PPGEC-FURG¹³ (2008-2012): a proliferação de PSE na cidade de Rio Grande. Frente a tal acontecimento, o referido trabalho se dedicou a problematizá-lo por diferentes modos de pensar e escrever, formatado em um conjunto de ensaios sobre a temática. Hecktheuer (2012) partiu da ilustração geográfica para potencializar um mapeamento de outra ordem, ou seja, do funcionamento dos PSE que mesmo na condição de planificações já operavam na constituição de sujeitos e nos mecanismos de gerenciamento das populações. Assumindo a escrita ensaística como possibilidade outra de mapear a proliferação de PSE, o autor destacou a potência biopolítica de tais iniciativas. Linhas de força e nós paradoxais evidenciaram contornos dos PSE como: uma questão de vulnerabilização e governo; uma estratégia que naturaliza a relação entre esporte e segurança; uma engrenagem a mais no funcionamento de mecanismos normalizadores.

Dos dois últimos investimentos de pesquisa citados, outros exercícios de pensamento foram acionados pelo Núcleo Rede CEDES. Deles, logo resultaram trabalhos de conclusão de curso de Licenciatura em Educação Física e outra série de ensaios apresentados e publicados em diferentes eventos acadêmicos. Na condição de grupo, foi assumido, desde os primeiros esboços, o compromisso em ensaiar sobre o desenho que se produzia e, por efeito, complexificá-lo em um emaranhado de pontos, linhas e nós, que redistribuíam constantemente suas dimensões (Quadro 12).

¹³ Tese defendida em 2012: Projetos sociais esportivos: ensaios sobre uma proliferação na cidade do Rio Grande - RS (HECKTHEUER, 2012).



Quadro 12 – Mapas produzidos com base na proliferação dos PSE na cidade de Rio Grande conectados pelas linhas temáticas referentes à inclusão, vulnerabilidade social, iniciativas setoriais, etc.

Fonte: Acervo pessoal.

As figuras produzidas foram utilizadas em determinado momento, na tentativa de materializar o comportamento abstrato da formação da rede que a proliferação dos PSE provocava. No entanto, era sabido que as figuras poderiam confundir e deslocar a atenção do leitor com relação à centralidade dos objetivos do mapeamento. No que diz respeito à criação das figuras (Quadros 11 e 12), tais suportes foram sistematizados da seguinte maneira: (1) Tomada do mapa da cidade como referência para localização dos PSE; (2) Indicação de uma operação cartográfica como forma de obtenção de informações sobre seus funcionamentos; (3) localização espacial da dispersão dos PSE, a fim de dimensionar suas zonas de intervenção com relação à distribuição territorial da cidade. Porém, não foi a cartografia dos geógrafos que moveu tal empreendimento. O mapa e o exercício localizador consistiram em ponto de partida, mas desde o início o trato dado a eles os posicionava apenas como mais um elemento heterogêneo que compunha a cartografia¹⁴ da proliferação dos PSE.

Por outro lado, embora isso tudo remeta a um conjunto de operações passadas, é impossível negar ou omitir sua importância como um agenciamento temático para tantas pesquisas. Reconhecer estes primeiros movimentos investigativos sobre a temática, se faz necessário, pois o processo de feitura do desenho intensificou a figura da rede, colocando todos PSE em correlação, mesmo quando desconhecidos entre si. Logo, as figuras produzidas funcionaram como diagramas estratégicos para desembaraçar possíveis associações equivocadas entre a utilização do mapa geográfico e a operação cartográfica acionada. Os pontos que localizaram os PSE em determinadas regiões do território riograndino, serviram como plano de imanência para o aparecimento das linhas (intensidades) que os conectavam e ainda os conectam. Nesse sentido, a figura representativa da dispersão dos PSE na cidade (Quadro 11), não foi o produto final de uma cartografia. A materialização do mapa produziu, sobretudo, um suporte para a ativação do

¹⁴ Cartografia entendida como próprio princípio do rizoma, que Deleuze e Guattari (1995) lançam mão para “sistematizar” o que chamam de teoria da multiplicidade. Rolnik (2006), define provisoriamente cartografia como “[...] um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (p.23). Tal “definição” parece mais próxima ao que foi empreendido frente aos PSE na cidade, ou seja, atentar para as relações das linhas de força que os põem em funcionamento e produzem o que se pode reconhecer como o acontecimento da proliferação, tomado para este projeto como um agenciamento temático.

exercício de pensamento dedicado às linhas de força constituintes dessa rede denominada, em determinado momento, rizomática.

Entretanto, para além do resultado de alguns investimentos de pesquisa citados, a retomada desse processo constitutivo, demarca a história das escolhas pelas quais o problema norteador desta cartografia se tornou possível. Potencializar a pergunta “**quem são os vulneráveis dos PSE?**”, como interrogação articuladora do problema desta tese, só foi possível pelo diagrama das linhas resultantes dos diferentes investimentos desdobrados do entendimento da **proliferação dos PSE como agenciamento temático**. Para isso, a noção do rizoma como figura de pensamento de uma teoria da multiplicidade, acessada pelas leituras de Deleuze e Guattari (1995), consistiu e ainda consiste em ferramenta indispensável, não apenas na produção do problema apresentado, mas no modo pelo qual uma operação de pensamento é disparada com e a partir dele.

Notas sobre o rizoma

Em *Mil Platôs 1*, Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) anunciam muito mais que um método ou procedimento a ser seguido. Nele, uma maneira de operar o pensamento, *rizomaticamente*, é proposta. A figura do rizoma, então, consiste no diagrama ilustrativo de suas teorizações, um emaranhado de conexões que só nos levam a outros rizomas.

Um livro tampouco tem objeto. Considerado como agenciamento, ele está somente em conexão com outros agenciamentos, com outros corpos sem órgãos. Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidade ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.11).

Pela figura do livro, os autores introduzem o conceito de agenciamento como uma espécie de motor da operação do pensamento. Em resistência a uma lógica binária, à lei do uno que se tornam dois e que estruturam o pensamento mais clássico, um agenciamento remete a “noção mais ampla do que as de estrutura, sistema, forma, processo, montagem, etc. Um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica, imaginária.” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p.381). Tem-se nele um conceito chave, e, por conseguinte, uma

primeira lição de método: a impossibilidade de explicar o rizoma, senão por demonstração.

Seguir sempre o rizoma por ruptura, alongar, prolongar, revezar a linha de fuga, fazê-la variar, até produzir a linha mais abstrata e a mais tortuosa, com n dimensões, com direções rompidas. Discutir a fórmula $(n - 1)$, em que Deleuze e Guattari (1995) trabalham com a noção de todas as possibilidades menos a única. Trabalhar sempre com a infinitude e nunca com a totalidade, “[...] é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele” (p.14). Esses foram alguns “princípios” (ou “anti-princípios”) colocados ao empreendimento do mapeamento quando já se estava no meio dele. Mas, por que rizoma? De onde vem? Como opera? Por que acioná-lo no decorrer de uma pesquisa e não em seu começo como grande parte dos referenciais teórico-metodológicos?

Fundada na teoria da multiplicidade de Deleuze e Guattari (1995), a noção de rizoma ativa um arranjo que escapa um percurso preestabelecido de um procedimento metodológico que define o ato de pesquisar. Mais que isso, ela aciona uma forma de pensar. Uma maneira de olhar para o funcionamento daquilo que se toma por objeto de pesquisa, observando-o em movimento. Nessa perspectiva, uma operação de pesquisa torna-se processo de produção; estabelecimento de conexões heterogêneas; um seguir e deixar pistas num constante mapear de subjetividades. Todavia, na tentativa de justificar de modo mais explicativo as implicações da escolha pelo que foi chamado de uma cartografia rizomática – enquanto condicionante do mapeamento da **proliferação dos PSE como agenciamento temático** –, segue algumas notas num breve exercício sobre o que consiste o pensamento rizomático.

Ao utilizar a figura do rizoma, os filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, caracterizam uma teoria que se opõem à noção de essência, da lei do uno, que orientam nossa maneira de pensar desde a antiguidade (FERREIRA, 2008). Teoria essa, que apoia a construção do pensamento moderno, no qual a recusa do que é imperfeito frente à filosofia da essência, da dialética, do dualismo, do desvelamento da verdade, perde espaço para verdades construídas por um saber que precisa ser cada vez mais comprovado racionalmente. Dentro da figura de pensamento utilizada pelos filósofos, o rizoma caracteriza o “aborto da raiz principal” (DELEUZE; GUATTARI, 1995,

p.14). O jogo de expressões advindo da botânica expressa um deslocamento fundamental para a teorização dos referidos franceses. A raiz que há muito simboliza a estrutura do pensamento ocidental deve ser colocada em suspeição.

A partir do abandono de definições e conceitos tomados *a priori*, os fundadores da teoria da multiplicidade apontam o primeiro e o segundo dos seis princípios que caracterizam esta figura: conexão e heterogeneidade. Assim, pontos heterogêneos se conectam, formam agenciamentos, um emaranhado de linhas, relação de força, que se ligam e se rompem constantemente, formando subjetividades, modos de pensar e viver. Com relação à operação que mapeou a proliferação dos PSE, foram esses dois princípios que permitiram a construção de agenciamentos que não se limitam a elementos da mesma natureza. Ao pensar o rizoma enquanto possível solo metodológico, operar com esses dois princípios permitiu (e ainda permite) a observação dos PSE na multiplicidade que os cerca. Entre inúmeras possibilidades, relacionou-se a localização geográfica e social dos PSE às características do público que eles visam atender; encontrou-se diferentes iniciativas de intervenções sociais ligadas ao esporte; notou-se a potencialização da produção de uma determinada camada da população: os vulneráveis; enfim, pontos transformaram-se em linhas de intensidade.

Produzir conexões, criar linhas de intensidade, implicou em novos movimentos, ou melhor, no que se pode operar por terceiro e quarto princípios desta forma de pensar: multiplicidade e ruptura a-significante. Multiplicidades enquanto linhas que deixaram de ser pontos em função das relações construídas em torno do objeto escolhido. Nesse sentido, a vulnerabilidade, as iniciativas dos proponentes, o trato com os esportes, as relações de gênero que se constituíam, foram algumas das linhas que compuseram a multiplicidade dos PSE. Proporcionar esses agenciamentos foi tomado como função de quem exercita uma leitura rizomática das coisas. Por conta disso, reconhecer e perseguir as multiplicidades que constituem os PSE foi assumido como prioridade operativa.

Por outro lado, o rizoma não é apenas construção, é desconstrução também. O processo de territorialização constante dos agenciamentos pode ser rompido a qualquer momento e em qualquer lugar por desterritorialização.

As conexões se desfazem com a mesma facilidade com a qual se tornaram possíveis, bem como, podem se reconectar a qualquer instante. Também é possível transpor essa volatilidade ao funcionamento dos PSE. A localização espacial não dá conta de capturá-los em sua totalidade porque, de modo geral, são limitados pela temporalidade. Nesse sentido, grande parte dos PSE interrompem suas ações com a mesma velocidade com que se proliferam, sendo que alguns já começam com data para terminar. Assim, chegou-se ao quarto princípio. A ruptura a-significante se fez presente no fazer cartográfico em muitos momentos durante o mapeamento. O exercício geográfico, de localização física dos PSE, não teve pretensão de continuidade, porém, jamais foi descartada a possibilidade de sua retomada.

Enfim, os princípios finais (quinto e sexto), tomados pelos próprios autores por método: cartografia e decalcomania. Cartografia enquanto “[...] um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 2006, p.23) e que, por sua vez, não se restringem a posições geográficas. A cartografia remete a um movimento constante. É impossível demarcar seu começo e seu fim. Nessa perspectiva, o papel do cartógrafo consiste apenas em dar “língua para afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2006, p.23). Com relação a esse princípio, o comprometimento em mapear/ensaiar PSE foi balizado pela atenção crítica ao tempo presente. Atenção concentrada e, ao mesmo tempo, aberta (KASTRUP, 2009).

Em contrapartida, enquanto a cartografia não tem começo nem fim, operar uma pesquisa exige registros. Para isso se decalca. Seria como fotografar, emoldurar, recortar momentos fixando-os em mapas reproduzíveis. Em vista da valorização do modo de pensar em detrimento da pesquisa científica considerada por Deleuze e Guattari, é importante destacar que cartografar não equivale a produzir decalques, contudo, é impossível pesquisar numa perspectiva, sem considerar este princípio: “é preciso sempre projetar o decalque sobre o mapa” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22). Nesse sentido, o mapeamento da proliferação dos PSE como agenciamento temático, em parte, foi assumido enquanto decalque. A fixação dos PSE em suas posições geográficas e sociais compõe um registro com tempo e espaços definidos. Os registros das linhas de intensidade produzidas através da operação de um

pensamento rizomático sobre os PSE, são apenas decalques. No entanto, a atitude de pesquisa e a inquietação que, por tais registros, ainda provocam estranhamentos acerca dos PSE, consistem em uma operação cartográfica que leva em conta o rizoma e seus princípios.

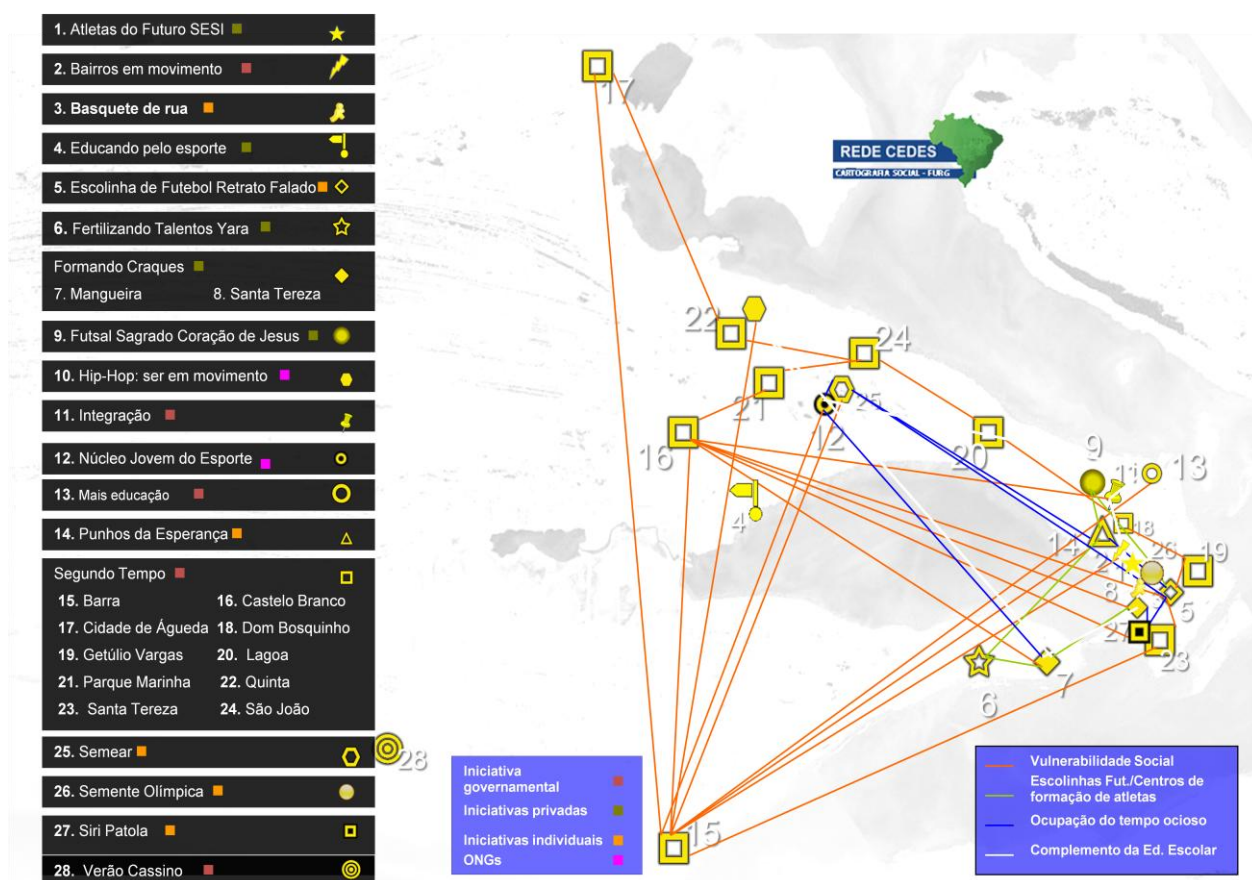
Do rizoma às linhas

Em síntese, as considerações sobre rizoma encaminharam um deslocamento necessário com relação ao mapeamento dos PSE. A produção das linhas não se limitou à demonstração relacional entre os pontos do mapa. Cada linha produzida indicava desdobramentos potentes para diferentes pesquisas. Mas, em que consistiram (consistem) tais linhas? Como e onde se tornam inteligíveis frente ao acontecimento da proliferação? O reconhecimento das linhas resultou de três movimentos: (1) o afastamento de possíveis relações causais entre as linhas; (2) seu tratamento como objetos a serem problematizados no plano individual e coletivo de forças; (3) o acionamento de exercícios ensaísticos sobre as implicações das mesmas no próprio pensamento do pesquisador-cartógrafo.

(1) Inicialmente, foi assumida como tarefa a destituição das linhas de qualquer associação possível dessas, com o campo das representações. Não foram elas apreendidas em conceitos nem formas pertencentes ao mundo das ideias correspondentes em signos sensíveis. Também não são estruturas lógicas ou fenômenos passíveis de dedução por métodos científicos. Tais hipóteses não eram convincentes. As linhas foram produzidas nos termos sugeridos por Deleuze e Guattari (1995): intensidades de ordens heterogêneas, favoráveis a conexões múltiplas e de vínculo impossível a qualquer processo de significação.

(2) Logo, a emergência das linhas sinalizou um coletivo de forças estabelecido na relação entre cada PSE mapeado. Cada ponto no mapa se constituiu não apenas pela materialização da sua intenção salvacionista através do esporte, mas, principalmente, pelas intersecções resultantes do entrecruzamento de linhas comuns. Tal constatação permitiu a identificação de um plano individual e coletivo de forças, pelo qual os PSE se tornaram possíveis na cidade e, portanto, passíveis de problematização.

(3) Frente a isso, foi assumida a estratégia do exercício ensaístico como forma de tornar tais linhas inteligíveis. O ensaio, então, tornou-se potente como instrumento cartográfico, não como escrita formal, típica de uma história da filosofia, nem como forma de expressão escrita, mas como efetivo exercício de pensar o acontecimento que consistiu a proliferação dos PSE. Essa estratégia permitiu uma apropriação operativa das linhas referidas nas figuras (Quadro 11 e 12), tornando-as passíveis de descrição: linhas da inclusão social; linhas de interesses setoriais; linhas de apropriações intencionais do esporte; linhas de redução do esporte às modalidades específicas como o futebol, voleibol e atletismo; linhas atravessadas por questões de gênero; linhas de constituição de políticas públicas. No entanto, um dos aspectos marcantes e insistente nos documentos, arquivos de mídia e relatos de gestores e dos próprios participantes dos PSE, foi a recorrente indicação da existência de uma parcela específica da população que necessita de intervenções através do esporte, aqueles que estão em situação de vulnerabilidade social, os vulneráveis.



Quadro 13 - Linhas da vulnerabilidade social
Fonte: Acervo pessoal.

A recorrência do aparecimento dos termos **vulneráveis** e **situação de vulnerabilidade social**, fez com que o desenho do fundo territorial da cidade fosse esmaecido, para que tal linha temática ganhasse destaque (Quadro 13). Dos trinta e um PSE mapeados na época (Apêndice A), apenas um justificou suas ações sem que fosse necessário classificar seu público através dos termos em questão. Tratava-se de um projeto de veraneio cuja proposta consistia em oportunizar atividades esportivas e de lazer para os visitantes da praia do Cassino¹⁵. Com exceção deste, todos os projetos registrados, sendo alguns mais enfáticos que outros, dedicavam suas propostas de intervenção a grupos específicos da população riograndina descritos, principalmente, por suas condições vulneráveis ou de vulnerabilidade social. Com isso, outro desenho foi possível (Quadro 13). Surgiam nesse momento o arranjo conhecido como **linhas de vulnerabilidade social**, linha sobre a qual este cartógrafo escolheu desdobrar seus atuais interesses de pesquisa.

Com relação à operação de pesquisa, referente ao problema da proliferação dos PSE, a reconfiguração do desenho foi assumida enquanto parte do processo de produção de agenciamentos. Exatamente nesse ponto, foi possível o reconhecimento da relação estabelecida entre PSE e vulneráveis como temática potente para projeção de outros investimentos cartográficos. Dentre outras linhas (ou temáticas) advindas do primeiro exercício de mapeamento, a noção de vulnerável que atravessa os PSE, em sua quase totalidade, e que, de modo geral, insistia em imprimir na infância e na juventude uma condição de incerteza que deve ser revertida ou alterada, tornou-se tema constante aos olhos do cartógrafo.

O acúmulo de registros resultante do processo de pesquisa, especialmente composto por documentos dos PSE acessados e algumas entrevistas com gestores e representantes dos mesmos, permitiu o início da realização dos esboços de um rosto. Indícios de uma possível personificação do vulnerável dos PSE. Com base nas letras mediadas pela sobriedade dos documentos, bem como nas falas que os cercam, essa denominação apreende grupos de pessoas ou determinadas regiões sob características como: **baixa-autoestima, baixa-sociabilidade, baixa-eficiência, dependência, risco de**

¹⁵ Bairro balneário Cassino, localizado a 26 km do centro da cidade de Rio Grande - RS.

drogadição e **trabalho infantil**¹⁶. São pessoas que constituem regiões **policarenciadas**, que fazem parte de uma **realidade crítica** e que necessitam, entre outras coisas, da **ocupação do tempo ocioso** e **ordenação do espaço público**. Em uma rápida passagem pelas propostas dos PSE, podemos dizer que sua dedicação se dá em agir no lado de fora do que eles nomeiam de social. Nesse contexto, parece que a utilização de palavras como **resgate**, **risco** e **sociabilidade**, não causam estranhamentos quando utilizadas para justificar a importância dos PSE àqueles tidos em situação de vulnerabilidade, às margens que separam o social daquilo que, supostamente, estaria do lado de fora.

Por outro lado, é possível observar que para além desses termos repetidos em diferentes manifestações dos PSE, há pouca dedicação em explicar quem seriam os vulneráveis que necessitariam ter seus modos de vida transformados pelo esporte. Mesmo assim, as demonstrações de vulnerabilidade social são realizadas sem desconfiças ao fixarem, em pessoas e lugares, etiquetas estampadas por **drogadição**, **violência** e **ociosidade**. Classificações que, além de destacar, diferenciam determinados sujeitos e posições de vida daquilo que, também sem muitos cuidados, afirmam como referente à sociedade, ao enfatizarem sua importância por estarem propondo ações **socializantes**. Afinal, frente a isso, caberiam algumas perguntas: o que estaria do lado de fora da sociedade? Ou, quais são os limites do **social** que delimitam uma **situação de vulnerabilidade social**? De quem parte a necessidade de iniciativas, como os PSE, diante de definições tão confusas, já que na tentativa de serem precisos acabam recorrendo a abstracionismos?

Ainda que pesquisar sobre PSE não seja novidade para a academia (ZALUAR, 1994; GUEDES, 2006; THOMASSIM; STIGGER, 2009; THOMASSIM, 2010; DAMICO, 2011; HECKTHEUER, 2012), lançar mão de uma pergunta objetiva, como citada anteriormente, parece pertinente frente aos efeitos que a proliferação dos PSE resultou. A pretensão de transformação social através do esporte abre brechas para pôr em cheque uma série de

¹⁶ As expressões expostas no texto grifadas foram retiradas de documentos e falas de gestores de alguns PSE mapeados na cidade de Rio Grande - RS.

argumentos, geralmente, absorvidos pacificamente, em detrimento de tudo que se pode bloquear ao atender a simples questões.

Pela perspectiva forjada no manuseio dos artefatos ecoados pelos PSE, tentar responder quem são os vulneráveis implica pensar os mecanismos de funcionamento pelos quais tais sujeitos são constituídos, colocando em dúvida a certeza com a qual a necessidade de PSE é aclamada. Nesses termos, parece pertinente pensar as linhas da vulnerabilidade social (Quadro 14) como um arranjo articulador de outros tantos agenciamentos possíveis, implicados em mecanismos de produção de sentido quando se tem em vista as reverberações da questão detonadora (Quem são os vulneráveis dos PSE?) como problema de pesquisa.

Ainda na esteira da formulação do problema, Silva (2008) também se articula ao arranjo deste projeto. Em sua pesquisa sobre *O discurso da vulnerabilidade social e os processos de constituição dos sujeitos “asematizáveis”*, destaca o quão recente é a utilização dessa terminologia.

Mesmo não estando presente em nenhuma constituição brasileira, [o termo] passa a fazer parte do cotidiano da população, assim como a ser recorrente em diversas legislações, principalmente, após a década de 80, absorvendo-a da área da saúde, quando foi amplamente utilizada com relação ao HIV/Aids (p. 27).

Interessada na emergência do termo vulnerabilidade social, a autora ressalta que seu aparecimento está, inicialmente, vinculado às questões da advocacia internacional se referindo aos indivíduos e grupos fragilizados, com base em aspectos jurídicos ou políticos, no período pós-guerra fria. Por outro lado, sua utilização foi amplamente potencializada na formulação de políticas voltadas para a saúde, especificamente, atreladas à temática Aids/HIV. Somente nos últimos anos foi possível notar a ampliação conceitual do vocábulo que passa a apreender situações de pobreza, fome, crime e violência. Tal trabalho contribui ao processo inicial de desnaturalização dos vulneráveis dos PSE, descolando o termo de uma condição arraigada, como um conceito universal que traduziria determinada condição de existência.

Frente ao cenário referido, o processo de construção do problema desta pesquisa, o qual dá consistência à cartografia em exercício, é resultado de uma produção individual e coletiva. Individual porque tais escolhas se articulam em um plano singular reunido na figura do cartógrafo ao ensaiar sobre seu próprio

pensamento diante de seus objetos. E coletiva porque só foi possível em meio ao arranjo localizado num problema que não é apenas do cartógrafo: a proliferação dos PSE como um dos pontos densos da rede problematizadora acionada. Logo, a questão “quem são os vulneráveis dos PSE?” é, antes de tudo, uma estratégia operativa com vistas à multiplicação de um problema que, notadamente, é reduzido a respostas objetivas. Materializada em estereótipos aceitos pacificamente, a vulnerabilidade tem sido tomada, indiscriminadamente, como condição universalizante de singularidades múltiplas.

TÓPICOS PROCEDIMENTAIS

Sobre o ensaio como estratégia cartográfica

Não se sabe se Kublai Khan acredita em tudo o que diz Marco Polo quando este lhe descreve as cidades visitadas em suas missões diplomáticas, mas o imperador dos tártaros certamente continua a ouvir o jovem veneziano com maior curiosidade e atenção do que a qualquer outro de seus enviados ou exploradores (CALVINO, 1990, p.9).

O cartógrafo se ensaia, atira-se em itinerâncias sem prever itinerários e assume como sua, a tarefa de estar no meio. Coloca-se *intermezo*. Como um surfista em seu devir-onda, atira-se às superfícies, disponível às nuances que contornam as paisagens fronteiriças que habita (Lins, 2008). Lida, permanentemente, com o desassossego provocado pelo não convencimento de projetar, estruturar e executar pesquisas com início, meio e fim bem definidos. Prefere, ao invés disso, demonstrar suas operações, de modo a evitar conduzir seu pensamento por imagens que emoldurariam objetos em palavras.

Contudo, para ele, pesquisar pressupõe sempre partir de *a priori*, isto é inevitável. Ainda que a racionalidade científica tente amenizá-los pela exigência de suspeitas bem apresentadas, sempre há apostas sobre os objetos investidos. O cartógrafo, também, parte sempre de algum lugar que, dificilmente, configura-se como um início neutro convincente por imparcialidade. Embora, um lugar outro, ainda assim, um lugar. Lugares outros, territórios sensíveis, transitórios, movediços. Por isso, tenta de modo insistente expor suas escolhas procedimentais como único modo de falar/escrever sobre/com seu ofício. Para ele, a cartografia é possível apenas em exercício.

Aqui, o exercício cartográfico parte de um plano, de uma perspectiva produzida pelos efeitos de intercessões heterogêneas, resultantes de encontros com documentos, com pessoas envolvidas em diferentes níveis com projetos sociais, com crianças e

jovens habitantes da zona oeste da cidade de Rio Grande, interlocuções com leituras de Foucault e de Deleuze, escritas, entre tantas outras coisas e pensamentos. Assumir a cartografia da proliferação dos PSE como agenciamento temático, é colocar-se *intermezzo*. Jorge Larrosa (2003), quando inspirado em texto de Theodor Adorno (O ensaio como forma), provoca que pensemos o ensaio como outro modo de ler-escrever-ler. Um modo de *escritapensamento* que intenta cavar fluxos de respiro frente à imposição claustrofóbica que orienta a comunicação acadêmica. O ensaio, outrora qualificado como tal, justamente para se posicionar fora das delimitações da academia, aparece como forma de borrar as regras de pureza e o desejo de objetividade, ainda tão privilegiados no processo de legitimação do conhecimento.

Nessa esteira, acionar a noção do ensaio, não requer reivindicações acerca da escrita acadêmica como forma, ou melhor, um modo de formatação da linguagem escrita, mas, como uma possibilidade do cartógrafo ensaiar sobre si mesmo enquanto opera seus mapas. Trata-se, portanto, menos de um estilo de escrita do que um estilo de condução do pensamento imbricado, inevitavelmente, num processo de ler escrevendo, bem como escrever lendo, na interação com os territórios sobre os quais transita. Nesses termos, o cartógrafo está sempre no meio. No meio, é impossível a precisão do início ou a estimativa do fim.

[...] o ensaio não adota a lógica do princípio e do fim, nem começa pelos princípios, pelos fundamentos, pelas hipóteses, nem termina com as conclusões, ou com o final, ou com a tese, ou com a pretensão de ter esgotado o tema. O ensaísta inicia no meio e termina no meio, começa falando do que quer falar, diz o que quer e termina quando sente que chegou ao final e não por que já nada resta a dizer, sem nenhuma pretensão de totalidade. [...] sempre se começa pelo meio, sempre já se está em alguma coisa, dentro de alguma coisa. E também se termina pelo meio (LARROSA; 2003, p.112 -113).

Michel Foucault, intercessor de Paul Veyne (2011, p.49), o permite afirmar: “[...] sempre somos prisioneiros de um aquário do qual nem sequer percebemos as paredes”. Considerar a condição devir-peixe-de-aquário, permite ao cartógrafo ensaiar sobre seu próprio pensamento como uma escolha procedimental. Logo, ensaia-se não como um exercício literário, como forma de expressão. Mas, ensaia-se como o exercício permanente motivado em esgarçar os limites do seu próprio pensamento. Ao passo que ao ensaiar, o cartógrafo é incitado a provocar a si e aos outros: como fazer para embaçar, pelo menos em parte, as paredes de vidro (com vistas à tocá-las) que nos cercam? Nas palavras do filósofo francês, o ensaio aparece como acesso à filosofia, por sua vez, entendida como o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento.

O “ensaio” – que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação – é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento (FOUCAULT, 2012a, p. 15-16).

Nesses termos, o cartógrafo assume o ensaio como um modo de radicalizar, pelo exercício crítico, o caráter transitório de si e dos objetos de que fala. Cartografa, então, para testar os limites do aquário, fazer aparecer suas paredes ou parte delas, desestabilizá-lo e, de algum modo, fazê-lo vazar. Para isso se põe atento aos devires, à espreita do que está deixando de ser para vir a ser outro, sem a preocupação de antecipar o que virá, mas, sobretudo, colocar-se atento ao que está sendo. Nesse sentido, o presente é puro devir e, objetivamente, cartografar é se por às margens e ali se contentar com a imensidão perigosa da incerteza. Nem lá nem cá, mas no tensionamento que faz borrar as linhas divisórias que diferenciam o, por vezes os indiferenciados, dentro e fora.

O pesquisador vai a “campo” I

O pesquisador vai a “campo”. Acorda pesquisador como se nunca fora. Lança o primeiro jato de urina da manhã como pesquisador. Toma um café amargo, alimentando entre um gole e outro a expectativa, o medo, a coragem e o anseio. Tudo junto, tudo confuso, tudo meio a seco. Arruma-se, é detalhista. Discreto, mas nem tanto, é necessário que o corpo e sua imagem poupem explicações. Apresenta-se pesquisador não só com a fala. Acha importante radicalizar a linguagem. Sua postura de pesquisador diz muito mais que uma carta de intenções. Todavia, considera certa calibragem: seriedade demais pode ser repulsiva para a ocasião; intelectualizar demais, também, pode afastar mais do que atrair. Lembra-se de tomar cuidado com a dosagem das palavras e observar particularidades de cada pessoa que lida. Cada um ao seu limite. Tantas coisas povoam os pensamentos do pesquisador. Ele nem saiu de casa.

O caminho se esvai num estalar de dedos. O último fôlego antes do fato consumado é engolido por um tempo que não espera preparações. Num piscar de seus olhos atentos e treinados, já se está à frente, apertando mãos, lançando sorrisos que se pretendem sedutores e banhado em uma dose de incertezas. Solicita atendimento de alguém ou acesso a algo. Tudo pode ser importante. Tudo deve ser considerado importante. Do pesquisador, nenhum detalhe pode escapar. Porém, entre planificações e materializações há um abismo. Um tropeço é suficiente para trincar a armadura de pesquisador e, por efeito muita coisa se perde. Nem é bom pensar! Já basta o exercício prévio de antecipar acontecimentos que ao fim e ao cabo, não lhe garantem nada. Frente a isso, o que resta é manter-se pesquisador, ajustando o castelo de areia construído em frente ao espelho.

Como num primeiro encontro imaturo, o *script* se fragiliza em rotas fugidias entre o pensamento e a palavra. O corpo não sustenta, perfeitamente, aquela postura cuidadosamente elaborada diante do espelho. O sujeito a quem emite seus signos, não segue o roteiro que o impulsionara até lá. Frente a frente tudo é mais instável. Talvez não seja dada a devida importância ao pesquisador, pensa ele em autocrítica. Tanto preparo para uma conversa apressada e um agendamento ao bendito “campo”. As réplicas não se encaixam. O acesso ao “campo”, por sua vez, não se dá de modo passivo. Pelo contrário, seus guardiões também dão suas cartadas. Tão preparados e tão inseguros quanto o pesquisador, tentam impor o seu próprio *script*. O pesquisador saliva certa frustração, embora retorne para casa com uma ponta de esperança. Seu saldo: nada que valha registros analíticos. Tudo lhe remete a *déjà vu*.

Ensaio, ensaiar, ensaiar-se; escrever lendo, ler escrevendo; *escritapensamento*. O cartógrafo encontra em Larrosa (2003; 2004) uma estratégia para produzir problemas e reconhecer limites, tanto com relação ao seu objeto, quanto as suas próprias escolhas procedimentais.

[...] Embora tenha sustentado o projeto de tese em registros, aqueles, não são da mesma ordem dos que me move daqui por diante. Objetivamente, os registros que me ponho a produzir são resultados da demanda com relação à própria cartografia, de estabelecer uma relação corporal com tais projetos e programas, ou melhor, uma forma de acessar corporalmente crianças e/ jovens que constituem o público atendido por essas ações programáticas.

Contudo, o que denomino de acesso ao público se torna incômodo para posição que ocupo. O que não se equivale a algum tipo de medo ou receio em me deparar com esses jovens e conviver com eles. Pelo contrário, minha disposição em ir até os projetos vai ao encontro de um desejo que há muito tempo me acompanha no processo de pesquisa. Falo em desejo porque desde os primeiros *insights* que decorreram na elaboração do projeto de tese, o acesso aos projetos em seu funcionamento físico/efetivo manifestava-se potente. Porém, algum ruído bloqueava a ida objetiva até eles como sendo uma providência pertinente à pesquisa. A atitude de ir ao seu encontro, revestida por uma estrutura metodológica, enquanto um ir a campo causava certo incômodo frente aos efeitos do exercício realizado durante um bom tempo em que me debrucei sobre materiais de outra ordem como: documentos, artigos de mídia impressa e registros de conversas com proponentes. Materiais pelos quais foi possível elaborar análises que indicam a potência produtora e inventiva de determinados modos de vida concentrada na materialidade das intenções transformadoras que, inevitavelmente, consistem na espinha dorsal de grande parte dessas iniciativas, sejam advindas do Estado ou não.

Diante deste impasse, passei a vasculhar o material acumulado abordando-os em tom irônico com a pergunta: quem são os vulneráveis de tais projetos? O fundo irônico da questão já indica sua pretensão desestabilizadora, pois bastava passar os olhos sobre as primeiras páginas dos documentos para obter respostas tão objetivas

quanto à pergunta. Os vulneráveis saltitavam pelas linhas, citações recuadas, tabelas demonstrativas. Lá havia localizações geográficas, condições socioeconômicas, faixas etárias, nível de escolarização, entre outros marcadores que pontuavam cada curva dos contornos de um modo de vida vulnerável pelo qual, jovens e crianças, deveriam atravessar para acessar as atividades ofertadas pelos projetos.

Muito dessas impressões, já houvera me desestabilizado há alguns anos. Refiro-me, especificamente, às formulações e aos argumentos constituídos quando, na condição de estudante do curso de licenciatura em educação física, estive envolvido com tais iniciativas. Através de pesquisas acadêmicas e três períodos de estágio na Secretaria Municipal de Turismo, Esporte e Lazer do Município de Rio Grande-RS, convivi de perto com processos de implantação, atuação docente, elaboração de críticas, avaliação, entre outras funções confluentes a programas e projetos sociais esportivos.

Como acadêmico, participei na condição de pesquisador iniciante, de um projeto financiado pela Rede CEDES, referente aos funcionamentos dos núcleos do Programa Esporte e Lazer da Cidade¹⁷, entre os anos de 2007 e 2008. Nesse período, tive oportunidade de me aproximar do funcionamento de tal programa em três cidades da região sul do estado: São Lourenço, Santa Vitória e Bagé. Para além do contato com documentos e gestores das três cidades, percorri todos os núcleos situados na cidade de Bagé, dos mais centrais aos mais periféricos. Entre um núcleo e outro, conversei com diferentes participantes, das crianças aos idosos, bem como professores e monitores responsáveis pelas ações.

Já nos períodos em que estagiei na SMTEL, acompanhei o processo de implantação da segunda edição do programa Segundo Tempo¹⁸ em dez bairros da

¹⁷ O Programa Esporte e lazer da Cidade (PELC), desenvolvido por intermédio da Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (Snelis), proporcionar a prática de atividades físicas, culturais e de lazer que envolvem todas as faixas etárias e as pessoas portadoras de deficiência, estimula a convivência social, a formação de gestores e lideranças comunitárias, favorece a pesquisa e a socialização do conhecimento, contribuindo para que o esporte e lazer sejam tratados como políticas e direitos de todos. (<http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/esporte-educacao-lazer-e-inclusao-social/esporte-e-lazer-da-cidade/programa-esporte-e-lazer-da-cidade-pelc>)

¹⁸ A atuação da Secretaria Nacional de Esporte Educacional do Ministério do Esporte está pautada, sobretudo, na execução do Programa Orçamentário Vivência e Iniciação Esportiva Educacional Segundo Tempo. O Segundo Tempo como Programa Estratégico do Governo Federal tem por objetivo

cidade de Rio Grande. Durante três semestres, entre os anos de 2008 e 2009, convivi com a realidade de diferentes bairros da cidade. Acompanhei processos de escolha e instalação dos núcleos, de seleção e capacitação de coordenadores e monitores, de reuniões com gestores e lideranças comunitárias, de estratégias de divulgação das atividades, entre outras incumbências referentes ao programa. Também, foi por essa oportunidade que vivenciei os enfrentamentos das dificuldades diversas, emergentes já nos primeiros momentos do processo de implantação. Os entraves burocráticos, os interesses políticos, os diferenciais de demandas entre o projeto e seu público formavam alguns tópicos que bloqueavam ou despontencializavam o funcionamento efetivo das ações nos bairros. Nos dez núcleos, a estimativa do atendimento a cem crianças e jovens, passou longe de ser atingida. O sentimento de decepção por minha parte foi inevitável. Minha avaliação sobre as metas inalcançadas e a expectativa frustrada confirmava minha análise sobre um fluxo que, naquele momento, era único e que implicava na responsabilização de tais efeitos negativos ao próprio processo de gestão do programa.

De certa forma, com relação a essa última, havia em minhas impressões alguns resquícios da experiência anterior, referente a minha atuação acadêmica, alicerçado num referencial pelo qual o exercício crítico parte sempre da responsabilização do Estado. Faço esse destaque por ter sido algo marcante em minhas experimentações com projetos e programas sociais esportivos, que partia de um tipo de pré-concepção de que, se algo não funciona como o previsto, a responsabilidade do sucesso ou fracasso das ações era remetida sempre a determinados equívocos durante os processos de planejamento e execução. A necessidade de tal programa e projeto ou, até mesmo, a importância do esporte para dada realidade eram inquestionáveis. Se o número de crianças e jovens não eram atingidos, por exemplo, tratava-se de efeitos dos prováveis equívocos durante a divulgação, pois a existência do público-alvo e do desejo destes sujeitos em praticar determinados esportes era uma certeza. A eficácia

de tais iniciativas alinhadas ao objetivo de reversão das situações de vulnerabilidade, risco, drogadição, prostituição, tempo ocioso, não motivavam estranhamentos.

No entanto, como consequência de minha aproximação com outra pesquisa, também financiada pela Rede CEDES, agora na FURG, instituição em que desenvolvi meus estudos de mestrado e doutorado, pude desestabilizar muito dessas impressões. O projeto de mapeamento dos programas sociais de caráter esportivo em funcionamento na cidade de Rio Grande, entre os anos 2010 e 2011, fizeram-me entrar em contato com iniciativas que extrapolam as ações do Estado, ainda que muitas, na contramão do habitual, desejam acessá-lo para se manter com financiamento público. Além disso, iniciativas da indústria, constituindo aquilo que se convencionou chamar por segundo setor, pontuavam fortemente o mapa, sob a justificativa de responsabilidade social, através de ações voltadas para infância e juventude, tendo no esporte um meio legítimo para se manifestarem. Desse processo, 32 projetos e programas esportivos foram encontrados em funcionamento no mesmo período na cidade. Alguns situados nos mesmos bairros, compartilhando o mesmo público. Tal configuração possibilitou ao grupo de pesquisadores, do qual faço parte atualmente, reconhecer a proliferação daqueles investimentos enquanto um acontecimento recente na cidade. A emergência de um conjunto de iniciativas sociais, pautadas em atividades esportivas para crianças e adolescentes, dirigiam-se ao encontro do momento de expansão econômica, populacional da cidade, bem como, inevitavelmente, ao aumento da criminalidade, violência, pobreza, entre outros indicadores que assombram o desejo de certo ritmo ordenado do funcionamento social.

Com base no reconhecimento desse acontecimento, chego ao meu problema de pesquisa, arranjo em que venho confeccionando minha tese de doutoramento. A regularidade com que é tratada a existência de uma população classificada como vulnerável, em risco, de risco, para recortar crianças e jovens que necessitariam de intervenção nos seus modos de vida por meio de atividades esportivas, tornou-se ruidosa em sua recorrência pelas linhas dos documentos, registros e falas daqueles que representavam as proposições das ações mapeadas. A certeza com que proferiam

sua necessidade frente ao reconhecimento da urgência de tornar mais dignas algumas formas de vida, tornavam os projetos e programas pretensiosos em excesso pelas assertivas utilizadas para afirmar sua importância na transformação daqueles que visavam atender. Afinal, como é possível concretizar suas promessas? Quem realmente necessita desses projetos? Quem são os vulneráveis de programas e projetos sociais esportivos? Como é encontrado/criado/capturado/inventado tal público?

Interrogações desse tipo têm orientado a leitura que tenho feito de diferentes programas e projetos sociais esportivos. Minha inquietação frente à notada naturalidade com que crianças e jovens são tomadas como vulneráveis, ao serem enxertadas por uma série de características que as estigmatizam como sujeitos potentes a se tornarem ameaças sociais por serem quem são, viverem onde vivem, conviver com quem convivem. Ao tensionar um pouco mais tal quadro, me inquieta o posicionamento excessivamente antecipatório com que determinada mostra populacional é generalizada por estereótipos de violência, criminalidade, pobreza, entre outros, de modo a tornar suas vidas indignas de serem vividas. Estigma carimbado não só nos indivíduos, como no território em que habitam, já que determinados bairros também incorporam tais características.

No entanto, a referida generalização não parte desses projetos e programas, mas é apenas reforçado por eles. A existência de demanda é um *a priori* consensual, por isso, ao iniciarem um processo de implantação em determinado bairro, tais iniciativas não são vistas com estranhamento. A explanação de características estereotipadas e generalizantes são ativadas como um pré-requisito para que os projetos se materializem. Embora, sua demanda seja destacada, no apontamento de um público necessitado de intervenções, é curioso quando um projeto baseado no atendimento de determinado número de atendidos não atinge suas estimativas, como no caso relatado anteriormente. Neste caso, retirando a hipótese da deficiência de divulgação, qual seriam os motivos de tais projetos não atingirem o número de crianças e jovens estimados antes mesmo de sua instalação? A pergunta ecoa por diferentes projetos, bairros e realidades. Assim como não é estranho indicar

seu público *a priori*, também não é incomum que não consigam exercer seu planejamento plenamente. Nesse sentido, perguntar *quem são os vulneráveis dos projetos e programas sociais esportivos* assume uma proporção irônica, provocativa, desconcertante dessa realidade que reverbera do meu relacionamento com iniciativas desse tipo há alguns anos.

Ao exercitar o pensamento sobre meu receio de ir até os projetos e programas, visitá-los fisicamente durante o funcionamento de suas atividades com crianças e jovens, pergunto-me até que ponto não fortaleceria a ideia *a priori* de que tais estereótipos existem e fixam em diferentes modos de vida uma única classificação. O que era, durante minhas vivências como acadêmico de educação física e estagiário da SMTEL, tomado como óbvio por mim, hoje se encontra borrado por teses que aproximam tais ações a uma governamentalidade que não está enraizada exclusivamente no Estado. Meu olhar sobre essas fronteiras esfumaçadas que esquadrihavam concepções bem definidas, hoje, se conduz por um exercício problematizador, convocando-me a pensar que a relação tomada, pacificamente, entre projetos e programas sociais esportivos e seu público-alvo, talvez, não seja tão simples assim. Por isso, ir aos projetos e programas se torna caro e difícil para que eu tome como algo indissociável à pesquisa. Não em função de uma simples escolha metodológica, mas por colocar em cheque minhas próprias convicções de que chegar até as crianças e jovens, pressupondo me encontrar com vulneráveis seria, justamente, potencializar a resposta em detrimento da manutenção da pergunta (Registros de viagem; março, 2014).

Pelo ensaio como exercício crítico, o cartógrafo tensiona suas escolhas o tempo todo. A atitude orientada pela disponibilidade em acompanhar processos, o coloca, muitas vezes, diante de caminhos bifurcados, cuja segurança de passadas projetadas nem sempre podem ajudar. Por isso, define seu ofício como sendo a atitude que o move. Como efeito disso, materializa seu exercício de pensamento pela descrição das linhas de força, por sua vez, entendidas como eixos de inteligibilidade pelos quais se desdobram o problema investido. Nesse sentido, o que torna possível o trabalho do cartógrafo é a história das suas escolhas. Nela, o espaço para projeções é sempre limitado.

Volta amarga

A cena se repete numa constância que o acompanha de volta a sua casa. Seus pensamentos girando em frequência bem mais lenta tornam a distância da volta bem maior que a de ida. Certo de que não seria tão fácil, o pesquisador se conforma em elaborar estratégias de aproximação. Percebe que é preciso fugir das descobertas guiadas. Não é de passeio que se trata. Necessita de brechas para trabalhar à vontade. Se pega maquinando diferentes meios para acessar condições mais favoráveis. Quer liberdade suficiente para flunar sem muitas explicações e constrangimentos. No entanto, sente tudo amortecer num constante “nós e eles”. Se fosse possível romper a polarização. Mas, como rompê-la?

Em contrapartida, as escolhas que o cartógrafo faz resultam das interlocuções que estabelece com seus intercessores. Seja um livro de filosofia, uma proposta documentada, um quadro em uma galeria ou uma conversa com alguém em um encontro despropositado, sua atenção se mantém sintonizada aos seus problemas. Essa é uma lição localizada na interface que Deleuze e Guattari (1995) estabelecem com Foucault.

A cartografia como o método indicado em *Mil Platôs* é, sobretudo, um modo de conduzir o pensamento às bordas de um problema de pesquisa, atentando para com suas multiplicidades e à espreita das linhas heterogêneas que o desenham. Neste caso, um estrato da população, a quem determinados projetos sociais endereçam seus cuidados através do esporte: aqueles que ocupam uma condição vulnerável. Reforça-se, com isso, a definição provisória elaborada por Suely Rolnik (2006) que descreve a cartografia como um desenho que se forma simultaneamente às transformações da paisagem. Desenho com traços de múltiplas intensidades que margeiam determinados acontecimentos.

A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos (p.23).

A formulação da pergunta detonadora como problema de pesquisa não surgiu antes da escolha dos procedimentos como tema isolado ou desinteressado. Foi resultado da própria operação. Uma cartografia se tornou possível a partir do exercício crítico disparado pela **proliferação dos PSE como agenciamento temático**. Embora lá, cartografia tenha assumido certa centralidade em termos de questões de método - escolha feita através de leituras advindas da Psicologia Social¹⁹ (FONSECA; KIRST, 2003; ROLNIK, 2006; PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010) antes mesmo do acesso a Deleuze e Guattari (1995) - o que dela se mantém é a sua atitude, seu perspectivismo, que mantém em jogo uma operação/experimentação como *ethos* de pesquisa, ou como Kastrup (2009, p. 34) aponta, caracterizando uma “política construtivista”²⁰. Com isso, um cuidado se torna necessário: não atribuir à cartografia o

¹⁹ O uso do termo vem do primeiro trabalho de perseguição bibliográfica, que aconteceu seguindo pistas e realizando buscas por materiais referentes à cartografia. Nesse processo, nos encontramos com alguns textos advindos de um grupo de pesquisadores vinculados ao campo que se tem denominado por Psicologia Social, em que a cartografia vem sendo operada, experimentada, praticada, como atitude diante da pesquisa.

²⁰ Virgínia Kastrup (2009, p. 33-34), interessada nos mecanismos de funcionamento da atenção do cartógrafo, diferencia “políticas construtivistas”, remetendo-a ao modo inventivo de produção do

status metodológico de uma pesquisa. Ficar com sua atitude tem sido suficiente para o cartógrafo. Reconhecê-la em sua potência operativa e produtiva do problema de pesquisa, já é o bastante frente às escolhas de método exigidas por um impulso problematizador.

O pesquisador vai a “campo” II

Sem produzir muitas saídas, aceita os convites que aparecem. Mais uma vez o pesquisador vai a “campo”. Seu ritual já não transmite tanta confiança frente ao espelho. Ainda assim, prepara-se, ajusta seus sentidos. Algo deve captar. Não é isso? O pesquisador, então, vai a campo com a certeza que deve captar. Seja uma fala, uma imagem, uma frase de efeito que irrompam as formalidades e o faça dizer: é isso! Parte o pesquisador para mais uma tentativa.

O cenário é interessante, mas a sensação é de que faltam atores. O encontro ocorre num cômodo de um casebre a meia luz. Portas quebradas, janelas e paredes se desfazem em tintas desbotadas. Os móveis surrados pelo tempo e pelo uso anunciam descaso. Por ali nada que fugisse a um *setting* de terror não fosse o fato de se tratar de uma associação de moradores de bairro. A conversa se dá deste ambiente que por si só diz muitas coisas. O vazio prevalece no casebre lembrando que pouco movimento há por ali. O semblante da mulher sentada diante do pesquisador fala antes mesmo que sua voz saia pela boca. O descrédito no olhar grita mais alto que suas respostas explicativas às perguntas do pesquisador. A depoente deixa escapar entre frases quase decoradas, já ditas em tantas outras entrevistas, seu descontentamento com a falta de condições necessárias de trabalho. No fundo, é isso que ela quer dizer. Mas, o pesquisador insiste em achar brechas para acessar os jovens que por ali passam. Mas para ela, pouco importa o que o pesquisador deseja. Fala sem parar como se falando pudesse mostrar a todos sua frustração em fazer parte de algo que ela própria pensa que deveria ser de outra forma. “Todos nós sabemos que o esporte não salva ninguém” diz ela emendando, paradoxalmente: “mas, eles precisam do projeto aqui”.

Ali se passa algo que constrange o pesquisador. Como em uma cena decorada seus textos se complementam. Às vezes, o sujeito pesquisado parece mais preparado para aquele momento do que o próprio pesquisador. Pode ser uma questão de experiência, provavelmente aquela mulher tenha participado de muito mais pesquisas que o próprio pesquisador. Perguntas, respostas, desabafos e depoimentos se espalham pela pequena sala num ritmo familiar. Algumas voltas e a conversa traz a sensação de retorno no ponto inicial. O pesquisador se sente despotencializar pouco a pouco. É necessário fazer render, fazer falar, possibilitar relatos que façam valer a pena estar ali.

Enquanto o pesquisador lida com seus conflitos mentalmente, a mulher fala. Antecipa o roteiro sem que o pesquisador pontue. Ela também já viu esse filme. Explica com frequência o que faz por ali, seja pra outros pesquisadores ou pra própria chefia. Explica tanto que nem precisa ouvir perguntas para dar respostas. Reclama tanto da chefia, quanto da própria posição de participante da pesquisa. Entre um relato e outro, deixa escapar com certo tom irônico: “isso já falei em outras pesquisas e nada mudou”.

O pesquisador toma por certo: “ainda está longe”. Sentir-se pesquisador, realmente, não garante nada. Uma conversa longa sem surpresas, sem afetos. Quantas conversas são necessárias para que algo salte? É melhor não levar as coisas para este lado. Todavia, há pouco tempo para deixar as coisas acontecerem. É preciso fazer acontecer sem ser grosseiro, sem forçar demais a barra. O pesquisador percebe que vai a campo encharcado de intenções, boas e más. Seus ajustes, seus preparos, suas antecipações nada mais são do que o exercício de expectativas que o envolvem e o movem até determinados lugares, ou lugares determinados por ele mesmo ou por conveniência. O pesquisador se percebe desgastado. Deixar-se a deriva se torna quase impossível. Quanto mais tenta despir-se das estruturas, mais imbricado se vê em

modelos ou categorias que não lhe causam tanto estranhamento quanto esperado.

Com isso, a questão “**quem são os vulneráveis dos PSE?**” como o problema que acompanha o cartógrafo, é consequência da operação nomeada entre 2009 e 2011 como cartografia da proliferação dos PSE. Problema que é fruto dos desdobramentos que mantêm uma relação de continuidade com aquele empreendimento, ao assumir **as linhas de vulnerabilidade social** como temática potente para outros investimentos. Porém, não se trata de uma relação arbórea, é preciso entendê-los como parte do rizoma, cuja relação não se estabelece em uma escala hierárquica.

O pesquisador vai a “campo” III

Na terceira tentativa já não lhe resta tanta expectativa. Já parte para o campo sem muitas pretensões. O lugar é outro, mas a levada dos acontecimentos é insistente. Alguns minutos de conversa são suficientes para perceber que a estratégia de acesso ao campo pela “porta da frente”, com certa porção de formalidade, acaba por constituir um bloqueio. O depoente prefere falar de si e verbalizar aquilo que bem entende e como bem entende.

“Onde estão as perguntas que tenho de responder? Irás anotar em algum lugar? Gravar? Ou será questionário?” inquire a mulher ao pesquisador. E mais do que ele, ela possui um estereótipo de pesquisador bem definido. E a figura que se põe a sua frente não parece muito com o que ela esperava. “Onde estão as perguntas?”, para ela toda pesquisa com pessoas parte daí. “Achei que terias uma série de perguntas pra mim”, já participei de pesquisas antes. “Então, do que se trata?”

O pesquisador logo percebe que não se trata de uma depoente novata. E assim como na ocasião anterior, a mulher tinha muito a falar. De tudo, pouco se aproveitou. Também fala como deveriam funcionar as coisas por ali, indicando sempre outro modo de proceder que não aquele apresentado. Demonstra descontentamento com o que tem para relatar. Trata aquele momento como uma sessão avaliativa. Entre justificativas e julgamentos, quase tudo que a mulher conta diz respeito à posição que ocupa e sua relação com seus superiores. Sinaliza problemas estruturais como explicações do cenário encontrado: uma quadra poliesportiva e alguns meninos jogando futebol por conta própria.

Como um golpe derradeiro a ocasião coloca à prova o pesquisador e sua autoimagem. Sua pretensa casca de pesquisador se racha pouco a pouco, campo a campo. Faz-se urgente novas estratégias.

Do encontro com Foucault cartógrafo

Nessa esteira, cartografar consiste em uma forma de atentar para o que se movimenta, para o que se desloca e, até mesmo, para o que deixa de ser. A linha da vulnerabilidade compõe o rizoma da proliferação dos PSE, entretanto, há outras paisagens pedindo passagem. Mesmo que, ainda enquadradas por uma mesma moldura, atentar para os mecanismos de produção do vulnerável é apenas uma saída escolhida entre múltiplas. Assim, o ensaio tomado como exercício crítico e estratégia cartográfica opera na contramão da solução de problemas. Formulá-los pelo exercício de fazer perguntas, de tentar olhar de outros ângulos aquilo que se torna tranquilo e nos passa despercebido, é o que se deseja. Frente a isso, o pensamento de Michel Foucault se apresenta potente e concatenado ao exercício de um *ethos* cartográfico.

Como cartógrafo de nosso tempo e de nosso mundo, Foucault teria deslocado seu olhar para as bordas constitutivas da racionalidade ocidental a se dedicar a estudar a desrazão, a loucura, a anormalidade, a monstruosidade, a sexualidade, o corpo, a leitura, os ilegalismos, os infames, tudo aquilo que a racionalidade moderna excluiu, desconheceu, definiu como passível de punição, normalização e de medicalização. Sua obra fez aparecer uma geografia de nosso pensamento e de nossas práticas ao ir buscar naquilo que foi considerado minoritário, desviante, criminoso, invisível, ameaçador, as próprias operações fundamentais de constituição do que somos e daquilo que fizemos e fazemos com nós mesmos. Para Foucault, aquilo que uma sociedade exclui, joga para as margens, é o que constitui seus limites, suas fronteiras e é justamente o que a define, o que dá seus contornos e o seu desenho (ALBUQUERQUE JÚNIOR; VEIGA-NETO; SOUSA FILHO, 2008, p. 9-10).

Sob essa orientação, o mapa da proliferação foi produzido e as linhas de vulnerabilidade possibilitadas, porém, para além dos resultados, destaca-se a potência problematizadora pela qual tais mapas e linhas foram produzidos. Assumir cartografia, enquanto atitude de produzir problemas sobre aquilo que nos envolve, parece estar bem sintonizado às questões de método operadas por Foucault. Se para Larrosa é possível chamar Foucault de ensaísta; para Deleuze, esse foi considerado um cartógrafo.

Ao nomear Foucault “Um novo cartógrafo”, Deleuze (2005) evidencia, no trabalho de seu contemporâneo, a arte de mapear o presente a partir do constante exercício problematizador que conduzia suas análises. Nascia um cartógrafo: Foucault, leitor de Kant e de Nietzsche, dedica-se, incansavelmente, à crítica do presente, desenhando uma genealogia do poder.

Tais considerações se desdobram de uma leitura singular feita por Deleuze, pela qual concebe *Vigiar e Punir* um minucioso mapa da sociedade disciplinar.

Foucault sempre soube pintar quadros maravilhosos como fundo de suas análises. Aqui [*Vigiar e Punir*], a análise torna-se cada vez mais microfísica e os quadros cada vez mais físicos, exprimindo os “efeitos” da análise, não no sentido causal, mas no sentido óptico, luminoso, de cor: do vermelho sobre vermelho dos suplícios ao cinza sobre cinza das prisões. A análise e o quadro caminham juntos; microfísica do poder e investimento político do corpo. Quadros coloridos sobre um mapa milimétrico. Esse livro pode ser lido como uma sequência dos livros anteriores de Foucault ou como marco de um novo progresso decisivo (DELEUZE, 2005, p.33-34).

Mas, não basta reconhecer *Vigiar e Punir* como um mapa da sociedade disciplinar para condecorar Foucault um cartógrafo. Deleuze indica um pouco mais, ou muito mais, ao colocar o referido livro em condição de continuidade e, ao mesmo tempo, novidade da obra de seu autor: “uma sequência dos livros anteriores” ou um “marco de um novo progresso decisivo”. Tal leitura evidencia, entre outras coisas, o que já fora anunciado pelo próprio Michel Foucault (2009b) em sua célebre aula do dia 2 de dezembro de 1970, a qual demarca não só a posse de sua cátedra no *Collège de France*, como também, um deslocamento em suas análises. Sob o título *A ordem do discurso*, a fala do filósofo move a noção de discurso para outro cenário. Desloca-o das explicações tautológicas de *A arqueologia do saber* para o cenário da guerra, explicitando-o como prática de disputa pelos signos. Teríamos com isso, retomando a leitura de Deleuze, “um novo questionamento do problema do poder” (2005, p.34), reconhecendo as batalhas discursivas como linhas de força e localizando-os como objeto de uma análise genealógica.

Por outro lado, reconhecer o resultado de seu trabalho sobre a delinquência como continuidade de seu investimento sobre o problema da verdade, não é um equívoco. Desde sua tese em *História da Loucura*, cujo problema consistiu em “saber como se tinha podido fazer funcionar a questão da loucura no sentido dos discursos de verdade, isto é, discursos tendo estatuto e função de discursos verdadeiros” (FOUCAULT, 2014, p.59), Foucault (2012b; 2012c), preocupou-se em demonstrar como determinado objeto, como o acaso da loucura, é possível em certa rede de inteligibilidade. O mesmo sentido é possível localizar no deslocamento da delinquência para a sexualidade. De modo ainda mais enfático Foucault (2012a) assume, em sua

última empreitada, a perseguição ao mesmo problema nos diferentes domínios que investiu: o problema da verdade. Interesse que manifesta por assumir sua dedicação a uma história das problematizações operada não só na dimensão ética, mas arqueológica e genealógica.

A dimensão arqueológica da análise permite analisar as próprias formas da problematização; a dimensão genealógica, sua formação a partir das práticas e de suas modificações. Problematização da loucura e da doença a partir de práticas sociais e médica, definindo um certo perfil de “normalização”; problematização da vida, da linguagem e do trabalho em práticas discursivas obedecendo a um modelo “disciplinar” (FOUCAULT, 2012a, p.19).

Em suma, com base nas duas leituras proporcionadas por Deleuze, considerar Foucault um cartógrafo, implica reconhecer não apenas *Vigiar e Punir* como produto de uma operação cartográfica, mas, notar sua atitude de pôr em evidência as problematizações que produziram os diferentes domínios sobre os quais se debruçou. Da história da loucura às formas de punição, Foucault chega à história da sexualidade, descrevendo a forma que o sujeito se relaciona com a verdade em diferentes níveis, com a destreza de um pintor produzindo quadros. Assim, Deleuze define a obsessão de Foucault pelos quadros como forma de encontro do visível com o dizível, demonstração da indissociável relação poder-saber.

Vem daí a paixão de Foucault em descrever quadros, ou, mais ainda, em fazer descrições que valem por quadros: descrições das *Meninas*, mas também de Manet, de Magritte, e as admiráveis descrições da cadeia de forçados, ou ainda do asilo, da prisão, da viatura penitenciária, como se fossem quadros, e como se Foucault fosse um pintor. Essa é, provavelmente, a sua afinidade, fundada em toda a sua obra, com *nouveau Roman* e com Raymond Roussel. Voltemos à descrição das *Meninas*, de Velázquez: o caminho da luz forma “uma concha em hélice” que torna as singularidades visíveis e as transforma em clarões e reflexos num “ciclo” completo da representação. Assim como os enunciados são curvas, antes de serem frases e proposições, os quadros são linhas de luz, antes de serem contornos e cores. E o que o quadro efetua nessa forma de receptividade são as singularidades de uma relação de forças, aqui a relação do pintor e do soberano, de forma que eles se “alternam num pestanejar sem limite”. O diagrama das forças se atualiza ao mesmo tempo em quadros-descrições e curvas-enunciados (DELEUZE, 2005, p.88).

Contudo, entre as figuras de um Foucault *ensaísta* e *cartógrafo*, destaca-se uma atitude problematizadora que atravessa verticalmente seus empreendimentos de pesquisa (REVEL, 2004). Recorrente em suas últimas obras, o autor apresenta a problematização como o mecanismo que tornara

possível uma operação histórica do pensamento, objetivo que transversaliza tantos seus investimentos arqueológicos como genealógicos. Articulado às noções de atualidade e acontecimento, a problematização consiste no modo como o filósofo tematiza aquilo que chama de uma ontologia do presente (CARDOSO, 1995).

No que diz respeito à operação de pesquisa, ao sintonizar seu trabalho ao referencial foucaultiano, o cartógrafo prioriza a problematização como sendo o que torna possível seu trabalho. A postura ensaística que adota frente aos mapas que produz é, sobretudo, orientada por uma atitude problematizadora. Nesse sentido, o que está em jogo, são sempre estratégias de acesso a uma crítica do presente. Tarefa irreduzível, quando se fala em questões de método, ao conformismo de que se faz o percurso ao caminhar, sem considerar, minimamente, alguns critérios da perspectiva escolhida como: a tentativa constante de fugir dos universais antropológicos; tanto quanto, escapar das indagações metafísicas (FOUCAULT, 2008a). Sem perder de vista tais critérios, a noção de problematização, ancorado no referencial foucaultiano, é tomada pelo cartógrafo como ponto articulador da produção teórico-procedimental do objeto em questão: os mecanismos de produção dos vulneráveis dos PSE.

“Aprenda a ver...”

Num canto da última página do caderno de anotações, entre rabiscos apressados, um número de telefone grita por atenção. A anotação de maneira tão despreziosa parece ter aparecido ali por si só, como um recado de outra pessoa para o dono do caderno. Mais um contato de alguém que um dia lhe pode ser útil e que, muitas vezes, se apaga no esquecimento cotidiano. No entanto, a pequena anotação é provocativa. Entre ligar e não ligar, a segunda opção é sempre mais fácil. E quando se trata de um desconhecido, então. É melhor deixar pra lá. Um contato vago entre tantos outros que parecem bem mais objetivos e concretos. No fluxo dos últimos acontecimentos, das tentativas frustradas de inserção em algum campo de pesquisa, o que teria um número qualquer a oferecer? Não seria um tiro às cegas em tempos de pouquíssima munição?

De qualquer forma, a anotação se manteve no caderno. Numa passada de olhos, muito mais preocupados que atentos, seu dono flerta alguns minutos aqueles rabiscos. Buscava ali, alguma direção que lhe ajudasse a superar as investidas pouco férteis que consistiram suas últimas procuras por interlocuções com a “realidade”. O pouco de razão que lhe restava, sugerem-no à virada de página. Entretanto, pensa se nada de estratégico haveria naquele devaneio. Ligar para alguém daquela maneira parecia tão aleatório, seria um desvio muito grande de rota. Contudo, o número continua a sua frente, fitando-o como se tentasse convencê-lo do contrário. Talvez, a fixidez daquele olhar sobre os números estampados em caneta azul, tentasse convencer a si próprio da importância contida naquela possível ligação. Lentamente, passa a digitar número por número e quando percebe já está chamando. A ligação é feita num impulso confuso de expectativas otimistas e desencargo de consciência. A cada *bip*, aumenta o desejo de

não ser atendido. Como se assim, estivesse absolvido de qualquer culpa advinda de sua ignorância por não ter tentado.

A chamada, então, é atendida. Na linha, um homem de voz cautelosa confirma o contato:

- Alô!?

- Alô, Sr. Marcos!?

- Sim, quem fala?

Um tanto inseguro, apresenta-se:

- Boa noite, Meu nome é A, sou professor de Educação Física e estudante de um curso de doutorado da FURG. Desenvolvo uma pesquisa sobre temas relacionados a projetos sociais esportivos.

- Sim!?

- Acessei ao teu contato através de um conhecido, proponente de um projeto social aqui da cidade. Quando soube que estava a procura de pessoas envolvidas com esse tipo de iniciativa, indicou-me teu nome.

Em uma introdução apressada, fala de um modo embaraçado sobre seus interesses em realizar tal ligação. Tem receio de afugentar o sujeito, causando qualquer mal-entendido. Explica como conseguiu o tal contato. Remete a um de seus colegas da universidade, na tentativa convicta de uma aproximação por conhecidos em comum, mas logo é replicado:

- Não estou lembrado dele, mas, de qualquer forma, não sei como poderia te ajudar. Não sou professor de Educação Física, minha relação com futebol é totalmente voluntária. Sou Assistente Social, e por ter acesso àquela realidade acabei propondo a formação de um time com os jovens da região.

Aquele início de conversa se mantinha estranho e inseguro para ambos. Para não ser invasivo, despejando-lhe interrogações e diante respostas fugidias, convida-o a participar de um grupo de discussão temático que ocorre mensalmente na universidade em que está vinculado.

Segue argumentando a possível compatibilidade de interesses, afinal, esta era a finalidade primeira pela qual a anotação se mantinha em seu caderno. A contextualização sobre a existência do grupo pelo qual vêm fomentando discussões sobre programas e projetos sociais da/na cidade, é demorada. O convite para a próxima reunião é reiterado ao sujeito, com a insistência de que sua presença seria importante para relatar um pouco da realidade em que desenvolve suas atividades e como vem pensando o funcionamento daquilo que reconhece como uma iniciativa voluntária.

- Olha senhor A, eu agradeço ao convite, mas tenho muito pouco tempo disponível.

Em contrapartida, ainda com a voz arrastada, de quem acha tudo aquilo muito incomum, conta um pouco de si, deixando transparecer em seu tom de voz uma postura reativa à condição de professor de Educação Física de seu interlocutor.

- Como te falei há pouco, não sou professor de Educação Física nem tenho intenção de assumir este papel na condução das atividades que desenvolvo voluntariamente. Inclusive, aproveito a oportunidade para que, se possível, me ajudes a divulgar a necessidade de professores ou estudantes que tenham interesse em contribuir.

-Sim. Entendo...

O sujeito se alonga, destacando, também, que a ideia disparadora de sua iniciativa surge com a demanda de atividades esportivas pela comunidade infanto-juvenil daquela região. E vê no futebol uma ferramenta adequada à inclusão social e oportunidade de integração entre os jovens dos diferentes bairros que compõem a zona oeste da cidade. Também faz questão de se posicionar como Assistente Social, função que exerce vinculado à prefeitura municipal, associando o projeto como um desdobramento das atividades que desenvolve

profissionalmente, porém, com uma configuração estritamente voluntária, o que insiste em frisar.

Por alguns momentos o protagonismo dos interlocutores se inverte e, de modo inusitado, o convite é revertido:

- Talvez, seja mais interessante que tu venhas ver o que acontece na realidade.

Diz o sujeito com a certeza e a ironia de quem detém algo desconhecido, contudo, mais valioso que uma reunião na universidade. Surpreso, o estudante demonstra passividade à proposta, ainda que entenda o tom provocativo sobre o qual convite era sustentado.

- Ótimo! Quando posso ir?

A conversa se estende um pouco mais. O homem, aos poucos, deixa revelar suas convicções sobre as imagens que tem para si do que é uma pesquisa e qual o papel da universidade com relação à “realidade” mencionada. No fundo, era como se o estudante ouvisse do homem em palavras melhores escolhidas:

- Esses estudantes com suas pesquisas só querem coletar informações e acham, com isso, que conhecem a “realidade”.

A diferença entre teoria e prática parece muito clara para ele. O convite feito pelo professor/estudante fora a “deixa” suficiente para discorrer que seu entendimento sobre discussões “teóricas” pouco resolvem os problemas enfrentados na “prática”. O professor/estudante percebe seu interlocutor inflar seus argumentos com a segurança de quem ensina algo de seu domínio a algum aprendiz.

Agora a insegurança que conduzia o telefonema enfraquece. O homem passa a descrever seu projeto com entonação de quem sabe que está sendo ouvido com atenção. Refere-se às atividades que desenvolve como uma espécie de “escolinha comunitária”, que tem em seu principal objetivo oportunizar às crianças e aos jovens da região a prática do futebol. Destaca a participação em competições como a

característica que mais motiva o público que atende a se manter assíduo às atividades, pois afirma que é através destes eventos que os meninos têm a oportunidade de conhecer lugares diferentes, inclusive, na própria cidade. Para muitos participantes, tais eventos consistem nas poucas oportunidades de vivenciarem um passeio fora do bairro onde moram. Por isso, a importância dos eventos não está na competição, mas na participação e oportunidade de conhecer outros lugares e interagir com outras pessoas e outras realidades.

Na sequência, ainda conta que, no último verão, aproximadamente 100 crianças passaram pelo projeto. Atualmente, contabiliza entre 40 e 50 meninos, não sabe o número exato, porque não costuma fazer registros precisos. Entretanto, afirma que todos participantes se encontram em situação de “vulnerabilidade confirmada”, pois além de residirem em regiões carentes, o grupo, em sua quase totalidade, é composto por crianças provenientes de famílias cadastradas em serviços de auxílio social gerenciados pela prefeitura municipal. Em meio ao relato, ele lembra que alguns meninos chegam até ele por encaminhamento do juizado da infância e da juventude, todos provenientes dos bairros que compõem a zona oeste da cidade.

A segurança com que o homem elenca determinadas classificações soa estranha aos ouvidos do estudante, transmite uma certeza excessiva que o causa desconforto e interesse. Afinal, aquilo que tem procurado discutir em sua pesquisa aparece na fala daquele homem sem muito esforço de sua parte. Todo aquele cuidado e preparo no trato com a postura, a linguagem, a colocação das perguntas, ficam guardadas, encobertas por certo sentido de inutilidade. As perguntas não foram necessárias. Nenhuma estratégia foi posta em exercício, a não ser o exercício da escuta atenta àquele homem desconhecido.

A afirmação de que todos participantes (considerando o relato de que 100 crianças passaram por lá no último verão) se encontram em

“situação de vulnerabilidade confirmada” captura A instantaneamente. Pela primeira vez, ele se deparava com uma assertiva tão objetiva com relação ao público-alvo de um PSE. O que, geralmente, encontrava como projeção em registros documentais, naquela fala descrevia uma realidade sustentada como verdadeira e comprovável. A facilidade com que o homem classifica o grupo de pessoas que compõem sua “escolinha comunitária” chama atenção, alimenta a suspeita que tal certeza possa derivar de sua atuação como Assistente Social, pois a naturalidade com que lida com tais concepções parece fazer parte do seu cotidiano.

Após caracterizar o público que atende com as atividades de futebol, Sr. Marcos descreve as dificuldades que enfrenta. Fala que, atualmente, trabalha sozinho e que não dispõe de tempo suficiente para o envolvimento que os meninos demandam. Reclama sobre como é difícil conseguir voluntários que o ajudem, diz que os poucos que passaram por lá não permaneceram muito tempo, principalmente, pelo difícil acesso ao lugar. Em meio a sua descrição, solicita ao seu remetente, enquanto professor de Educação Física e representante da universidade, que o ajude, indicando alguém interessado em contribuir com o treinamento dos times. Ele comenta que mesmo com o objetivo primeiro da participação em competições na cidade seja a confraternização e os passeios, os meninos demonstram certa desmotivação frente às derrotas constantes para outros times “bem treinados”. Destaca ainda que o projeto dispõe de boa estrutura, pois costuma conseguir, através dos recursos da prefeitura e secretaria de assistência social, materiais esportivos, ônibus para eventos e o próprio espaço onde ocorrem as atividades, numa quadra de grama sintética, localizada num dos bairros que compõem a zona oeste da cidade.

Apesar do receio inicial, o homem finaliza o telefonema muito à vontade, o que ameniza por alguns instantes o clima de estranheza externado no tom de voz das personagens daquela cena incomum. Naquela

ocasião, o professor-estudante se convence em intervir o mínimo possível e aproveitar ao máximo a disponibilidade comunicativa de seu interlocutor. O que seria um primeiro contato acaba gerando um bocado de informações, no mínimo, interessantes. Ainda que não tenha conseguido convencê-lo em participar de seu grupo de trabalho, o professor/estudante firma um laço importante com uma iniciativa, até então, desconhecida para ele.

Pela primeira vez, **A** se sente capturado pelo inusitado. Dentre suas últimas investidas com efeitos pouco potentes de visitas e contatos com outras possíveis redes, acaba sendo encontrado pelo funcionamento de um projeto que se apresenta com uma série de elementos que tanto garimpa ao sair em busca do bendito “campo”. A quantidade de crianças e jovens ativos nas atividades e a classificação de “vulnerabilidade comprovada” dos participantes são aspectos que, somados ao convite, quase convocação, do homem para que o professor/estudante observe pessoalmente as atividades desenvolvidas por lá, causam em **A** a sensação de exercitar a noção de uma atenção cartográfica, lida tantas vezes ao longo de sua formação, mas jamais sentida na intensidade que fora naquele momento.

O telefonema é encerrado e um encontro é agendado. Sábado 9h, um dos horários mais frequentados pelos meninos que compõem o público daquele projeto.

Pela verticalidade foucaultiana

Falar em problematização como ferramenta analítica com base no solo conceitual operado por Foucault, requer, curiosamente (para não dizer perigosamente), abandonar, pelo menos por alguns instantes, a organização mais ou menos segura da cronologia ou horizontalidade, que tem orientado os estudos foucaultianos.

Disposto a isso, o cartógrafo lança mão do termo horizontalidade como analogia ao texto de Judith Revel (2004) que trata em contraponto, da verticalidade do pensamento do filósofo em detrimento da corrente tentativa empreendida por diversos comentadores e críticos literários que buscam, há algum tempo, indicar uma “coerência essencial da pesquisa foucaultiana” (p.66). Como efeito desses investimentos, é possível encontrar então, três ou quatro autores em Foucault, “[...] cada qual com seu próprio quadro de referência e de pertença, seus campos de interesse e seus eventuais empréstimos, sua terminologia específica e suas aporias” (p.66).

Ao considerar a verticalidade na análise da obra foucaultiana e reconhecer, ligeiramente, as especificidades que orientam o manuseio da obra do autor, o cartógrafo situa o ponto do qual sugere um afastamento provisório. Pensa que tratar da lição sobre problematização em Foucault, implica menos especificidade do que mobilidade em seus registros (livros, cursos, entrevistas, textos dispersos). Mais leveza e superficialidade do que densidade e profundidade. Com isso, não quer desconsiderar a complexidade com que Foucault forja seus conceitos, tampouco deseja desqualificar o trabalho minucioso de seus comentadores. O que pretende é aceitar o convite feito por Veiga-Neto (2006) em encarar a obra de Foucault como uma oficina e tomar os conceitos do mesmo como ferramentas para montagem, desmontagem e manutenção do seu pensamento.

Fascinado por leituras como essa, o cartógrafo é convencido de que entrar na oficina de Foucault implica sim em mobilidade, leveza e superficialidade, exercitando fielmente a infidelidade requerida pelo próprio autor. Ao afirmar ser mais um pirotécnico do que filósofo, linguista ou historiador, o francês afirma ao cartógrafo: “[...] meu discurso é instrumental, como são instrumentais um exército, ou, simplesmente, uma arma. Ou, ainda, um saco de pólvora ou um coquetel *Molotov*” (POL-DROIT, 2006, p.100). E continua, sobre os comentários que tece sobre seu próprio processo de produção, destacando sua resistência aos prefácios que, de antemão, restringem a potência maquínica do livro à condução de seus leitores.

Gostaria de um livro, pelo menos da parte de quem o escreveu, nada fosse além das frases que é feito; que ele não se desdobrasse nesse primeiro simulacro de si mesmo que é um prefácio, e que pretende oferecer sua lei a

todos que, no futuro, venham a formar-se a partir dele. Gostaria que esse objeto-evento, quase imperceptível entre tantos outros, se recopiasse, se fragmentasse, se repetisse, se simulasse, se desdobrasse, desaparecesse enfim sem que aquele a quem aconteceu escrevê-lo pudesse alguma vez reivindicar o direito de ser seu senhor, de impor o que queria dizer, ou dizer o que o livro devia ser (FOUCAULT, 2012b, p. VIII).

Atento àquele depoimento quase autobiográfico, o cartógrafo percebe o quanto aquela postura ecoa compatibilidades com o modo que tenta operar seus objetos. Contudo, tem clareza de que superficialidade não se equivale à falta de cuidados. Quando leva algo para oficina, seja para desmontar, montar ou manter em funcionamento adequado, é preciso escolher, cuidadosamente, as ferramentas das quais se valerá. Uma chave de fendas não serve a qualquer parafuso, bem como o pensamento de Foucault não dá conta de pensar qualquer objeto de pesquisa. Ao adentrar a oficina ou criar suas próprias ferramentas conceituais isso se torna regra. Ao forçar a chave inadequada é bem provável que o objeto se danifique. Nesse sentido, a utilização das análises de Foucault implica sempre em correr riscos, às vezes mais, outras menos. Como garantir que se está utilizando a ferramenta adequada? O cartógrafo sabe que por mais que tente manusear os “mesmos” objetos, nunca estará na “mesma” rede de problemas de Foucault. Nesse caso, trata-se sempre de outro tempo, de outras redes discursivas, de outros agenciamentos, portanto, outros objetos, necessariamente, são produzidos. E é bem aí, nessa zona tempestuosa, encharcada de dúvidas, que o cartógrafo tenta fazer útil a possibilidade de operar com a problematização.

Notas sobre problematização

Por definição, problematização pode ser tomada como “[...] o conjunto das práticas discursivas ou não-discursivas que faz qualquer coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e a constitui como objeto para o pensamento” (FOUCAULT, 2004a, p. 242). Essa noção, portanto, fundamenta uma história do pensamento, empreendida por Foucault, como a constante preocupação “[...] com a maneira pela qual se constituem problemas para o pensamento e quais estratégias são desenvolvidas para respondê-los” (REVEL, 2005, p.70). Judith Revel (2004), ao perseguir a verticalidade do pensamento de Foucault, levanta a hipótese de que o grande disparador que fundamenta a operação da problematização em seus trabalhos é a leitura de Nietzsche, datada já em 1953, e a apropriação da noção do descontínuo nietzschiano. Tal noção

implica, antes de qualquer coisa, no modo singular dos acontecimentos, na valorização dos acasos, dos desvios, bifurcações e retornos. Daí a verticalidade como um possível eixo de inteligibilidade do pensamento foucaultiano, pois:

[...] interessante é que não é preciso esperar o início dos anos 1970 e a passagem explícita ao conceito de genealogia para poder ler o eco dessa influência nietzschiana. Antes de ser genealógico, o pensamento foucaultiano é descontínuo – ou, mais exatamente, é a descontinuidade que torna inevitável a assunção da dimensão genealógica: se a história genealógicamente dirigida “toma a iniciativa de fazer aparecer todas as descontinuidades que nos atravessam”, ela já está presente em Foucault nos anos 1960 sob a forma de uma atenção extrema aos acontecimentos, ou seja, às rupturas temporais, manifestem-se elas sob a forma de fatos isolados ou pela emergência de novas convergências epistêmicas gerais, que se dão sempre contra um fundo de ruptura (REVEL, 2004, p.69).

A apropriação da problematização como ferramenta analítica permite, sobretudo, construir e manusear objetos de pesquisa, embora, ainda pareça pouco convencional este tipo de posicionamento frente aos estudos foucaultianos. De acordo com Restrepo (2008), noções como acontecimentalização²¹ e problematização constituem categorias analíticas que têm recebido pouca dedicação dos comentadores de Michel Foucault. Isso porque se tornou comum a utilização de suas produções de modo fragmentado e quase linear quando distribuído em uma continuidade temporal. Saber, poder e ética são tomados como três frentes principais de sua obra. Três domínios que se desdobram em posturas metodológicas distintas de inúmeros empreendimentos de pesquisa das mais diversas áreas de conhecimento na atualidade. Ainda que Foucault tenha definido sua atitude como preferencialmente “[...] da ordem da problematização: ou seja, da elaboração de um domínio de fatos, práticas e pensamentos que me parecem colocar problemas para a política.” (FOUCAULT, 2004b, p.228). E, distinguindo do que seria uma história das ideias, situa tal atitude como imanente a uma “história do pensamento”, que se caracterizaria pela presença de um elemento “[...] que se poderia chamar de problemas ou, mais exatamente, de problematizações” (FOUCAULT, 2004b, p.231).

²¹ Para Restrepo (2008), acontecimentalização consiste em uma categoria analítica criada por Foucault e pouco explorada pelos comentadores de sua obra. Em definição trata-se, sobretudo, de um princípio de inteligibilidade histórica que Foucault lança mão frente às armadilhas do presentismo histórico e da indagação metafísica. A acontecimentalização caracteriza o modo com que o filósofo lida com a história, de maneira a produzir uma história do presente.

Nesse sentido, falar em problematização como ferramenta analítica, possivelmente destoe do que se arranhou como consenso quanto à operação do pensamento em uma perspectiva foucaultiana.

Ambas nociones (la eventualización y problematización) permiten comprender la forma cómo Foucault operaba en la formulación de sus preguntas y, sobre todo, en alguno de los criterios de procedimiento que instrumentalizaba en sus trabajos. La arqueología y la genealogía, que tanto han sido invocadas por los disímiles comentaristas, no pueden ser cabalmente entendidas sin considerar la eventualización y problematización como estrategias de abordaje, como cuestiones de método, en la obra de Foucault (RESTREPO, 2008, p.114)²².

Mais que uma questão de método, a “[...] problematização é, portanto, a prática da filosofia que corresponde a uma ontologia da diferença, ou seja, ao reconhecimento da descontinuidade como fundamento do ser” (REVEL, 2004, p.83). Ao assumir o ser descontínuo como ponto de partida da filosofia, a problematização aciona o exercício crítico do pensamento se opondo à ideia de desvelamento da verdade, da busca incansável pela resposta primeira, da solução como encerramento do problema. Em termos efetivos de método, Foucault demonstra essa prática filosófica lançando mão de um uso específico da história, assumindo como empreendimento a realização da história das problematizações. Evidencia-se um Foucault leitor de Kant, que o critica e o intitula pai da modernidade, ao mesmo tempo em que o posiciona em um ponto de bifurcação no desenrolar da filosofia moderna (KASTRUP, 2007). Se por um lado, a partir de Kant, temos a filosofia como precursora de uma analítica da verdade, condição de possibilidade para constituição da ciência moderna, por outro, temos o arranjo que, articulado às leituras de Nietzsche, outorga Foucault a fazer o uso da história como ferramenta para o exercício de uma ontologia do presente²³.

²² Ambas as noções (a acontecimentalização e a problematização) permitem compreender a forma como Foucault operava na formulação de suas perguntas e, sobretudo, em alguns de seus critérios de procedimento que instrumentalizava em seus trabalhos. A arqueologia e a genealogia, que tanto têm sido invocados por diferentes comentaristas, não podem ser totalmente entendidas sem considerar a acontecimentalização e a problematização como estratégias de abordagem, como questões de método, na obra de Foucault (RESTREPO, 2008, p.114, tradução própria).

²³ Kastrup (2007, p.40) define: “a ontologia do presente constitui-se como crítica de todas as categorias invariantes, tanto da metafísica tradicional quanto da teoria do conhecimento e da ciência, e aplica o tempo a tais categorias. [...] O presente aparece como ponto privilegiado, pois é nele que o processo de transformação acontece”. Quanto a isso, Foucault dedica duas aulas à recapitulação de questões de método em seu curso de 1982-83 intitulado *O governo de si e dos outros*, ajustadas a sua leitura de Kant. “De fato, a questão que, parece-me, surge pela

Foucault embebido por leituras de Deleuze²⁴ deixa sua postura mais delineada. Ironiza o platonismo, ao mesmo tempo em que reforça o modo como opera seu pensamento em elaboração constante de uma crítica do presente.

Longe de ser a imagem incompleta e embaralhada de uma ideia que, lá de cima, eterna, deteria a resposta, o problema é a própria ideia, ou melhor, a Ideia não tem outro modo de ser se não o problemático: pluralidade distinta cuja obscuridade sempre insiste de antemão, e na qual a questão não cessa de se deslocar. Qual é a resposta para a questão? O problema. Como resolver o problema? Deslocando a questão. [...] É preciso antes pensar problematicamente do que interrogar e responder dialeticamente (FOUCAULT, 2008b, p. 246).

A passagem sublinha o posicionamento crítico de Foucault diante das fundações da filosofia platônica na condução do pensamento moderno. E acusa em confluência à leitura deleuzeana, a maneira pela qual a tradição filosófica, de modo geral (e podemos estender, também, à ciência), alicerça, no correr dos séculos XVII e XVIII, suas projeções em função da identificação de problemas dados *a priori* para que, em seguida, sejam resolvidos. Na tentativa de escapar das estruturas que orientam tradicionalmente a atividade filosófica a serviço de uma analítica da verdade, história das ideias ou das estruturas de pensamento, Foucault acentua o reconhecimento do problema como invenção. Nada de bloqueio a ser vencido ou barreira a ser superada, tampouco complexo a ser simplificado. Foucault indica que máximo rendimento que podemos obter do problema é seu incessante deslocamento. A problematização, nesses termos, se apresenta como uma chave interessante de acesso ao pensamento foucaultiano. Por ela faz-se uma dupla leitura que dá à problematização, primeiramente, *status* de objeto, quando levamos em conta uma história das problematizações, bem como a coloca como próprio exercício crítico do presente (REVEL, 2005). Entretanto, é sobre a segunda, que o cartógrafo acentua o desdobramento que o permite acrescentá-la como atitude crítica sobre o próprio pensamento a ser operada.

primeira vez nos textos de Kant [...] é a questão do presente, é a questão da atualidade, é a questão de: o que acontece hoje? O que acontece agora? O que é esse 'agora' dentro do qual estamos todos, e o que é o lugar, o ponto [do qual] escrevo?" (FOUCAULT, 2010a, p.12).

²⁴ Trata-se, especificamente, da publicação de *Theatrum Philosophicum*, em 1970 (FOUCAULT, 2008b). Texto referente à leitura que Foucault faz das obras *Diferença e repetição* e *Lógica do sentido*, ambas de Gilles Deleuze.

Porém, é preciso atentar para os perigos que circundam a valorização do problema. Deleuze ao introduzir *Diferença e Repetição* já alerta para a existência dos bons e dos maus problemas. A linha fronteira entre problema como potência do pensamento e o relativismo esvaziado é tênue. É preciso atentar para o perigo de se cair nas representações da “bela-alma”, quando a busca por diferença se dá longe de “lutas sangrentas” (DELEUZE, 2006, p. 17). E argumenta:

[...] acreditamos que quando os problemas atingem o grau de positividade que lhes é próprio e quando a diferença torna-se objeto de uma afirmação correspondente, eles liberam uma potência de agressão e de seleção que destrói a bela-alma, destruindo-a da sua própria identidade e alquebrando sua boa vontade (p.9).

Foucault, por sua vez, parece ajustar-se à noção de problema como potência agressiva, afastando-se de tomá-lo como um procedimento harmonizador, no sentido de evidenciar as pontes de ligação contínuas entre acontecimentos. Nessa perspectiva, os “bons” problemas são aqueles que demonstram os rompimentos abruptos, quase imperceptíveis, que desequilibram as tentativas de agrupar as articulações do real sob signos e representações apaziguadoras (DELEUZE, 1999). É com essa atitude que Foucault se comporta frente à loucura, à punição e à sexualidade. Três marcadores de sua obra, que caracterizam três fases distintas dos seus investimentos de pesquisa, assim como podem ser entendidos enquanto objetos da problematização, os quais exercitava para a elaboração de uma crítica do seu próprio tempo, sobre o “agora” em que escreve (FOUCAULT, 2010a). Ao se debruçar sobre cada um, operava, de maneira incansável, a produção de problemas consistentes que insistiam, e ainda insistem, em nos desestabilizar, demonstrando como fomos tão diferentes do que somos hoje.

Não creio, por exemplo, que exista nenhuma “política” que possa, diante da loucura ou da doença mental, deter a solução justa e definitiva. Mas penso que, na loucura, na alienação, nas perturbações de comportamento, há razões para questionar a política: e a essas questões a política deve responder, porém ela jamais as responderá totalmente. Da mesma forma, em relação ao crime e à punição: seria errôneo, naturalmente, imaginar que a política nada tem a ver com a prevenção do crime e com seu castigo, portanto ela nada teria a ver com um certo número de elementos que modificam sua forma, seu sentido, sua frequência, mas também seria totalmente falso pensar que existe uma fórmula política capaz de resolver a questão do crime e terminar com ele. O mesmo para a sexualidade: ela não deixa de ter relação com estruturas, exigências, leis, regulamentações políticas que têm para ela uma importância capital: no entanto, não se pode

esperar da política formas nas quais a sexualidade deixaria de ser problemática (FOUCAULT, 2004b, p. 228).

Assim Foucault descreve, num panorama muito geral, como tem operado sua história das problematizações em relação à política e demonstra em que medida se deve relacionar com os problemas, considerando-os como dificuldades de cada época.

Diante de tais considerações, problematizar consiste na ação de produzir problemas sobre aquilo que, em meio à poeira e ao barulho do funcionamento das engrenagens que põem para funcionar nosso cotidiano, nos passam como naturais, como coisas dadas desde sempre ou quase sempre. Produzir problemas é, então, tratar/demonstrar/descrever as invenções, sem considerá-las oposto do que é verdadeiro por princípio, mas como aquilo que é resultado da montagem de elementos de ordens distintas, que quando tomadas no tempo e no espaço habitados, parecem unidades acabadas em si mesmas. Como efeito, produzir problemas nessa perspectiva, implica proceder por (des) montagem, não como uma forma de desconstruir uma estrutura, possibilitando a proposição de outras, nem acusar artificialidades como aquilo que nos ilude ou distorce a realidade. (Des) Montagem é apropriada, neste caso, como procedimento que permite ao cartógrafo atingir as condições inventivas de determinados objetos de pesquisa e, a partir daí, testá-los em seus limites e em suas potencialidades; algo compatível com uma analítica ascendente (FOUCAULT, 2009a).

Desse modo, retomar a figura da oficina ajuda a demonstrar, de forma breve, como o processo de (des) montagem de um objeto contribui para com o entendimento do seu funcionamento e visualização do encadeamento das engrenagens, pelas quais seu reconhecimento como unidade é garantido. No entanto, é imprescindível o destaque: não se trata apenas de decomposição do todo em partes mínimas indivisíveis. Operar por (des) montagem não é pura desconstrução. Ao desmontarmos um relógio, por exemplo, não basta constatar suas pequenas peças, limitando-as a eterna condição de medir o tempo para que, posteriormente, possamos reagrupá-las com a certeza de que dominamos seu funcionamento. Assim que realinhamos as engrenagens de modo que volte a funcionar, o relógio só passa a ser convencionalmente útil

quando aferido em comparação a outro que não tivera seu funcionamento interrompido.

Como efeito de tal operação é possível elencar, no mínimo, duas reações imediatas: (1) a frustração ecoada da percepção que o alinhamento do conjunto de pequenas peças é incapaz de medir o tempo por si só; (2) a estranheza frente aos aspectos inventados e inventivos de determinada distribuição de engrenagens na regulação de ações e de pensamentos possíveis no presente. Inventados porque, no fim das contas, percebe-se que tanto a máquina como a necessidade de medir o tempo não passam de invenções. E inventivos porque esse conjunto de engrenagens condiciona a invenção de formas mais apropriadas que outras de se relacionar com o tempo. Logo, um paradoxo é ativado: regula-se a máquina para que a própria máquina se mantenha a regular.

Sobre Foucault em operação

Ao cartógrafo, interessa a potencialidade da imagem no estranhamento indicado como segunda reação. Estranhar o relógio como instrumento limitado a mensurar o tempo, é lançar mão da (des) montagem como processo problematizador dos modos de relacionamentos possíveis, naquilo que diz respeito à máquina e seus efeitos. Portanto, se por um lado, assumir o caráter inventivo do relógio aprisiona tudo e todos em um tempo inventado. Por outro, abre-se infinitas possibilidades de resistência a sua arbitrariedade, pois na condição de invenção as certezas se fragilizam, visto que a mínima alteração nas engrenagens da máquina transforma em outro o *status* unitário sustentado até o momento em que fora desmontado.

No que diz respeito aos empreendimentos realizados pelo cartógrafo, o interesse em visitar a oficina de Foucault é motivado, principalmente, pela busca de recursos para operar a problematização como ferramenta conceitual e procedimental. Assim, ele assume como tarefa exercitar seu pensamento em torno de um tema, estranhá-lo e fazê-lo um problema de pesquisa. Isso tem sido tomado como a grande “lição de método” de um Foucault professor. É nesse sentido que o cartógrafo dirige sua atenção aos PSE e suas projeções sociais elaboradas sobre a referência de determinada parcela da população nomeada vulnerável.

Apenas ancorado em um tema (PSE), é possível enumerar alguns procedimentos específicos que correspondem à operação de problematizar. Só nesse nível é possível se

referir a uma ferramenta analítica. E mais, somente desse modo, o cartógrafo consegue passar de um tema, tomado do nível das dificuldades, para objeto produzido por tal modo de problematizar, o qual, por sua vez, já não pertence mais apenas ao nível dos acontecimentos. Ao assumir tal perspectivismo, a tarefa de projetar a pesquisa só se torna possível pela demonstração do que já vem sendo operado sobre ela. Lançar mão de projeções em tom de promessas pode ser arriscado demais, na melhor das hipóteses, um tiro no próprio pé.

Por isso, o cartógrafo experimenta em relação aos acontecimentos algumas operações como: descrever, suspeitar, desnaturalizar e ficcionar. Assumir tais operações, tomando-as como atitude de pesquisa, implica a admissão de questões do tipo: “e se não for bem assim?” “E se tudo que escrevemos não passar de ficções?” “E como seria possível pensar o próprio pensamento?” “E se aquilo que se apresenta a nossa frente, como solução para questões de insuficiência ou descontentamento em relação as nossas experiências de pensamento, for tomado como algo que poderia ser de outro modo?” “E se aquilo que se apresenta como necessário e verdadeiro não passar de contingências ou apenas um dos modos possíveis de experiência?” Instala-se, nesse ponto, a aproximação com a noção de invenção/montagem que, por sua vez, se encontra de mãos dadas entre a suspeita e a desnaturalização das evidências.

Ao invés de descobrir algo preexistente, a invenção consiste em *encontrar* o que nos faz pensar em ser atingido por algo para o qual não encontramos resposta nos saberes constituídos. A invenção coloca a necessidade de se *pensar outramente*, de se desterritorializar e produzir um estranhamento naquilo que é tido como natural e evidente (SILVA, 2005).

Nesses termos, o cartógrafo se interroga: quais implicações se instalam em relação ao tema? Admitir que os PSE e os vulneráveis possam ser tomados como invenções/montagens desse tipo, encaminha seu pensamento para algo que não esteve sempre aí, que, por outro lado, também não é resultado de alguma iniciativa ou “inspiração” individual. Pensá-los, então, em termos de invenções/montagens proporciona a abertura do pensamento para o desconhecido e a busca, conseqüente, pelo afastamento de explicações como aquelas que vinculam viciosamente esses projetos ao Estado, por exemplo. Além disso, o possibilita tomar o que é dito sobre o tema enquanto função discursiva que produz um pouco, ou muito, do próprio tema, que, então, torna-se objeto. Ao levar em conta a perspectiva foucaultiana, o cartógrafo considera que para se encontrar com um problema de pesquisa, parece ser possível somente assim, produzindo-o entre um tema e um objeto.

Assim, o que o cartógrafo tem a dizer sobre seus objetos (temas problematizados) pode não passar de uma ficção. Seria essa outra operação da problematização foucaultiana? Ficcionar? Os vulneráveis, dos PSE, tomado como invenção, os próprios projetos como invenção, levaria o cartógrafo a dizer algo sobre isto que não passam de ficções?

Michel Foucault afirmou que não fez outra coisa senão ficções. Ficcionar como estratégia para fugir de uma pretensão de totalidade ou de modos de pensar que se coloquem ao lado da verdade. Mas, ficcionar, também não se opõe a verdade. A ficção não está onde o verdadeiro se ausenta. As ficções, na perspectiva foucaultiana, inclusive, podem produzir verdades.

Não quero dizer com isso que esteja deixando de lado a verdade. Parece-me que existe a possibilidade de fazer trabalhar a ficção na verdade, de induzir efeitos de verdade com um discurso de ficção e de fazer de modo que o discurso de verdade suscite algo que ainda não existe. Então, 'ficciona'. 'Ficciona-se a história a partir de uma realidade política que a faz verdadeira, 'ficciona-se' uma política que ainda não existe a partir de uma verdade histórica (FOUCAULT, 1994).

Essas operações ou procedimentos compõem o que o cartógrafo deve atribuir à (des) montagem de algo que está diante de si e dos outros, muitas vezes, tomado como estando do lado da verdade.

Mas, a problematização enquanto ferramenta analítica não corresponde apenas a isso. O que se pode nominar por montagem está abarcado, também, na problematização foucaultiana. Montagem como construção e demonstração de outros possíveis e que sinaliza algo muito produtivo em termos de pensar de outros modos. Todavia, é preciso prudência para não equiparar, de modo desavisado, esse modo de proceder a uma espécie de desconstrução, pois o termo desconstrução, com frequência, pode ser associado a algo destrutivo. Sobre isso cabe, por fim, atentar para o que Foucault adverte:

É possível perceber como estamos distantes de uma análise em termos de desconstrução (qualquer confusão entre esses dois métodos seria imprudente). Trata-se, pelo contrário, de um movimento de análise crítica pelo qual se procura ver como puderam [podem] ser construídas as diferentes soluções para um problema; mas também como essas diferentes soluções decorrem de uma forma específica de problematização. Fica então evidente que qualquer nova solução que fosse acrescentada às outras decorreria da problematização atual, modificando somente alguns postulados ou princípios sobre os quais se sustentam as respostas dadas (FOUCAULT, 2004b, p. 233).

Segunda-feira. Ainda pela manhã telefono para a Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social (SMCAS). Uma mulher atende e me apresento, remetendo a minha ida até lá na última sexta e ao encaminhamento que me foi feito em ligar. Explico meus interesses em algumas informações sobre projetos ou atividades esportivas desenvolvidas. Logo, a mulher indica a existência da SMTEL como sendo a principal referência para esta temática. Digo que já contatei tal secretaria e insisto na intenção de conseguir informações referentes à SMCAS. O retorno não alcançou minhas expectativas. Esperava uma conversa presencial, com possibilidade de encaminhamento mais objetivo a documentos ou registros da própria secretaria. Não tive muito sucesso. No entanto, fui indicado a visitar as três unidades de CRAS em funcionamento no município. Nestes centros, localizados nos bairros Cidade de Águeda, Profilurb e Hidráulica, funcionam diferentes atividades voltadas às comunidades, entre elas as aulas de *taekwondo* ministradas para crianças e jovens. De acordo com a funcionária da SMCAS, esta seria a única atividade esportiva desenvolvida atualmente por parte da secretaria.

Aproveitei a oportunidade do telefonema para fazer outras perguntas, especificamente, sobre a caracterização das populações atendidas. Gostaria de saber como é feito ou se existe um mapa das zonas censitárias da cidade, algum registro que caracterize determinadas regiões e suas populações como passíveis de serem atendidas pelos serviços da secretaria. A resposta não foi muito satisfatória, mas algumas pistas puderam ser capturadas. De imediato fui indicado a buscar tais informações pelo *site* do IBGE, no entanto, buscava algo de caráter mais local. Foi então, que citaram a existência de uma Vigilância Social, responsável pelo mapeamento e acompanhamento de zonas de vulnerabilidade social do município (Registros de viagens, fevereiro de 2015).

Ontem, decidi telefonar para o CRAS Cidade de Águeda logo cedo. Minha intenção era estabelecer um contato mais formal com lugar. Talvez, agendar um momento em que possa conversar com Vera, coordenadora do centro, e apresentar minhas intenções por ali, bem como ter minha presença, de alguma maneira, autorizada naquele espaço.

Já havia visitado o lugar e, inclusive, conversado com duas agentes, Cleuza e Bia, educadora formada em Letras e Assistente Social, respectivamente. Meu encontro com elas se deu de forma inusitada, pois fui até lá motivado por uma orientação da SMCAS, quando busquei informações sobre possíveis atividades esportivas associadas ao serviço social no município. Além disso, sabia que o projeto de futebol desenvolvido por Marcos, numa quadra no bairro ali perto, mantinha articulação com o CRAS Cidade de Águeda, que por sua vez, dava nome ao time dos meninos. Entretanto, o encontro com as agentes rendeu uma tarde inteira de conversa sobre curiosidades do bairro, características dos moradores e descrição de algumas atividades desenvolvidas pelo centro de referência. Também foi através delas que fui informado sobre a seriedade com que os trabalhos ali são conduzidos pela coordenadora Vera, em férias na ocasião. Daquela data, esperei, aproximadamente, uma semana até o dia marcado para que Vera retornasse ao trabalho.

[...] Ao terceiro toque do telefone sou atendido por uma voz feminina que logo confirma sua localização no CRAS Cidade de Águeda. Peço para falar com a coordenadora Vera e em alguns segundos depois sou atendido por ela. Apresento-me rapidamente como estudante e pesquisador, fazendo menção a minha conversa com as agentes. Vera, logo entende do que se trata e confirma ter sido avisada sobre minha passada por lá. Solicito a ela um agendamento de uma conversa presencial para que possa explicar melhor os motivos pelos quais sou guiado àquele centro de referência em assistência social. Ela diz que não há problemas em nos encontrarmos, mas seus horários são bastante imprevisíveis. Mesmo assim, passa-me duas alternativas: terça ou quinta. Ambos no primeiro horário da manhã, 8h30min. Prefiro terça, logo no outro dia. Encontro agendado.

[...] Desde a conversa com as agentes, tive tempo para elaborar algumas estratégias de abordagem do local. A partir das diferentes narrativas produzidas naquela tarde, passei a perceber o bairro como um lugar interessante para me demorar. A ideia de um bairro projetado há pouco tempo, para onde um número considerável de famílias foi destinado na condição de beneficiárias de um projeto habitacional no início dos anos 2000, indicava uma paisagem fértil para iniciativas

socais de diferentes ordens. Além disso, o próprio projeto de futebol que havia contatado levava o nome deste bairro e atendia uma grande quantidade de crianças dali. Enfim, sem muitos esforços, aquele território composto por um tanto de elementos geográficos e existências, caía como um tempero promissor, agregando sabor mais intenso aos meus exercícios de pensamento (**Registros de viagens, março 2015**).

[...] Aquela tarde de conversa reverberou por dias em meus pensamentos. Junto a ela, tentava articular alguns objetivos concretos para apresentar à Vera. Falar sobre minha curiosidade pelo bairro e minha intenção de conversar com crianças e jovens dali residentes não seria suficiente. Também não seria adequado à ocasião dissertar sobre minhas intenções específicas de pesquisa alicerçadas na problematização dos vulneráveis dos PSE. Entre algumas alternativas, poderia ir direto ao ponto, solicitando histórias, casos, registros sobre crianças e jovens que por ali passam todos os dias, mas, logo achei precipitado de minha parte. Além disso, não seria produtivo para pesquisa, limitar a possível construção de uma rede às narrativas provenientes de uma única fonte: o CRAS. Outra alternativa, talvez mais prudente, surge da possibilidade de entrar em contato com a constituição do bairro, a partir do que se conta sobre ele nos registros e documentos daquela instituição e, principalmente, do contato com depoimentos de alguns moradores de lá. Tal estratégia parece conveniente para o momento, pois o bairro possui uma constituição marcada por uma história de ocupação e remanejamento habitacional recente, muito comentada por seus habitantes (**Registros de viagens, março de 2015**).

[...] Enfim, chega terça-feira e minutos antes das 8h chego ao bairro. Observo algum movimento de moradores que saem pra trabalhar. Entre a neblina da manhã já perpassava alguns tímidos raios de sol que anunciavam mais um dia de calor. Pela avenida principal, sigo até a última rua paralela, passo pela escola onde observo as crianças esperando o primeiro sinal. Alguns pais as acompanham, mas a maioria parece se deslocar até a escola sozinhas ou em grupos de amigos. Ao lado da escola percebo o CRAS ainda fechado, nenhum movimento por ali. Espero alguns minutos atento à grande quantidade de crianças que aguardam a abertura da escola. Minutos

mais tarde, o ônibus atravessa o bairro trazendo algumas professoras e professores da escola. As crianças correm em direção ao ônibus já sabendo quem iram encontrar. Algumas professoras são mais esperadas que outras, pois para as primeiras há até disputa entre seus estudantes para decidir quem carregará suas bolsas e materiais. O ônibus esvazia. Fim da linha. Contorna o fundo do bairro e segue viagem.

Vera e algumas colegas de trabalho, também, desceram daquele ônibus. No caminho até a entrada da casa, sede da instituição, elas cumprimentam muitas pessoas à porta da escola. Assim como as professoras preferidas, elas parecem ser muito bem vistas pelos moradores do Águeda. Entre as agentes que acompanhavam Vera, estava Bia, Assistente Social com quem havia conversado. De modo geral, as cumprimentos e ainda na rua, apresento-me a Vera. Gentilmente, sou convidado a entrar e encaminhado à sala compartilhada por Vera e Bia. Sentado em frente à mesa da coordenadora, espero alguns minutos até que ela se prepare para mais um dia de trabalho. Tudo pronto. Logo, começo uma breve apresentação dos meus interesses naquela conversa. Conto a ela um pouco sobre minha pesquisa e minha dedicação específica ao modo relação/produção do público "vulnerável", tão procurado pelos PSE. Falo sobre minha aproximação ao projeto do Marcos e do meu contato com algumas crianças do bairro através do acompanhamento das atividades de futebol. Comento sobre meu interesse na história de constituição do bairro e nos modos de vida característicos das pessoas que lá habitam.

[...] Vera é objetiva e pede uma contrapartida. Explica que muitas pessoas passam por ali pedindo material para pesquisas, porém, não costumam dar retorno ao lugar. Respondo a ela que tenho pensado em conduzir meu trabalho orientado pelo contato com os moradores dali, principalmente, crianças e jovens. Para isso, me disponibilizo a participar de algumas atividades desenvolvidas com o público ali atendido e, até mesmo, intervir com a proposição de algumas atividades recreativas com os diferentes grupos. Comento, também, sobre a intenção de começar pelo meu envolvimento com a história do bairro através de registros, documentos e conversas com alguns moradores.

No decorrer da conversa, percebo que minha proposta foi suficiente para o aceite da coordenadora que, em seguida, sai da sala e retorna com um dos relatórios anuais do CRAS. O documento é de 2006 e, segundo ela, é um dos mais completos com relação ao histórico do bairro. Enquanto folheio algumas páginas, Cristina conta alguns casos que compõe sua rotina de trabalho. Fala que não é nada fácil lidar com algumas famílias e que uma das principais dificuldades está em orientar pessoas que nunca tiveram uma organização familiar, com compromissos de trabalho, escola dos filhos e manutenção de casa. Tal situação decorre da própria constituição do bairro, quando muitas famílias foram pra lá deslocadas por processos de reintegração de posse dos lugares em que ocupavam. Por consequência de um programa habitacional, muitas pessoas passaram da ocupação de casebres irregulares para habitações populares, o que implica, entre outras coisas, na assunção de alguns compromissos como pagamento de impostos, energia elétrica e água. Frente a esse cenário, um dos afazeres cotidianos do serviço social está na orientação de noções básicas de um modelo de vida adequado à nova realidade daquelas pessoas (**Registros de viagens, março de 2015**).

DA OBJETIVAÇÃO DO PROBLEMA À PROBLEMATIZAÇÃO DO OBJETO: DO VULNERÁVEL COMO FUNÇÃO; COMO VIRTUALIDADE; COMO MONTAGEM

Leônia refaz a si própria todos os dias [...] Nas calçadas, envoltos em límpidos sacos plásticos, os restos da Leônia de ontem aguardam a carroça do lixeiro. Não só tubos retorcidos de pasta de dente, lâmpadas queimadas, jornais, recipientes, materiais de embalagem, mas também aquecedores, enciclopédias, pianos, aparelhos de jantar de porcelana: mais do que pelas coisas que todos os dias são fabricadas vendidas compradas, a opulência de Leônia se mede pelas coisas que todos os dias são jogadas fora para dar lugar às novas.
(CALVINO, 1990, p.105)

Entre paisagens teóricas, geográficas e existências, o cartógrafo produz seu objeto: os mecanismos pelos quais os vulneráveis dos PSE são produzidos. Nessa etapa, tê-lo em mãos só é possível como resultado da operação de pesquisa, pois somente pelo investimento em problematizar determinado tema, foi possível atingi-lo. A retomada dos empreendimentos remetidos à **proliferação dos PSE como agenciamento temático** possibilitou a extração de um tema de pesquisa ressonante das **linhas de vulnerabilidade social**: a relação marcada pela quase indissociabilidade estabelecida entre PSE e um público considerado vulnerável.

Portanto, a formulação da pergunta “**quem são os vulneráveis dos PSE?**” enquanto problema de pesquisa surgiu após ativação de uma postura ensaística estratégica operativa fundamentadas no plano analítico foucaultiano da problematização. Por aí, o cartógrafo pôde radicalizar uma operação tomada como objetivação do problema, fazendo uso dessa pergunta como estratégia de abordagem aos materiais referentes aos PSE. Por esse processo, foi instaurado o movimento de colocar a pergunta às fontes, em termos de uma dificuldade a ser resolvida. A final, quem são os vulneráveis dos PSE? Como resposta, retornam das fontes heterogêneas (documentos, mídia e artefatos culturais de diversas ordens) a convergência em endereçamentos estereotipados como já abordados em alguns quadros. No entanto, ao insistir na

pergunta, utilizando-a como uma espécie de detonador do exercício operativo, foi possível ativar um ciclo operativo inverso: a problematização do objeto. Esse por sua vez, interessado na manutenção da pergunta frente às recorrentes respostas.

Ao invés de encerrar o primeiro processo (objetivação do problema) no binarismo pergunta-resposta, o cartógrafo ativa o segundo (problematização do objeto), estabelecendo o funcionamento de um ciclo operativo incessante. A insatisfação frente às respostas apresentadas o incita, cada vez mais, em atentar para o funcionamento dos mecanismos pelos quais os vulneráveis dos PSE são produzidos. Mecanismos estes, que permitem a dispersão de respostas alicerçadas em ações e pensamentos que não hesitam em produzir tantos outros quadros e ficções. Nesse sentido, o cartógrafo exercita um modo de pensar os vulneráveis dos PSE, deslocando-os das respostas objetivas que os localizam em determinado espaço e os fixam em uma identidade precisa.

Do referido exercício, reverbera a criação de três eixos de inteligibilidade pelos quais a pergunta detonadora “quem são os vulneráveis dos PSE?” se mantém atualizada:

Um primeiro eixo corresponde à operação disparada pela inversão, que tenta retirar a descrição de tais indivíduos de uma função representativa, fazendo-a aparecer em sua função enunciativa (FOUCAULT, 2010b). A demonstração, então, torna-se possível pelo deslocamento do termo, de um sentido que o faz traduzir determinada condição ou situação que caracterizaria a existência de um estrato da população, para uma função maquínica, demonstrando seu papel fundamental na produção dos sentidos que tornam os PSE uma realidade.

O segundo eixo, a ser apresentado corresponde a outra forma possível de escapar da relação causal que funde determinados sujeitos e PSE em uma unidade, trata dos vulneráveis dos PSE como uma virtualidade. Trata-se, sobretudo, de uma forma de produção da realidade a partir de estratégias virtualizantes. Balizados entre norma e risco, *PSE – determinados indivíduos - situação de vulnerabilidade* compõem um processo de individualização/individuação, pelo qual o público-alvo dos PSE é possível apenas no estabelecimento de projeções do que não são. Como efeito do funcionamento deste eixo, chega-se à noção de “enigma” da infância e da juventude como motor edificante de situações de vulnerabilidade social, pelo qual os PSE se sustentam como iniciativas de governo (dos outros).

O terceiro eixo versa indicações sobre o vulnerável como uma montagem. Em funcionamento paralelo aos eixos da função e da virtualidade, a montagem aparece pela abordagem dos PSE como solução possível a determinados problemas. Tal investimento

suscita a discussão dos PSE como estratégia de governo do presente. Neste caso, os vulneráveis seriam o resultado da montagem de um sujeito que já nasce para ser reformado, visto que sua virtualidade aponta sempre para a necessidade de reparos quando considerado seu *modus operandi* preemptivo, baseado na antecipação dos acontecimentos. Nesse sentido, o vulnerável como montagem encaminha o exercício analítico para evidenciação de um funcionamento paradoxal que faz do desejo de extermínio de determinadas condições de existência algo inalcançável e, ao mesmo tempo, extremamente produtivo para manutenção dos modos de vida correspondentes às problemáticas do tempo presente.

Desse modo, é importante destacar que tais eixos não operam por uma relação hierárquica. Antes de serem entendidos como estruturas fixas, conclusivas de uma leitura universalizante, são fontes de manutenção de um exercício de pensamento constante do cartógrafo sobre seu objeto. O funcionamento de tais eixos, permite ao cartógrafo a radicalização do exercício crítico que tanto persegue enquanto constrói seus mapas.

Leve-me até lá



Fonte: Acervo pessoal.

Os rabiscos de Tito orientam àqueles que desejam conhecer as paisagens que habita. O valetão destaca as fronteiras do bairro em que vive com sua família. Surge no papel como a primeira referência a distinguir o seu território daqueles que não o pertence. Compartilhando o mesmo metro quadrado de areia fina, sinaliza em seu mapa a direção em que o homem estranho, com máquina fotográfica em punho, deve rumar para encontrá-lo novamente. Boa parte de seus dez anos de idade lhe deram uma noção de orientação geográfica que poucos dos seus amigos possuem. Conta ele, que desde que aprendeu a caminhar explora os lugares que sua vista alcança. Às vezes a pé, às vezes sobre a bicicleta enferrujada, Tito anda pelas ruas em busca de diversão, de passar o tempo que lhe resta quando não está na escola e enquanto sua mãe não volta do trabalho.

Hoje, após uma manhã de futebol, não demonstra pressa em voltar para casa. É sábado. Demora-se com seus colegas em frente à arena que costuma desempenhar suas habilidades futebolísticas. Conta um pouco de sua vida para um estranho que simpatiza. Mas, também é curioso,

sobrepõe seu interesse aos interesses do estranho. Um simples pedido de informação vira um exercício de mapeamento. Tito não vê ameaça na insistência do estranho em querer saber mais sobre aquela região. Pelo contrário, faz questão de explicar tudo que sabe em detalhes e pacientemente. Os rabiscos no chão de areia solta não dão vencimento à orientação, por isso pede ao estranho um pedaço de papel do caderno levado embaixo do braço e a caneta presa ao espiral. Em traçado contínuo, comenta cada elemento que se forma ao tempo que a caneta deixa sua tinta no papel.

O encontro parece agradável para ambos. Tito não transparece pressa em voltar para casa, mesmo não estando tão perto. Diz estar acostumado a perambular por aí. Com semblante amigável, possui passe livre nos bairros vizinhos, onde sempre há conhecidos para bater uma bola. Por outro lado, não é santo. Não foge de uma briga sem tentar revidar. Certa vez, conta ele, um guri bem maior o tirou do sério durante um jogo de bola num campinho perto de sua casa. “O jogo virou luta!”, entre socos e pontapés tiveram de ser separados pelos próprios companheiros de jogo. Sabe desde muito cedo que recuar é sempre pior, por isso, quando percebe o perigo, o primeiro soco é sempre dele.

Empolgado, Tito segue a contação de suas aventuras ao estranho de ouvidos atentos. Ali, ambos eram conscientes de que a verdade pouco importara diante da amizade que surgia. Sabiam que outros encontros os colocariam frente a frente novamente.

[...] Os comentários de Vera aguçaram ainda mais minha vontade de conversar com alguns moradores e me interar sobre como elas vivenciaram a constituição daquele lugar. Manifesto minha empolgação a ela que logo pega uma lista telefônica e indica três moradores que poderiam me ajudar. Imediatamente ela passa a ligar para aquelas pessoas. Primeiro, procura por Sandra, uma das primeiras moradores do bairro, atualmente, agente de saúde da comunidade. Ainda no seu horário de trabalho Sandra aceita conversar. Vera não demorou muito a convencê-la. Ao falar do meu interesse na história do bairro, imediatamente agenda uma conversa entre Sandra e eu. Ainda no telefone, Vera pergunta se tenho disponibilidade para conversar com Sandra ainda naquela mesma manhã. Respondo que sim. Pronto. Estava marcado meu primeiro encontro com uma moradora do bairro. A segunda ligação de Vera foi para Hélio, atual presidente da associação de moradores do bairro. Ele estava trabalhando no momento, mas se demonstrou solidário para com a pesquisa. Vera, então, passa o telefone pra minhas mãos afim de que eu acorde algum horário para me encontrar com Hélio. Mesmo por telefone, sem ter a mínima ideia de quem eu era, Hélio age com muita simpatia e, logo, concordamos em conversarmos no próximo sábado pela manhã em sua casa. A terceira pessoa listada por Vera era Dona Iara, moradora da rua 6. Não conseguimos contato com ela, mesmo assim, anotei seu endereço para posterior procura.

Após as ligações, já era hora de conversar com Sandra. Deixo o CRAS e me desloco ao posto de saúde, local combinado para encontro. Já eram quase 10h, chego ao posto de saúde e percebo muita gente esperando por atendimento. Dirijo-me ao balcão, onde algumas pessoas escoradas pediam informações sobre fichas, consultas, remédios, enfim, tudo que envolve o estereótipo de um centro público de saúde de pequeno porte. Sou atendido pela recepcionista que, sabendo do que se trata logo que procuro por Sandra, pede para que eu aguarde alguns minutos. Espero apoiado no mesmo balcão, as cadeiras de espera estavam cheias e alguns pacientes esperavam sua vez em pé e escorados nas paredes.

Enquanto espero observo o lugar. Pacientes com semblantes impacientes. A manhã agitada para médicos e enfermeiro dali, diferente das caras entediadas que

lotavam a sala de espera. "Sabrina!" grita a médica de dentro de uma das salas de consulta, chamando mais um paciente. Entre uma chamada e outra, o movimento da sala é mantido por uma espécie de "dança das cadeiras", o senta e levanta agitava o lugar que recebia cada vez mais pessoas. Médicos emburrados também circulavam por ali, deixando os pacientes ainda mais emburrados com tratamento indiferente que recebiam. "Júlio!".

Sandra, em intervalo dos seus afazeres vem até a sala de espera. Simpática e atenciosa, coloca-se à disposição para conversar sobre o bairro e contar um pouco sobre o período de ocupação quando o lugar onde se ergueu Cidade de Águeda era apenas uma campo aberto. Sou convidado a passar para o salão onde ocorrem algumas atividades com a comunidade. Quando chegamos, um grupo de senhoras desocupava a sala. Ali era o lugar mais adequado para a conversa, distante o suficiente para que o barulho da recepção não nos atrapalhasse. Sentamos ao fundo da sala, onde haviam algumas cadeiras e uma grande mesa encostada à parede. Por ali começamos nossa conversa.

Pra mim, aquela situação consistia num acontecimento inusitado. Não houve preparação alguma de minha parte para aquela conversa. Nenhum um roteiro de apoio me passava segurança. Na minha cabeça, apenas a vontade de ouvir histórias povoavam meus pensamentos. No entanto, nada ali era preocupante, não havia estrutura pré-estabelecida para correr riscos em cometer erros, simplesmente, porque não haviam metas fixadas. Apenas o encontro entre duas pessoas que não sabiam o que, exatamente, produziriam. O bairro como tema, ancorava nossa atenção. Minha intenção primeira passou a ser exercitar minha escuta (**Registros de viagens, março de 2015**).

Assim nasceu Águeda

Ela tinha casa, marido e dois filhos. Nos fundos da casa de seus pais, construiu com muito esforço três peças e um banheiro. No entanto, algo a inquietava. O sonho da casa própria não estava completo. Seu marido, um entusiasta, fez de seu espírito aventureiro e muita necessidade, o motor da atitude decisiva: conquistar seu pedaço de chão. Um dia depois de fixar o último azulejo no banheiro, a decisão derradeira foi tomada.

Sem levar a cabo os conselhos restritivos que os interpelavam, o casal segue com alguns pedaços de paus e um rolo de fio de nylon para um vasto campo, não muito longe da casa em que habitavam. Os filhos ficam com os avós enquanto o pai e mãe delimitam seu novo terreno. Não são os únicos, ao mesmo tempo, outras famílias derivadas dos mais variados contextos, erguem seus barracos em pedaços de chão esquadrinhados sem métrica. Aquele campo passou a ser entendido como terra de ninguém. Ainda que o cenário permita analogia às conquistas territoriais a ferro e fogo, às batalhas a qualquer custo e em todos os níveis por garantir um pedaço de chão, há, também, aqueles com visão empreendedora. Alguns, apenas delimitam seu espaço como um futuro investimento e retornam para as casas que habitam seja de aluguel ou de favor.

A peça de madeira, construída por ela e seu marido com pau, prego, lona e telha foi assumida como sua nova moradia. Primeiro para o casal, depois para o restante da família. Na peça, a claridade que rasgava as ripas de madeira, iluminavam o fogareiro, um armário e dois colchões estirados sobre compensados. Outros, na vizinhança, passavam por situação bem mais precária. Uma mulher permaneceu alguns anos criando seus seis filhos sob um barraco de lona preta, desmanchado e reerguido em todo processo de reintegração de posse. A polícia cumpria

as ordens do juiz, chegou a usar de força e violência, mas, dias após cada retirada, os barracos se multiplicavam. O crescimento progressivo do vilarejo exigiu do poder público que acelerasse o projeto habitacional travado há alguns anos nas máquinas burocráticas. A vistoria ambiental já não fazia mais sentido frente às proporções tomadas pela vila. Àquele tempo, o lugar já punha a funcionar seus próprios mecanismos administrativos. Ela já registrava todos que ali se instalavam, orientava as famílias de acordo com os preceitos da igreja católica e promovia atividades voluntárias para complementar a educação das crianças da vila. Enquanto isso, o marido assumia pouco a pouco o corpo de lideranças empenhado na melhora das condições do lugar. Entre seus companheiros, tornou-se vaidoso e, sempre que possível, demonstrava agrado pelo reconhecimento de seus pares em resposta aos trabalhos prestados por ali. Muitos já comentavam sobre seu interesse político, passando a ser visto com outros olhos por aqueles que outrora o admiravam.

Os registros dela passaram a ser usados pelo poder público para o controle daquela população. Três anos foram suficientes para a legalização de distribuição dos espaços da vila. Agora, devidamente esquadrinhado, ela e o marido escolhem as demarcações oferecidas. A partir daquele momento, o casal passa a erguer o que aos poucos toma forma da casa desejada. Ali, também, é realizada a primeira missa da comunidade. A casa dela continua sendo utilizada por um bom tempo como extensão da Igreja, localizada no bairro vizinho. As atividades com crianças e projetos de alfabetização para jovens e adultos, também passa a acontecer ali. O vilarejo toma vultos maiores. No vasto campo das barraquinhas, ergue-se uma cidade chamada Águeda.

O vulnerável como função

Ao atentar para as proposições reverberadas pelos PSE, é possível perceber algumas convicções circundadas por um silêncio que confirma um sentido de obviedade. Uma delas é a noção de vulnerável ativada por tais iniciativas. Noção tratada aqui como um enunciado, compreendido assim, por sua função de existência²⁵ que o recorta no tempo e no espaço como um acontecimento, ou seja, materialidade de um discurso que é regulada por certas leis de possibilidade, que possui uma posição de sujeito a ser ocupada e que se dispersa em correlação com outros enunciados (FOUCAULT, 2010b).

A partir dos próprios projetos materializados em planos de trabalho é possível destacar determinado conjunto de regras, cujo funcionamento é acionado pelo aparecimento recorrente do termo “vulnerável”. Tal classificação é lançada de antemão na condição de pré-requisito para o funcionamento de tais projetos, os quais só fazem sentido ao endereçarem suas atividades esportivas a suposto conjunto de indivíduos que estariam à margem de condições geográficas e existenciais que delimitam determinado entendimento de sociedade²⁶. Ativa-se com isso, um campo referencial: a figura de uma instituição (PSE) associada à sensibilização para com o outro, compondo uma ideia de responsabilização social. É por reconhecer a existência do vulnerável (associado ao arranjo composto por elementos visíveis e dizíveis, como bairros periféricos, tráfico de droga e violência) e sentir-se responsável para com ele, que os PSE constroem sua potencial materialidade.

²⁵ Segundo Fischer (2012), a ideia de enunciado em Michel Foucault, parece sintetizar uma possível “teoria do discurso” (p.76). Ao mapear o aparecimento do referido conceito em *A arqueologia do saber*, Maria Rosa Fischer destaca algumas expressões usadas pelo filósofo em suas definições de discurso – como: “condições de existência”, “domínio”, “grupo individualizável” e “prática regulamentada” – remetem à definição de enunciado como “função de existência”, a qual se exerce na transversalidade de unidades como a frase, a proposição ou o ato de linguagem. Nas palavras do próprio Michel Foucault (2010b, p.31), o enunciado “é sempre um acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente”.

²⁶ Hecktheuer (2012) identifica o funcionamento paradoxal dos termos “vulnerabilidade” e “social”, acionados pelos PSE. Para o autor, ao indicar a existência de um vulnerável “social”, indica-se, também, a noção de que a sociedade está em risco. Desse modo, o referido público não equivale ao “social”, mas sim a parte do mesmo. Nesse sentido, os PSE “[...] colocam em curso uma *segmentação da sociedade* para intervenção, mas o risco maior parece estar sempre ao lado da sociedade” (p.103).

O projeto semear se autodenomina social, pelo fato de trabalhar com crianças carentes que estão em uma realidade crítica, ou seja, envolvido na criminalidade e outros problemas, pois o bairro Castelo Branco possui uma área de lazer muito restrita e por isso foca as crianças e jovens (Projeto Semear).

Quadro 14 – Apresentação do Projeto Semear
Fonte: Acervo pessoal.

A descrição que ilustra o excerto se refere à iniciativa de dois estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física (FURG), moradores do bairro citado. Justificado pela tentativa em dar continuidade às atividades iniciadas por um PSE estatal, finalizado em 2010 na mesma região, os proponentes autodenominam suas atividades como projeto social a fim de, entre outras coisas, conseguirem recursos e melhores condições para manter o funcionamento do projeto. Contudo, é pertinente destacar o campo referencial ativado pelos proponentes ao descreverem suas atividades.

A composição reunida no excerto demonstra a associação pouco explicativa entre determinado bairro, **crianças e jovens carentes, realidade crítica, altos índices de violência e criminalidade, brincadeiras, atividades de lazer, desenvolvimento pessoal e profissional**. O campo referencial, então, é montado através da reunião de determinados elementos de maneira que, sem muitas explicações ou comprovações, a necessidade de intervenção em dada realidade pelo PSE seja tida como incontestável.

Na insistência do exercício analítico é possível, também, apreender um sujeito do enunciado. Não um sujeito condizente com estruturas gramaticais nem restrito a quem o pronuncia. Temos sim, uma posição do sujeito que enuncia, ocupada pelos PSE enquanto ponto de articulação e agrupamento de determinados discursos a fim de dar sentido a seu público-alvo. Por esse procedimento de regulação, o vulnerável se torna possível. A partir da utilização de marcadores estatísticos, mapas de pobreza, indicadores socioeconômicos, contextualização do cenário local, decisões consensuais, ou simplesmente, pela referência de outros projetos sociais em funcionamento, os PSE constroem um pano de fundo sobre o qual produz seu vulnerável.

Esse trabalho visa diminuir a vulnerabilidade social de crianças e jovens residentes no bairro Santa Teresa e Vila Mangueira. [...] O intuito é resgatar a integridade e a dignidade de crianças e jovens, tornando-os seguros e autônomos, características essenciais para que os afastem de representações como: baixa auto-estima, baixa-sociabilidade, baixa-eficiência e dependência, que são fatores de risco para a agressividade, uso de drogas e problemas comportamentais. Este projeto visa beneficiar sessenta crianças e adolescentes, [...] na faixa etária dos 9 aos 13 anos que encontram-se em situações de risco como pobreza, fome, prostituição, drogas, falta de moradia e outros (Projeto Formando Craques).

Quadro 15 – Descrição do público-alvo do Projeto Formando Craques

Fonte: Acervo pessoal.

[...] Configura-se assim, uma clientela formada, essencialmente por alunos sob risco social. De acordo com Pochmann (2004): “Os jovens são um dos segmentos mais desfavorecidos da população em que se encontram as maiores vítimas da violência urbana, do tráfico de drogas, da prostituição, do trabalho infantil e do trabalho quase forçado, configurando, assim, sua inserção profundamente precária em nossa sociedade”. E, logicamente, entre as diversas carências observadas em nosso município em relação a esta população, encontra-se a falta de acesso a atividades de lazer, esporte e cultura (Projeto Integração).

Quadro 16 – Descrição do público-alvo do Projeto Integração

Fonte: Acervo pessoal.

No início de fevereiro, 27 garotos pré-selecionados passaram por baterias de exames médicos e odontológicos. [...] Conforme [o médico], os jovens apresentarem enfermidades características das carências sociais as quais convivem: cerca de 30% tinham parasitoses intestinais, 20% estavam anêmicos, alguns também apresentaram quadro de infecção do trato urinário (Projeto Fertilizando Talentos).

Quadro 17 – Processo seletivo do público-alvo do Projeto Fertilizando Talentos

Fonte: Acervo pessoal.

Os quadros se complementam na demonstração do que, sem muita desconfiança, pode-se tomar como descrição da mesma paisagem. Talvez, nem tenham tido conhecimento de suas afinidades quando planejaram suas ações, entretanto, há uma posição de sujeito que os atravessa, sustentando suas existências. Neles, indiscutivelmente, é recorrente a ideia de infância e juventude como condições iminentes de polaridades comportamentais decorrentes das suas localizações geográficas, sociais e biológicas. Os PSE se apresentam, assim, como um ponto de articulação discursivo; um filtro composto por determinadas formas de problematizar a realidade. O sujeito do enunciado compõe o campo referencial, mas, de maneira específica, consiste em uma espécie de molde por onde se faz passar crianças e jovens que nem sempre se acomodam facilmente às suas paredes. Nesse sentido, os vulneráveis antes de se personificarem em crianças e jovens, já possuem endereço, condição de vida determinada e, no limite, características comportamentais e biológicas específicas. Por esse viés, temos o vulnerável como produto de agrupamentos discursivos ancorados nos PSE.

Seguindo o exercício, identifica-se, também, a relação que o vulnerável mantém com enunciados de ordens distintas ativadas por uma série de enunciações. Elenquemos algumas: risco social, cidadania, valores cidadãos, inclusão social, consciência crítica, ética, significação e valorização da vida. Esses são alguns termos que dão sentido ao campo de enunciados correlatos ao vulnerável dos PSE. Para além desses, temos a ativação de outros que remetem ao funcionamento dos projetos à responsabilização social, à proliferação do uso de drogas e, principalmente, ao esporte como ferramenta educativa. Tais noções produzem os sentidos que transversalizam frases e proposições materializadas nos projetos, bem como, nos atos de fala de seus proponentes e relativos, como se vê nos excertos que seguem:

Este projeto tem como proposta também, transformar a cidade de Rio Grande RS num polo disseminador de conhecimentos para o ensino do esporte, em suas mais variadas vertentes, através da capacitação e formação de instrutores, auxiliares e equipe multidisciplinar com qualidade, além de ser um grande formador de alunos cidadãos de bem na sociedade, sendo que alguns, inexoravelmente, irão realizar o sonho de ocupar seu tempo ocioso fora do horário escolar. Utilizando o esporte como um processo educacional, no atendimento inicial a crianças e adolescentes, em situação de risco social e pessoal, oriundas de famílias de baixa renda, matriculadas em escolas da rede pública do município, com objetivo primordial o desenvolvimento no esporte (Programa Petrobras Esporte & Cidadania).

Quadro 18 – Rede enunciativa correlata acionada pelo Programa Petrobras Esporte & Cidadania

Fonte: Acervo pessoal.

Missão do IEE: “Contribuir para a formação do cidadão crítico e participativo, por meio do processo educativo do esporte, fornecendo o desenvolvimento de comunidades de baixa renda” (Projeto Núcleo Jovem - Instituto Esporte e Educação).

Quadro 19 - Rede enunciativa correlata acionada pelo Projeto Núcleo Jovem - Instituto Esporte e Educação

Fonte: Acervo pessoal.

Com isso, os PSE se conectam a uma rede correlata, necessariamente, formada por um conjunto de certezas baseadas na complementação da educação escolar, no esporte como meio de formação crítica e autônoma, bem como na identificação de uma demanda que, talvez, sequer foi consultada. Esse arranjo sustenta afirmações, comprovações e decisões que, muitas vezes, antecipam a própria existência dos PSE. A necessidade de ocupação do tempo ocioso, promoção de uma formação crítica, inclusão social e educação pelo esporte, não são especificidades dos PSE, no entanto, reforçam sua existência e seu funcionamento.

Em suma, esses são alguns recortes extraídos de documentos referentes aos planos de trabalho dos PSE mapeados pelo programa de

pesquisa referido inicialmente. Na tentativa de fazer aparecer, através dessa breve demonstração, a função enunciativa que produz o público-alvo para o qual os PSE endereçam suas ações, destaca-se a fabricação silenciosa de uma obviedade. A existência de um estrato populacional vulnerável é considerada indubitável pelos PSE. Por outro lado, tal análise é passível de inversão, pois ao considerar sua condição enunciativa, é possível dizer que tal noção carimba em determinados indivíduos a marca de pertencimento a uma categoria específica. A localização de um campo referencial, de um posicionamento do sujeito vulnerável e de um arranjo correlato de sustentação, materializam visibilidades e dizibilidades que podem levar ao entendimento dos PSE como uma resposta a situações de demandas dadas. Por outro lado, observar tais elementos como mecanismos enunciativos, possibilita a leitura dos PSE como um dispositivo organizado de modo a produzir mais situações de vulnerabilidade do que as combater.

Hecktheuer (2012) coloca em suspeição o aparecimento dos termos “vulnerabilidade social”, “em risco” e “de risco”, que definem o endereçamento dos PSE. De acordo com o referido autor, tais termos ativam mecanismos de governo que, em funcionamento, produzem uma população de vulneráveis tida como agente perturbadora de uma ordem social potencial.

Nestes termos, o risco maior é o de produção da desordem, enquanto o principal objetivo destes projetos parece ser uma tentativa de ordenamento de uma população que está dispersa e, em certo sentido, “desconhecida”. Este sentido, por sua vez, também se duplica: primeiro, pela necessidade destes indivíduos se perceberem e serem numerados, mensurados, localizados como vulneráveis; segundo, pode-se dizer que mais do que se dirigirem aos indivíduos vulneráveis estes projetos “vulnerabilizam” esta parcela da população (HECKTHEUER, 2012, p.129-130).

Guardadas as potencialidades de exploração biopolítica do tema, levantadas pelo autor sob a ótica do governo das populações, destaca-se a operação analítica que evidencia a função enunciativa exercida pelos vulneráveis dos PSE. Movimento próximo ao conceito de nominalismo dinâmico forjado por Ian Hacking (1986) em *Make up people*²⁷, pelo qual é

²⁷ Ian Hacking (1986), em seu texto *Make up people* [Inventando pessoas], traz a baila a noção de nominalismo dinâmico como um conceito chave em suas análises sobre classificação de pessoas. Em oposição à ideia de um possível nominalismo estático relacionado ao ato de descobrir, tal conceito sugere que o ato de classificar indivíduos ou populações está na ordem da invenção das próprias pessoas que delas fazem parte.

possível reforçar a noção de que os vulneráveis dos PSE só obtêm seu sentido, simultaneamente, ao inventar seus indivíduos, pois o referente (pessoas que “necessitam” de PSE) é produzido. Nesse sentido, o conceito de nominalismo dinâmico, operaria aqui em oposição à ideia de descoberta terminológica, ou seja, trazer à luz um termo que traduza dada realidade. Os vulneráveis dos PSE, enquanto indivíduos que compõem uma população, não existem até que assim sejam nomeados. “*The category and the people in it emerged hand in hand*”²⁸ (HACKING, 1986, p.229).

No entanto, a ideia de referente produzido, que sustenta a tese de *Make up people*, não se restringe à diferenciação que faz alguém ou algo pertencer ou não à determinada categoria. Não se trata apenas de ser ou não ser, mas, das possibilidades que rondam o processo de vir ou não a ser, do que se poderia ter feito e do que se pode fazer. No caso dos PSE, trata-se, principalmente, de antecipações precipitadas em promessas e ações, sustentadas na existência prévia de um vulnerável rascunhado como: crianças e jovens propensas à **ociosidade** nos períodos em que não estão na escola; estudantes de **escolas públicas** localizadas em periferias da cidade; residentes em regiões consideradas **policarenciadas**, que vivem em uma **realidade crítica** e que necessitam, entre outras coisas, da **ocupação do tempo ocioso e ordenação do espaço público**; indivíduos tidos como excluídos do acesso às práticas esportivas e de lazer, bem como, de um próprio padrão inventado como **social**.

Tem-se assim, os vulneráveis por algumas expressões acionadas pelos PSE ao direcionarem seus cuidados. De modo geral, são caracterizações, descrições estereotipadas, figuras caricatas que compõe uma determinada representação do social e produz o cenário em que os PSE objetivam intervir. Por meio delas, o vulnerável toma formas um tanto borradas, ganha rostos esfumados através de definições imprecisas, quando se tenta utilizá-las como tradução de determinada realidade. Porém, enquanto mecanismos de produção de sentido, as descrições expressadas pelos PSE se tornam potentes, pois colocam em jogo, o movimento paradoxal que produz seu

²⁸ “A classificação e as pessoas nela incluídas emergiram de mãos dadas” (HACKING, 1986, p.229, tradução própria).

público-alvo e a paisagem que o cerca, ao mesmo tempo em que relata suas supostas demandas e características.

A produção do referente, mesmo que nesse caso ele “realmente” exista, é conduzida pelas potencialidades que determinados indivíduos possuem em escapar das referidas representações. Trata-se de um enunciado ativado por uma noção de periculosidade²⁹ e que atua na constituição do público-alvo dos PSE com base nas virtualidades que os cercam. Desse modo, os vulneráveis dos PSE têm seu sentido produzido apenas nas possibilidades de tornar-se algo. Localiza-se na projeção de virtualidades entre o que é e o que não deveria ser, entre o que é e poderia ser, ou ainda, o que poderá vir a ser. Nesse sentido, algumas provocações parecem pertinentes: seriam os vulneráveis, possíveis somente na ausência das personificações temidas pelos PSE? Afinal, ao endereçarem suas ações às crianças e jovens provenientes de determinadas regiões, de modo a projetar modelos possíveis de vida adulta, o sentido do vulnerável está no que ainda não é, mas tem possibilidade de vir a ser ou poderia ter sido. Entre essa série de imprecisões extremamente produtivas, reside a função enunciativa!

Desse modo, entender o vulnerável como função consiste em uma abertura operativa frente ao manejo da questão detonadora (Quem são os vulneráveis dos PSE?). Os vulneráveis, por esta perspectiva são assumidos como função enunciativa resultante da inversão que os tiram da condição de tradutor de dada realidade, colocando-os como mecanismos de produção da realidade. Porém, assumindo a problematização como *ethos* de pesquisa, outras perguntas devem ser feitas a fim de preservar o exercício de pensamento. Tomar o mecanismo da função enunciativa para pensar a relação entre PSE e seu público-alvo, não deve se limitar à resposta do problema, mas, sim, como condição mantenedora do exercício problematizador. Na condição de abertura operativa, partir do entendimento dos vulneráveis dos PSE como função enunciativa deve impulsionar a produção do problema, ao invés de encerrá-lo. Antes de servir como resposta, coloca em cheque a materialização

²⁹ Em *Verdade e as Formas Jurídicas*, Foucault (2002) indica a reforma jurídica como condição de possibilidade do funcionamento de uma noção de periculosidade. “Toda a penalidade do século XIX passa a ser um controle, não tanto sobre se o que fizeram os indivíduos está em conformidade ou não com a lei, mas ao nível do que podem fazer, do que estão sujeitos a fazer, do que estão na iminência de fazer” (p. 85).

e proliferação dos PSE como soluções quase óbvias para problemas mais óbvios ainda. Logo, parece pertinente a recolocação e insistência da pergunta detonadora para que se force outro modo de abordagem.

0 Estrangeiro



Fonte: Acervo pessoal.

Com pedaço de pau escorado em um dos seus ombros magrelos, Alemão caminha em direção ao lugar que chama de CRAS. Nos arredores daquela casa branca com detalhes azuis, costuma passar as tardes com seus amigos. Ponto de referência para o encontro de meninos e meninas que habitam a vizinhança, o espaço amplo e cercado, permite a realização de vários jogos e brincadeiras sem que a bola escape para muito longe ou caia em alguma valeta, ocorrências comuns nos campos abertos. Além disso, a torneira para se refrescarem em dias quentes e o livre acesso aos banheiros motiva a permanência das crianças por ali.

Contudo, o que levara Alemão aquele dia pra lá, fora um jogo de taco prometido por um rapaz estrangeiro que há pouco tempo costuma frequentar o bairro. Assim como seus amigos, o menino não sabe ao certo o que o estrangeiro faz por lá com tanta constância, no entanto, parece um cara bacana. Alemão, acha que ele trabalha no CRAS, pois o vê, frequentemente, caminhando pelo bairro, conversando com moradores e assistindo os jogos de futebol nos campinhos improvisados da região.

Entretanto, o desconhecimento sobre origem do estrangeiro não os impedem de se aproximarem. A insistência daquela presença estranha não tardou a se converter em afinidade. O menino achava engraçado poder

conversar com um estrangeiro que falasse a mesma língua. Também, achava graça da curiosidade excessiva, questionando coisas banais que Alemão e seus amigos faziam ou pensavam. Aquele cara parecia sempre ter um ponto de interrogação no final de suas frases. Mas, Alemão não se importava. Sorte de um ouvido faminto encontrar alguém que fala pelos cotovelos.

A tarde estava ótima para um jogo de taco. O sol das últimas semanas ajudou a secar as poças do pátio, acumuladas durante o último período chuvoso. As falhas barrentas da grama já não eram predominantes. Com essas condições, Alemão sabia que estrangeiro apareceria, por isso, o esperava com seu equipamento pronto: taco construído com ajuda de seu pai. De olho na entrada do bairro, Alemão antecipa cada movimento à chegada do estrangeiro que, geralmente, adentra a rua principal de bicicleta ou de carro.

Ao avistá-lo, de longe sinaliza com o bastão. O estrangeiro, ainda do carro, buzina de modo a responder o gesto do menino. Assim que estaciona em frente ao CRAS, vai ao encontro de Alemão já no centro do pátio. O menino, sem perder tempo, adianta-se:

- E aí!? Vamos jogar taco hoje?

- Ué, vamos!

- Tu trouxe as coisas?

- Tenho só uma bolinha de borracha, falta um taco e duas garrafas.

- O Lucas me lembrou que hoje era quarta, daí eu lembrei que era o dia que tu disse que a gente iria jogar taco.

- Tá!? Mas quem vai jogar? E o Lucas não vem? Ainda assim, precisamos de mais um, pelo menos.

- Eu vou lá chamar o Lucas e o Bruno! Vamos lá?

Convida Alemão.

- Vai lá correndo enquanto eu pego a bolinha.

Responde estrangeiro.

- Tá! Eu vou. Mas, não vou correndo.

Replica Alemão, para não se passar por obediente.

No caminho de volta ao carro, estrangeiro encontra alguns restos de madeiras escorados num poste de luz. Percebe que eram sarrafos de um cavalete usado para sinalização das obras de pavimentação, que estava quebrado e, notavelmente, descartado pelos funcionários que logo ao lado trabalhavam. “Achei um taco”, grita sem que Alemão o escute. “Só tenho que tirar este prego”, fala a si mesmo, adaptando o material encontrado.

Quando volta com a bolinha e um taco improvisado, Alemão, Lucas e Bruno já adentravam o pátio cercado. Ao perceber a incompletude dos materiais para o jogo, o estrangeiro grita:

- Tá Alemão, faltam apenas duas garrafas.

Prontamente, Alemão parte em busca do material que faltava. Em menos de um minuto uma garrafa pet com capacidade para 2L é encontrada em meio aos entulhos que formavam pequenos morros na entrada do campo que limita os fundos do bairro. “Falta uma!”, Bruno se manifesta. Alemão continua sua procura e logo encontra uma garrafa de cachaça vazia, protagonizando uma das cenas mais inusitadas que estrangeiro vira por ali. Ao se deparar com a garrafa, Alemão exclama: “Achei! Agora é só colocar um pouco d’ água aqui”. Com toda naturalidade, agacha-se às margens da valeta que passa em sua frente, mergulha a garrafa na água esbranquiçada e, com muita perícia, evita molhar suas mãos, enchendo mais ou menos um terço da capacidade do recipiente.

Surpreendido por aquele gesto espontâneo, numa tomada de decisão sem titubeios, estrangeiro, percebe-se imóvel. Sua expectativa, talvez, orientada pela antecipação estruturada na obviedade de buscar uma torneira em que pudessem encher a garrafa foi interrompida, abruptamente, pelo imediatismo de Alemão. Ao assumir o aspecto cômico da cena, o riso compartilhado em quatro, excluiu qualquer

possibilidade de julgamento ou repreensão. Agora o jogo poderia começar.

A tarde decorreu em animadas partidas de taco para aqueles que lá estavam. Após jogarem, praticamente, sem parar, Alemão, Lucas e Bruno rumam cansados e famintos para suas casas. Já o estrangeiro toma seu carro e retorna para fora do bairro, repetindo em sua memória a cena de Alemão coletando água da valeta. A imagem insistia em seus pensamentos, lhe causando certo incômodo. Todavia, não era o fato em si, do menino quase tocando a água suja que o desconfortava. O que estava em jogo era sua própria reação de estranhamento da cena. Afinal, por que ficara surpreso? Quantas vezes fizera coisas daquele tipo, tão semelhantes quanto à atitude de Alemão? Então, recobra o quanto gastava seu tempo jogando bola, brincando de pandorga e pique esconde, pulando valetas e correndo descalço pela rua de areia até o sol se pôr. E hoje se espanta, e foi preciso espanto para lembrar o quanto improvisar para não perder a diversão, havia sido a melhor condição de sua infância. Agora, as fronteiras que o fizera estrangeiro, já não demarcam tantas diferenças.

O vulnerável como virtualidade

Os PSE reconhecem a existência de indivíduos vulneráveis! Para esses, se há um *a priori*, trata-se de sua própria existência. Contudo, cabe a indagação: o que há de problema com a exclamação? Novidade ou apenas constatação do sentido que persevera em cada PSE cartografado? Afinal, não seria pela existência de um que o outro se torna possível? Obviedade? Pelo menos para notícias impressas em folhas jornais.

[...] esses programas, principalmente os de lazer, não podem proporcionar perigos ou deixar os jovens em exposição a riscos sociais. Essas situações de vulnerabilidades, que podem ser desde um fácil acesso às drogas ou mesmo a outros tipos de violência, contornam-se ao ser proporcionado ao adolescente/jovem um espaço de integração e cultura, com atividades programadas que ocupam o indivíduo e o incentivam a não entrar no “submundo” da sociedade (ZENOBINI, 2011, p.4).

Quadro 20 – Um sonho esportivo
Fonte: Acervo pessoal.

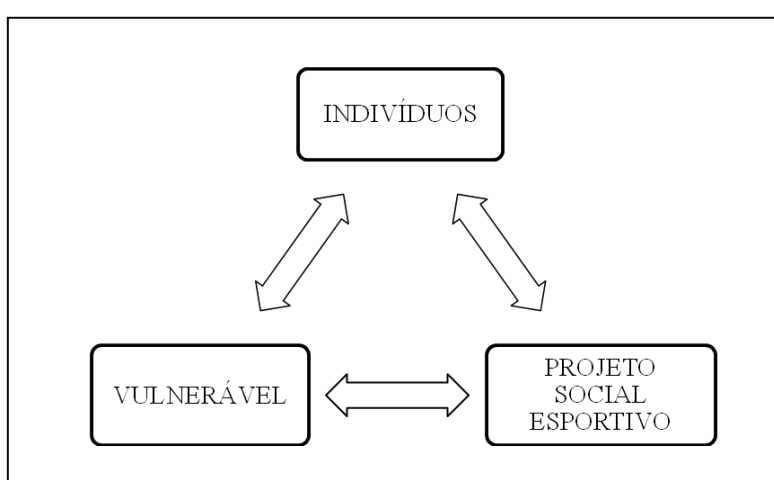
De modo geral, tem-se a ação dos PSE justificada por “situações de vulnerabilidade”. Qual o problema? O que se pode estranhar de uma relação cada vez mais óbvia entre PSE e indivíduos vulneráveis? Talvez o problema seja, justamente, essa quase obviedade. Esse processo que parece pouco a pouco encobrir as engrenagens constitutivas de uma produção. Processo de limpeza dos resíduos de uma criação que apresenta como arte final a relação necessária entre PSE e determinados modos de existência. Emendas, quase, imperceptíveis quando anunciado:

O Projeto Educando pelo Esporte atendeu 25 (vinte e cinco) meninos ao longo do ano de 2008, somado a vinte e três outros que tiveram passagem curta até 15 (quinze) dias e, por isso, não foram considerados alunos do projeto. Nascidos nos anos de 1991, 1992, 1993 e 1994 todos os alunos encontravam-se sob vulnerabilidade social e econômica (Projeto Educando pelo Esporte, 2008).

Quadro 21 – Projeto Educando pelo Esporte
Fonte: Acervo pessoal.

Uma fala como essa induz um tipo de confirmação sobre a existência “comprovadora” dos vulneráveis. No entanto, como suspeitar dessa certeza? É esperado que PSE descrevam seu público-alvo, indicando meninos de quatorze a dezessete anos de idade em **situação de vulnerabilidade social e econômica**. A estrutura parece blindada, **PSE atendem indivíduos em situação de vulnerabilidade**, qual o problema nisso? A pergunta insiste. Assumida a existência de tal estrutura, comecemos por reparar em **como** ela se põe a funcionar. Por quais estratégias se torna possível? Em seguida, tomemos o desmembramento desse processo como ponto de apoio para

algumas suspeições. Se suprimirmos por alguns instantes o termo “indivíduos” do seguinte jogo de palavras “**atendem indivíduos em situação de vulnerabilidade**”, logo percebemos que há perda de sentido. Perde-se, não em termos de análise gramatical, mas, no funcionamento do jogo enunciativo que conduz a materialização dos PSE. O sentido carregado pelo termo “indivíduo” funciona como um ponto articular entre PSE e situação de vulnerabilidade. É linha conectiva entre ambos, fazendo do segundo condição de existência do primeiro. Ao que parece, temos três elementos que funcionam indissociavelmente na produção de um sentido específico (Quadro 22):



Quadro 22 - Mecanismo de individualização/individuação das situações de vulnerabilidade
Fonte: Próprio autor.

Teríamos aí a composição de um sistema estrutural que se retroalimentaria por um processo de individualização/individuação³⁰? Afinal, é da constituição de indivíduos que se trata, bem como da condução de modos possíveis de sê-lo. Por conseguinte, localizar, buscar, capturar ou produzir um determinado tipo de indivíduo, ativa sempre um processo de individualização/individuação, como ação de individualizar/individuar. Os indivíduos vulneráveis dos PSE seriam, então, resultado desse processo que

³⁰ No curso intitulado **Em defesa da sociedade**, durante a aula de dezessete de março de 1976, Foucault (2010c) trata da emergência de uma nova tecnologia que se dirige à multiplicidade dos homens. Seria o biopoder como complemento da disciplina. Tecnologias de ordens distintas. A primeira individualizante porque atinge o corpo e o pune de forma isolada. A segunda é “massificante” por se dedicar a um corpo-espécie. Nesse sentido, o uso da noção de processo individualização/individuação não está especificamente na disciplina, nem na biopolítica. Entretanto, ambas consistem em noções caras ao mecanismo constituído pela estrutura apresentada no Quadro 22. Trata-se de fabricação de modelos de pessoas e, em certo sentido, das próprias pessoas.

classifica e personifica uma situação de vulnerabilidade, dando-lhes nome, endereço, idade, sexo, renda salarial entre outros delimitadores.

No gabinete das certezas

Frente a frente ela e ele se conhecem ali, compartilhando extremidades opostas de uma mesa de escritório. Era um dia qualquer de um março quente, quando ela o recebe gentilmente em sua sala de trabalho localizada num prédio antigo do centro da cidade. Ainda sem entender muito bem a presença dele em sua sala, demonstra-se curiosa sobre os motivos que o levava a estar ali. Ele, por sua vez, também não tinha clareza de como ela poderia lhe ajudar. Sobretudo tratava-se de um encontro ocasionado por uma série de acontecimentos despretensiosos, porém, tudo por ali se externalizava como se fosse previsível, uma entrevista, talvez.

Ele, na condição de entrevistador, apresenta-se como alguém interessado em saber mais sobre os processos de identificação de pessoas que habitam territórios considerados vulneráveis. Esse modo insistente de perceber pessoas e lugares o causa incômodo. Os estereótipos apreendidos em nomenclaturas grafadas em tintas de salvação, ocupação do tempo ou antecipação do indesejado, não o convencem por mais que persistam em assumir estatuto de elemento natural. Ele sabe que para muitos questionar tal arranjo é uma afronta. Provocar a quais problemas tais escolhas visam responder, nem se fala.

Contudo, provocar não era o propósito daquela conversa. A fim de manter sua própria sensibilidade em exercício, ele se dispõe a escutá-la e, sobretudo, manter a disponibilidade dela em sintonia. Ela, não titubeia em proferir certezas. Demonstrações não a faltam para sustentar verdades pontuais que compõe sua vasta experiência profissional. Tanto que sua primeira impressão sobre ele a fez entender suas referências um bocado genéricas. Realmente, não é fácil falar sobre coisas que não se pode tocar, embora, perceber-se colado

em certas coisas que nos fazem pensar que sempre foram assim, também, seja muito difícil.

A ela, agrada o que é real, concreto, localizado. Se há problemas, deve haver soluções ou, então, tentativas dedicadas em amenizá-los. Todavia, nem todos os problemas se dissolvem em respostas definitivas, nesse caso, para ela parece ser suficiente sua monitoria. Ao se tomar um território, e algumas vidas que o protagonizam, como um problema, a observação contínua das escolhas daqueles que lá vivem, já é o bastante para que o problema não se expanda. A vulnerabilidade, então, aparece como um suporte. Sobre ela se colam territórios indefinidos, mas potentes. Potentes no que ainda não são, potentes por aquilo que podem vir a ser, portanto vulneráveis. Vulneráveis porque nasceram, porque são pobres, pelo histórico de sua família, porque não estão cadastrados em programas sociais, porque os espaços que frequentam não são considerados saudáveis.

Ele, por sua vez, não tira a razão das palavras dela. Entende seu posicionamento e, por vezes, sente-se convencido diante da “realidade” esboçada. Contudo, o angustia o tom salvacionista que orienta a conversa às certezas que sobrepõem o véu da vulnerabilidade sobre muitos desejos, pequenas escolhas e atitudes que fazem de cada vida uma vida singular. Já para ela, seu próprio trabalho se configura em demonstrar a potencialidade de algumas pessoas em se ajustarem a um sistema de convivência comum, embora ele entenda que isso só faça sentido no contínuo processo de demarcação de maneiras inaceitáveis de condução dessas vidas.

Instala-se, portanto, um sistema de produção de sentido. PSE e vulnerabilidade social se materializam ao individualizar/individualar modos de existência. Para haver PSE é preciso que haja indivíduos em situação de vulnerabilidade que, por sua vez, é condição de existência para determinado indivíduo. Fecha-se uma triangulação coerente. Nesse sentido, não haveria nenhum estranhamento em meninos entre quatorze e dezessete anos de idade participar de PSE por serem vulneráveis. Seria essa, uma explicação satisfatória? Afinal, qual condição de existência desencadearia tal processo? Quais modos de vida determinariam a necessidade de sua intervenção? O que há de tão potente na situação de vulnerabilidade ao ponto de condicionar a realização de um PSE? Todavia, ainda se trata dos desdobramentos da pergunta: Quem são os vulneráveis dos PSE?

[...] O Formando Craques atende crianças oriundas de três escolas públicas das proximidades da Quip e tem por objetivo manter as crianças longe das drogas através do esporte (S/AUTOR, 2010, p.8).

Quadro 23 – Projeto promove entrega de presentes e medalhas
Fonte: Acervo pessoal.

O Clube Pioneiros de Voleibol tem como missão utilizar o esporte como instrumento de socialização para jovens e para crianças dos bairros carentes da cidade do Rio Grande. A ideia é de utilizar o vôlei como uma atividade que acompanhe os alunos até a idade adulta, a fim de oferecer aos pais, que procuram um diferencial, a garantia de um trabalho de qualidade e credibilidade para seus filhos (S/AUTOR, 2011a, p.8).

Quadro 24 – Voleibol rio-grandino ganha o Clube Pioneiros
Fonte: Acervo pessoal.

[...] Criado há três anos, o Punhos da Esperança teve início na associação do bairro Getúlio Vargas. Atualmente, o projeto funciona no Centro Municipal de Eventos do Rio Grande e reúne crianças de todos os bairros [...]. Visando, principalmente, ao combate às drogas na periferia, as crianças participam de atividades físicas, técnicas de boxe, recreação, cultura e lazer. Logo após o treino, elas recebem uma refeição. Para participar, o aluno tem que estar obrigatoriamente estudando e não pode se envolver em brigas (S/AUTOR, 2011b, p.8).

Quadro 25 – Projeto Punhos da Esperança poderá ser implantado em Porto Alegre
Fonte: Acervo pessoal.

Os excertos não hesitam em responder, demonstram a quem os PSE endereçam seus cuidados. Seriam respostas suficientes ou apenas o estopim da pulverização (ou rarefação) de seus sentidos? Partem da afirmação de que esses existem. Não é difícil perceber que tais ações se proliferam em função de uma demanda de indivíduos *a priori* apontados, mapeados e recortados por uma situação de carência de suas intervenções. São localizados a partir dos espaços geográficos, econômicos e culturais que ocupam, bem como, por seus perfis físicos e comportamentais. No entanto, essa multiplicidade de

endereçamentos tão afirmativos é apenas efeito da predominância das regularidades de uma estrutura que produz e marca determinadas pessoas e grupos como vulneráveis. Fiquemos com as regularidades em detrimento de seus efeitos. A noção de antecipação de fatos indesejáveis se destaca como um quesito repetitivo de tal estrutura. Investir naqueles que ainda não são, mas, pela mínima possibilidade de tornarem-se algo indesejável, se emaranham entre feixes de força que os localizam na dispersão de seus modos de vida, torna-se recorrência cara aos PSE. Temos, com isso, o risco como regularidade a ser investida para problematização em questão. O sentido que aparece como condutor das linhas marginais dos indivíduos vulneráveis, constituem um ponto chave a ser explorado frente ao objetivo de desbloquear a blindagem que tem resguardado e potencializado uma relação óbvia entre PSE e indivíduos vulneráveis.

Objetivos:

- Despertar uma integração em suas relações sociais;
- Buscar através do esporte um equilíbrio entre corpo e mente;
- Trazer lições de ética e cidadania;
- Procurar evidenciar bons exemplos, distanciando-os assim de drogas entre outros problemas sociais;
- Buscar incentivar e motivar no aluno a importância pela educação;
- Ressaltar a relevância de práticas educacionais para seus futuros como cidadão.

Público Alvo:

- Aproximadamente 30 crianças do Bairro Castelo Branco;
- A faixa etária de idade dos alunos varia dos 9 aos 13 anos.

Finalidades do Projeto SEMEAR:

- A formação e estimulação de preceitos éticos e morais de cada aluno;
- O afastamento do aluno de drogas e condutas ilícitas;
- A busca pela DISCIPLINA e ATENÇÃO.

(Projeto Semear)

Quadro 26 – Objetivos, público-alvo e finalidades do Projeto Semear
Fonte: Acervo pessoal.

Entretanto, não seria tudo isso um diagnóstico previsível? Resquícios de um *modus operandi* de uma sociedade pan-óptica? Efeitos do poder disciplinar? Investimentos biopolíticos regulamentando a vida de uma população? Tais perguntas são disparadas frente ao pano de fundo formado pelo compilado de conferências proferidas por Michel Foucault, em sua passagem pelo Brasil em 1973, intitulado: *A verdade e as formas jurídicas*. Nele o filósofo francês anuncia o que mais adiante percorrerá a tese de *Vigiar e Punir*: o surgimento entre os séculos XVIII e XIX de uma sociedade disciplinar que caracterizará a abertura das tecnologias de funcionamento da sociedade ocidental moderna (FOUCAULT, 2002). Modelo pautado na vigilância e no

investimento sobre o corpo dos indivíduos. Uma ortopedia social que se instala. Do inquérito ao exame, Foucault demonstra pela reformulação do sistema penal e jurídico, as condições de possibilidade de uma sociedade ocidental pautada no saber produzido através da vigilância constante de seus indivíduos. Através dos exemplos das grandes noções de criminologia e de penalidade que surgem no século XIX, delinea-se uma sociedade que se ocupa cada vez mais com “[...] controle e a reforma psicológica e moral das atitudes e do comportamento dos indivíduos” (FOUCAULT, 2002, p.85). Passa-se a valorizar uma noção de periculosidade que opera sobre as virtualidades de comportamento dos indivíduos antes mesmo da infração efetiva.

Contudo, não se trata aqui de equivar PSE às tecnologias de uma sociedade disciplinar, mas reconhecer algumas compatibilidades para além dos efeitos que tal tecnologia produz, quando exercida sobre os corpos que capturam. Nesse sentido, as análises de Foucault nos possibilitam reconhecer a existência de algo que parece anterior à coerência entre PSE e disciplina, algo que está na própria motivação que produz determinado modelo social: a preocupação em antecipar o indesejável para que tal acontecimento não se realize. A substituição do inquérito pela prática do exame indica, sobretudo, as condições que possibilitaram e potencializaram uma operação específica com as temporalidades: passado, presente e futuro. Teríamos, cada vez mais, as ações do presente conduzidas por uma correlação entre o acontecido (passado) e as projeções possíveis (futuro). Afinal, é no devir presente que o futuro, em parte, se monta. O surgimento das noções de crime e de infração são exemplos disso. Suprimem a falta moral e religiosa em detrimento do dano ao corpo social. Passam a ser menos da ordem do fato ocorrido e mais do arranjo das possibilidades. À luz das minuciosas descrições de Foucault (2002), que contornam em linhas tênues uma sociedade de permanente vigilância, nota-se o quanto a herança de uma racionalidade pautada na antecipação de possíveis danos e de condições desejáveis ainda opera na construção de um presente alicerçado na noção de risco. Risco como iminência; como o vir a ser que se dá em sua existência enigmática, possíveis apenas em projeções.

Por outro lado, o risco como condicionante do presente não é predicado exclusivo de uma sociedade disciplinar. Continuemos perseguindo as análises

foucaultianas. Três anos passados das conferências no Brasil, Michel Foucault indica alguns deslocamentos analíticos ao demarcar seu interesse em se dedicar aos estudos sobre biopolítica durante o curso *Em defesa da sociedade*, ministrado em 1976. Nele, o filósofo reconhece no final do século XVIII, o surgimento de uma nova tecnologia de poder. Refere-se, então, à biopolítica como valorização da preocupação das relações entre o ser humano na condição de espécie e seu meio de existência. Tratar-se-ia, sobretudo, de procedimentos de governo desbloqueados por um deslocamento da ênfase do território do soberano para o gerenciamento das pessoas que o ocupam. A população torna-se um corpo coletivo, múltiplo e numerável, não o corpo social já reconhecido pela teoria do direito como o conjunto de todos os indivíduos, mas a população como problema científico, político e resultado de processos de massificação (FOUCAULT, 2010c). A coletivização é o objeto da biopolítica que, por sua vez, lida com a massa e seus fenômenos. Arranjos sociais, que fora do plano coletivo são aleatórios e imprevisíveis, passam a ser tomados em série e constituem a base para operação de mecanismos de previsões, estimativas estatísticas e medições de dimensão global.

Dois anos mais tarde outro curso é ministrado por Foucault. *Segurança, Território e População* intitula o conjunto de aulas que em 1977/78 retoma, em sua abertura, as projeções de 1976. Mesmo tendo mudado o rumo no decorrer do curso para uma história da governamentalidade, as primeiras aulas remontam ao esboço de uma história das tecnologias de segurança sob a hipótese do possível reconhecimento de uma sociedade de segurança. Da organização do espaço urbano, com a formação das cidades nos séculos XVI e XVII, aos novos procedimentos adotados frente à aleatoriedade dos acontecimentos, como o caso da escassez de alimentos dos séculos XVII e XVIII, Foucault (2008c) materializa o funcionamento do que chama por “dispositivos de segurança”. Uma noção correlata ao exercício da maquinaria disciplinar disparada pelas reformulações das teorias e práticas penais. Tais dispositivos detonam a formulação de perguntas até então, impensáveis para uma sociedade subordinada às decisões do soberano:

Qual é a taxa média da criminalidade desse [tipo]? Como se pode prever estatisticamente que haverá esta ou aquela quantidade de roubos num momento dado, numa sociedade dada, numa cidade dada, na cidade, no campo, em determinada camada social, etc.? Em segundo lugar, há momentos, regiões, sistemas penais que essa taxa

média vai aumentar ou diminuir? As crises, a fome, as guerras, as punições rigorosas ou, ao contrário, as punições brandas vão modificar essas proporções? Outras perguntas mais: essa criminalidade, ou seja, o roubo portanto, ou, dentro do roubo, este ou aquele tipo de roubo, quanto custa à sociedade, que prejuízos produz, que perdas, etc.? [...] De maneira geral, a questão que se coloca será a de saber como, no fundo, manter um tipo de criminalidade, ou seja, o roubo, dentro dos limites que sejam social e economicamente aceitáveis e em torno de uma média que vai ser considerada, digamos, ótima para um funcionamento social dado (FOUCAULT, 2008c, p.7-8).

Nesse sentido, o que deve ser destacado é que ao falar em biopolítica, trata-se de uma tecnologia de poder que visa regulamentar populações através de mecanismos sutis de governo alimentados por uma noção de produção e gestão de possibilidades. Com isso, o risco torna-se ainda mais evidente nas projeções de uma sociedade moderna. Das disciplinas aos dispositivos de segurança vê-se a inquietude conduzida pela incerteza ao ponto de motivar a invenção de tecnologias específicas para lidar com o caráter contingencial dos acontecimentos. Foucault (2008c; 2010c), nos ajuda a perceber o funcionamento de uma maquinaria a serviço da vontade de ordenação da vida no espaço e no tempo.

Ao retomar ligeiramente alguns PSE, repara-se um funcionamento compatível e afinado a essa lógica, demonstrando que sua operação na atualidade ainda se apresenta potente.

Devido aos altos índices de violência e criminalidade ocorridos no bairro Castelo Branco o projeto tem por escopo através de brincadeiras e atividades nortear o aluno para atingir em um futuro próximo o desenvolvimento pessoal, social e profissional (Informações contidas no projeto Semear, 2009).

Quadro 27 – Justificativas do Projeto Semear
Fonte: Acervo pessoal.

Em todo caso, continuemos distantes das equivalências. Se por um lado, tento me afastar do estabelecimento de igualdades entre PSE e tecnologias de um poder disciplinar, por outro, ativar a noção de regulamentação de uma população em relação a tais iniciativas (PSE) não implica necessariamente decalcar uma moldura biopolítica em seu entorno. Trata-se, antes disso, de reconhecer que o sentido que sustenta o exercício do biopoder é, também, conduzido pela noção de gestão das possibilidades. E por mais que disciplina e biopolítica operem em domínios distintos e provoquem efeitos de ordens particulares (FOUCAULT, 2010c), parece evidente que tanto anátomo-política

do corpo como biopolítica das populações são mecanismos movidos por uma valorização da precipitação e produção de acontecimentos possíveis.

Temos aí dois mecanismos de poder distintos que em correlação operam em favor do desejo de homeostase. Projeto investido por uma sociedade moderna, emergente no ocidente europeu entre os séculos XVIII e XIX, que se mantém fortalecido num espaço e num tempo que é o nosso. Vê-se, desse modo, um conjunto de mecanismos e tecnologias de poder movidos pela vontade de ordem. A pré-ocupação fundante da noção de risco está alicerçada na tentativa constante de minimizar as incertezas e maximizar o controle diante dos acontecimentos. Trata-se, sobretudo, de governo; de “como governar”. Foucault demonstra isso cartografando. Seus mapas/quadros apresentam-se carregados nas tintas que evidenciam o conjunto de problematizações pelo qual foi possível a invenção da população, bem como da própria noção de risco. Com base nesse plano analítico, assumir os vulneráveis dos PSE em sua função de existência permite sua associação ao risco enfatizado por Foucault.

Com o intuito de diminuir a incidência de crimes e usos de drogas, a FUNSERG já iniciou alguns programas na sede do Clube, como o Educando pelo Esporte, apoiado pelo programa Desenvolvimento e cidadania, da Petrobrás.

Mas a instituição vislumbra o momento ímpar por que passa o esporte brasileiro, sobretudo pela conquista do direito de realizar a Copa de 2014 no País, e a escolha da cidade do Rio de Janeiro de sediar as Olimpíadas de 2016, bem como as paraolimpíadas, podendo iniciar trabalhos que possam dar sonhos e esperança para jovens de regiões de extrema pobreza da cidade, que vivem em contínua situação de risco social e vulnerabilidade. É com esse objetivo que se apresenta perante o Ministério dos Esportes, trazendo projetos sustentáveis e com capacidade técnica para executá-los (FUNSERG Sport Club Rio Grande).

Quadro 28 – Compilado de projeções FUNSERG – Sport Club Rio Grande
Fonte: Acervo pessoal.

A questão de “como governar” parece manter-se atual, inclusive suscitando invenções como a vulnerabilidade realizada por uma série de estratégias advindas de mecanismos como os PSE. Contudo, noções como vontade de ordem, incerteza e controle constituem ideias vagas diante da especificidade do risco que os PSE ativam. Se o risco é efeito da tentativa de antecipação de situações insatisfatórias para que se possa evitá-las, outras inquietações se fazem necessárias: em relação a que ou a quem algo se torna insatisfatório? A partir do que e como se dá a diferenciação entre ordem e desordem? Ainda na esteira foucaultiana o que parece a intencionalidade de controle das incertezas remete, inevitavelmente, a um terceiro elemento. Trata-

se da norma e seus mecanismos que posicionam e marcam a tudo que interpelam.

De uma forma mais geral ainda, pode-se dizer que o elemento que vai circular entre o disciplinar e o regulamentador, que vai se aplicar, da mesma forma, ao corpo e à população, que permite a um só tempo controlar a ordem disciplinar do corpo e os acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica, esse elemento que circula entre um e outro é a “norma” (FOUCAULT, 2010c, p.212-213).

Tocamos, então, outro ponto importante dos mapas foucaultianos e que parece caro ao exercício problematizador ativado pela relação entre risco e PSE. Foucault indica claramente que entre o exercício do poder disciplinar e a ação biopolítica circula a norma. Tanto no curso de 1976 quanto no de 1977, ele dedica boa parte de suas explanações a esse conceito e seus modos de operação. Durante a última aula do curso *Em defesa da sociedade* ele afirma: “A norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar” (FOUCAULT, 2010c, p.213). Nesse sentido, o exercício da disciplina em correlação com a biopolítica ativaria processos normalizadores, que mais adiante, em *Segurança, Território e População* serão introduzidos com algumas distinções: normalização disciplinar e normalização dos dispositivos de segurança.

Por definição, consideremos pelas palavras de Georges Camguilhem (2009) que:

Uma norma, uma regra, é aquilo que serve para retificar, pôr de pé, endireitar. “Normar”, normalizar é impor uma exigência a uma existência, a um dado, cuja variedade e disparidade se apresentam, em relação à exigência, como um indeterminado hostil, mais ainda que estranho. [...] Ao contrário de uma lei da natureza, uma norma não acarreta necessariamente seu efeito. Isto é, uma norma pura e simples não tem nenhum sentido de norma. A possibilidade de referência e de regulação que ela oferece contém – pelo fato de ser apenas uma possibilidade – a latitude de uma possibilidade que só pode ser inversa. Com efeito, uma norma só é a possibilidade de uma referência quando foi instituída ou escolhida como expressão de uma preferência e como instrumento de uma vontade de substituir um estado de coisas insatisfatório por um estado de coisas satisfatório (p.109).

Nesse sentido, coloca-se em funcionamento um balizador da ordem através do reconhecimento do normal e, por conseguinte, da demarcação da anormalidade. Canguilhem (2009) destaca que há uma intenção normativa definidora da norma ativada por um processo de distinção. Nesse caso, a produção da norma é sempre o efeito da diferenciação que posiciona,

existencialmente, em determinado tempo e espaço o anormal e o normal. Há desse modo, o deslocamento da norma do papel fixo que a faz produtora do normal e do anormal, tornando-a efeito de um processo de localização do indesejado. Um ciclo se põe em movimento constante e dá à norma sentido de linha referencial. Se algo é indesejado, assim o é em relação à norma.

François Ewald (1993) flexibiliza tais definições ao indicar uma dada alteração de sentido no início do século XIX, pela qual norma e regra se distinguem. Norma não mais se equivale à retidão. A figura do esquadro dá lugar à abstração da média, “[...] a norma toma agora o seu valor de jogo das oposições entre o normal e o anormal ou entre o normal e o patológico” (p.79). Trata-se de uma lógica que, sobretudo, tem como efeito de operação, a vida e seus modos de existência como objeto de poder. Quando um PSE afirma que o bairro Castelo Branco necessita de suas intervenções porque possui “altos índices de violência e criminalidade”, admite que nele haja uma recorrência de atos criminosos que extrapolam uma média aceitável. Vemos aí a operação da norma como média. Não se trata apenas da diferenciação definitiva entre bairros perigosos e bairros seguros. Quando se lança mão de expressões desse tipo, mesmo sem apoio em dados estatísticos comprobatórios, dá-se condição a um jogo que não se limita ao desejo de imposição de uma exigência a uma existência. Para além, da vontade de retificação, a norma opera pela admissão da existência do indesejado. Se por “altos índices de violência e criminalidade” a implantação de um PSE se justifica em determinado bairro, tira-se, então, da violência e da criminalidade o atributo de algo inaceitável. Considerá-los por “altos índices” reforça a ideia de que estão posicionados a uma distância considerável da média. Torna-se, portanto, possível e desejável a existência de índices de violência e criminalidade médios ou baixos em condições satisfatórias. O resultado disso é a produção de uma linha referencial movente num jogo constante que tem por tarefa posicionar em relação a si o aceitável e o inaceitável, demarcando o anormal e o normal.

Frente a isso, os PSE operam com boa desenvoltura. Suas projeções não titubeiam em exercer uma intenção normadora. Suas promessas pressupõem um estado desejado de normalidade ao explicitarem seu público-alvo como sendo potencialmente ameaçador de considerada condição social. Mas, voltemos ao centro da problematização disparada no início deste eixo de

inteligibilidade e perguntemos: o que tem a norma de tão potente ao problematizar a noção de risco mantida pelos PSE? Não estaria a norma na contramão do risco? Seria coerente pensar que a norma quando operada como média teria alguma compatibilidade com o funcionamento do risco? Afinal, o que a discussão sobre norma e risco interessa ao processo de individualização/individuação de situações de vulnerabilidades acionadas pelos PSE?

Das planificações dos PSE às reverberações de sua realidade correntes em notas de jornais, repara-se a consolidação de uma obviedade. Há uma demanda de indivíduos que corporificam uma situação insatisfatória em relação a uma normalidade pressuposta, por sua vez, transcrita em termos como: situação de vulnerabilidade social. Se os indivíduos em situação de vulnerabilidade condicionam a realização dos PSE, temos de reconhecer a norma como princípio fundante do mecanismo de produção de sentido que ativou tal exercício de pensamento.

Com base nas teorizações ativadas, vê-se que norma e risco demonstram um funcionamento correlato, mas não equivalente. A vontade de ordem que dispara uma intenção normativa é motivada, justamente, pelo risco de se tornar real dada situação de desordem, tão mal vista pelo exercício da razão. Uma situação de risco é produzida quando certa zona de estabilidade da norma é ameaçada ou o posicionamento de determinado referente se distancia dela por uma variação acentuada de um ponto médio considerado, mesmo quando tomado como em Canguilhem (2009), apenas como uma variação quantitativa. O risco de vir a ser o que ainda não está sendo reforça a norma como o grande marcador das projeções de uma sociedade moderna. A manutenção da norma se dá pelo investimento na antecipação do que é possível acontecer. Diante disso, outras questões são possíveis: levando em conta o mecanismo descrito, caberia o entendimento do risco como virtualidade? Ter-se-ia o controle do aleatório, desejo inabalável da racionalidade moderna, alimentado pelo desenrolar do jogo entre a norma como linha referencial média e as ponderações produzidas virtualmente pelo risco? Seria tal consideração pertinente frente à noção de risco sustentada nos PSE? Que sentido se atribui à virtualidade nesse caso?

Traquinagens de um domingo quente



Fonte: Acervo pessoal.

Num domingo quente de janeiro, Águeda se distorce sob o sol escaldante. Saibro seco, grama seca. O lodo rachado nas valetas vira armadilha para um belo escorregão. Nada funciona por ali além da venda do cigano e o boteco da Jurema. A gurizada se reveza no futebol do campinho, onde a única sombra cresce pouco a pouco ao pé do muro dos fundos do postinho. Na casa de dois cômodos, Léo espera sua vez no vídeo game que compartilha com os três irmãos. O teto baixo de PVC quase encosta nas telhas de amianto que faz da sala um forno quente, assando lentamente aqueles corpos lerdos aos 50°C. O ventilador já sopra quente nas caras suadas, quase anestesiadas frente a TV 21”.

Jeferson grita da cerca de madeira, despertando Léo de sua atenção hipnótica. Juntos, os dois partem em direção ao campinho, mas logo percebem que dificilmente jogarão. Muita gente pra jogar, poucos querem sair. Sem nada pra fazer, esperam o próximo bico para fora da área de jogo, só assim, eles têm a oportunidade de chutar a bola desbeijada de volta para campo. O tédio acompanha a dupla por ali. Com o saldo de algumas provocações e gargalhadas, os meninos decidem seguir sua busca por alguma atividade que os faça esquecer a sensação

dos 40°C à sombra. Naquela tarde Cidade de Águeda arde em brasas e seus habitantes se entregam à leseira.

Seguindo pelo meio da rua deserta, Léo e Jeferson seguem sua itinerância até o terreno ao lado da escola. Jeferson, descalço, desloca-se aos saltitos pela areia brilhante. Ali, algumas crianças, mais ou menos da idade deles, brincam em grandes tubulações de concreto, empilhadas para serem utilizados na obra de saneamento do bairro. Por algum tempo, aquilo tudo é divertido. O sobe e desce dos tubos, desafia quem tem coragem de ir mais longe, de ir mais alto, de passar nas brechas mais estreitas. Léo aceita os desafios. Tubo a tubo, chega ao muro da escola. O lugar é uma fortaleza. O muro alto desafia os guris de imediato. Quem se anima? Léo salta, impulsionado por sua coragem repentina, pendura-se no muro e com um apoio de Jeferson conquista o território protegido. Jeferson não ficaria pra ouvir histórias e logo dá seu jeito de escalar o muro. Habilidoso, não precisa ser ajudado.

Sobre o muro, ambos contornam o prédio até terem acesso ao telhado da escola. A adrenalina os deixa mais espertos, impulsivos e corajosos. A exploração do bairro e arredores é algo corriqueiro para eles e outros tantos meninos e meninas que ali vivem. Atravessar o campo para acessar a estrada federal, pular o muro do aeroporto, circular por bairros vizinhos, pular muros e roubar frutas são atividades praticadas com frequência. Já a escola era diferente. Um lugar em que a maioria das crianças e jovens que ali residem querem distância, encarado como sinônimo de obrigação, torna-se casualmente, o objeto de conquista de Léo e Jeferson. O desafio não tem limites. “Se chegamos até aqui, podemos ir mais um pouco”, diz Jeferson incentivando o amigo. A casualidade se torna missão: conquista do território “inimigo”.

A coragem aumentava a cada passo sobre as telhas de barro firmemente encaixadas. Mas, os guris queriam mais. Uma dose a mais de adrenalina, de heroísmo, de traquinagem. Uma telha é arrancada numa passada em falso de um deles. Um buraco se abre. Uma brecha. Um convite. “E por que não?”, expressavam em trocas de olhares. Com cuidado e agilidade de aventureiros, numa espécie de trabalho cooperativo, Léo e Jeferson acessam o madeiramento do prédio. Pela forração de PVC branco transpassava luz suficiente para a visualização do ambiente em que estavam. Se deslocando à frente, Léo contorna a sala engatinhando entre as armações de madeira e a parede. Jeferson é impulsivo, ataca o material de PVC com um dos pés, forçando-o até estourá-lo. Léo simpatiza com a atitude e passa a fazer o mesmo do lado adjacente. A excitação aumenta. Mais brechas se abrem, o barulho da quebra do PVC é motivante e desperta um sentimento de agressividade dos guris. Território dominado! É chegado o momento de deixar marcas e mensagens aos “inimigos”. Descem por intermédio de um armário e, enfim, tocam o solo da sala da educação infantil.

Num impulso feroz o quebra-quebra começa ignorando o som insistente do alarme acionados pelos sensores de movimento. Cadeiras e mesas são arremessadas de um lado ao outro da sala. Armários esvaziados em puxões descuidados, brinquedos espalhados e danificados. As tintas utilizadas para atividades infantis são lançadas às paredes, colorindo-as desordenadamente produziam figuras abstratas. Daquela edificação, não sobram vidros inteiros e nada mais ali, dava pistas da organização que se mantinha até minutos antes do ocorrido. Tomados por uma espécie de transe, os guris circulavam rapidamente por todos os espaços acessíveis, sem rumo, mãos e pés destruíam tudo que seus olhos focalizavam. Por onde passavam deixavam suas marcas, sejam quebrando, arremessando objetos ou, literalmente, cagando no chão, como fez

Jeferson ao não controlar sua reação aos efeitos de diminuição bruscos da carga de adrenalina que o motivou estar ali.

Até eles sabiam que aquele ritmo intenso não seria permanente nem duraria por muito tempo. Era instintivo, impulsivo, imediato. 14 minutos foram suficientes para tamanho estragado. Tempo necessário, também, para baixar a excitação ao ponto em que os guris reconhecessem que já era hora de sair dali e começassem a perceber os efeitos de tal atitude. Era hora de um rápido balanço. O território invadido sinalizava o cumprimento de uma missão elaborada de improviso. Nem eles poderiam imaginar que um dia entediante de calor escaldante se tornaria tão singular. Também não imaginaram a dimensão que suas escolhas de divertimento tomariam.

O inimigo ali não tinha cara, não era homem nem mulher, não tinha nome. O que estava em jogo, talvez, fosse a necessidade de abrir brechas que aliviassem certa sensação de sufocamento advindos, quem sabe, de outras experiências. A escola inspirava a ação. Aquela fortaleza projetada para isolar ao máximo seu espaço interno do restante do bairro, parecia afastar quilômetros de distância os professores de seus alunos e de toda realidade contornada. Em questão de minutos, toda aquela estrutura pesada e pouco convidativa, era tida como um castelo de areia aos olhos dos guris. O muro elevado e as grades de ferro maciço chumbadas às janelas altas, não foram suficientes para conter um sentimento misto de raiva e alegria, ainda que momentâneos, de Léo e Jeferson por estarem naquele espaço numa situação incomum e, principalmente, por terem encontrado uma ocupação para o domingo.

Voltemos ligeiramente a Foucault. Das análises sobre as reformas penais de *Verdades e Formas Jurídicas* às descrições dos mecanismos normalizadores em *Segurança, Território e População*, tem-se a operação de uma noção de risco como virtualidade. Trata-se, sobretudo, de um *modus operandi* preventivo que se estabelece pelo investimento do controle dos indivíduos e dos acontecimentos eventuais. O virtual opera como projeção do que “[...] poderia se produzir e que se procura impedir antes que ele se inscreva na realidade” (FOUCAULT, 2008c, p.44). Aqui Foucault faz uso da noção de virtualidade como oposição à realidade. Logo, investir ao nível das virtualidades dos indivíduos para melhor controlá-los, remete à intervenção na ordem das condicionantes de algo ou alguém virem a tornarem-se reais.

De modo geral, tem-se uma noção de virtualidade que opera de maneira coerente com a discussão de risco realizada até então. Retornemos aos PSE e constatemos que seu investimento maior ao indicar um indivíduo vulnerável ou uma situação de risco está voltado para as virtualidades que os constituem. O risco que localiza um vulnerável mais ou menos distante da norma, quantifica e qualifica determinado modo de vida que se realizará ou não. Entretanto, a fim de radicalizar este exercício conceitual, veremos que o jogo entre virtual e real parece não exercer uma proporção inversa. O trato do risco como virtualidade não implica uma inexistência. Se o risco é virtualidade, é porque já existe potencialmente. Temos, com isso, uma distinção conceitual que se encaminha para além do uso feito por Foucault. A realização como processo que torna algo existente, não faz, nesse sentido, oposição ao exercício do virtual, pois são de ordens distintas.

Frente à problemática conceitual apresentada, as considerações de Pierre Lévy (2011) acerca do que é virtual, se fazem úteis. Se por um lado, pensar o risco como virtualidade através das análises foucaultianas remete a algo que ainda não se inscreveu na realidade, para Lévy (2011) o virtual opera em oposição ao atual. Realidade e virtualidade compõem mecanismos conceituais diferentes. Enquanto virtual e atual configuram um complexo problemático aberto, o funcionamento do real se opõe a noção de possibilidade se fechando num mecanismo lógico. Do ponto de vista da questão da existência, virtual e atual existem, mesmo, em condições diferentes. Já entre

real e possível o jogo se dá de outro modo, o possível é o real sem existência (LÉVY, 2011).

Sob essa ótica, como veríamos o risco acionado pelos PSE? Como essa diferenciação conceitual afeta a tríade (Quadro 22) da individualização/individuação em questão? A tríade tomada como sistema estrutural dos PSE, tem entre a operação da norma e do risco sua fonte vital. A norma, realizada de forma lógica em estimativas estatísticas, mapas censitários ou definições consensuais, pode ser considerada efeito do nó de tendências e forças resultantes da ação virtual do risco. Desse modo, o funcionamento da norma estaria para uma operação lógica da dupla possível/real, assim como, o risco estaria para o complexo problemático aberto pela dupla virtual/atual.

Em primeiro lugar, tentemos verificar o funcionamento da norma como um possível/real. A intenção normalizadora exercida por PSE seria, então, da ordem do possível. Se o possível é o real desprovido de existência, logo, o que é possível ainda não existe. Ao tomarmos a intenção normativa como o desejo de retidão, ou estabelecimento de uma linha média referencial móvel, podemos dizer que sua realização ocorre na materialização de um consenso do que é aceitável e da indicação do grau de sua aceitabilidade. Os PSE são objetivos quanto a isso. Possuem uma intenção normalizadora ativada por um sistema lógico. Partem de uma dupla possibilidade. A de determinada criança ou jovem se tornar um criminoso, fixando-o como anormal. E a possibilidade de interpelação através do esporte como garantia de normalidade. Em ambos os casos, o ponto de partida dos PSE se constitui em inexistência. Trata-se, desse modo, de um sistema lógico porque exerce um funcionamento fechado, a condição enigmática da infância e da juventude é reduzida a uma questão de existência. O possível não existe, pois ainda não se realizou, no entanto, ao realizar-se não acarretará estranhamentos, pois se trata de previsão, de uma ocorrência predefinida. Grosso modo, caberia, nesse caso, a provocação afirmativa de que os PSE apresentam a solução antes que o problema se efetive. Mas, isso é apenas uma parte.

Em segundo lugar, temos o risco e um sistema aberto de antecipação dos acontecimentos que é da ordem do jogo virtual/atual. Daqui, podemos perceber os PSE por outra perspectiva. Diferente da dupla possível/real o jogo virtual/atual compartilha a existência, mas se distinguem no modo particular em

operá-la. O virtual existe na condição potencial, por isso não se opõe ao real e, sim, ao atual. Nesse sentido, não há uma realização do virtual, pois ele já existe potencialmente e apenas se atualiza. A noção de virtual pressupõe a abertura de um complexo problemático que requer um processo de resolução: o atual. Pierre Lévy exemplifica: “A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes” (2011, p.15). Para os PSE teríamos a atualização de indivíduos vulneráveis como uma solução para o complexo problemático aberto pelo risco como virtualidade, acontecimento que já existe em potencialidade; em probabilidade, e, por isso, já produz efeitos. Assim como a árvore está virtualmente na semente, o cidadão autônomo e crítico (desejo recorrente dos PSE) está virtualmente no que crianças e jovens, interpeladas pelos PSE, carregam de enigmático. Os PSE assegurados pelo mecanismo de individualização/individuação pressupõe a atualização para o complexo problemático contido na condição enigmática da infância e da juventude.

Em suma, a abordagem do vulnerável como virtualidade sugere a desnaturalização do vulnerável, como *a priori* dos PSE, a partir da problematização dos seus complexos mecanismos de produção de sentido no presente. Conforme o exercício demonstrativo é pertinente enfatizar que por mais recente que seja o acontecimento da proliferação dos PSE, os mecanismos pelos quais operam são compostos por estratégias construídas historicamente; soluções ajustadas às problematizações sobre “como governar” que, segundo Michel Foucault (2008a; 2008c; 2010c), compõem a inauguração da modernidade frente à invenção da população. A tríade, individualizadora/individuadora que dispara esse exercício, torna-se possível no funcionamento indissociável da norma (entre anatomo-política do corpo e biopolítica de uma população) com o risco (virtualidade enquanto projeção/probabilidade, bem como solução do jogo possível/real/virtual/atual).

Ao que diz respeito à problematização em exercício sobre a relação entre PSE e a pressuposta identificação de sujeitos vulneráveis, tal indissociabilidade entre norma e risco se evidencia. É impossível falar da noção de risco, repetidamente ativada pelos PSE, sem considerar o funcionamento da norma. Entre uma intenção normativa e o reconhecimento dos riscos que os

PSE capturam seu público-alvo. Isso faz com que o processo de individualização/individuação que materializa geográfica e existencialmente situações de vulnerabilidade se sustente em planos não tão óbvios como o modo que se proliferam. A blindagem que resguardara a estrutura **indivíduos-PSE-situação de vulnerabilidade** (Quadro 22) se fragiliza. O sistema fechado de localização do problema e proposição de intervenções se inverte. O risco como virtualidade e seu posicionamento em relação à norma indicam um processo de produção de sentido aberto, pelo qual a certeza na afirmação de quem necessita do quê, pretensão externada pelos PSE, pode tornar-se motivo de frustração.

Para concluir sem esgotar o exercício, caberia a abertura de outro *set* de perguntas: se as promessas dos PSE se estabelecem entre uma intenção normalizadora/normadora e a localização dos riscos, mecanismos de funções efêmeras e instáveis, como são eles capazes de localizar pontualmente indivíduos e lugares vulneráveis? Poderíamos, com isso, encaminhar o reconhecimento de uma discussão que trataria a vulnerabilidade como uma virtualidade? Ou melhor, entre a operação de um processo normalizador/normador como realização do possível e os indivíduos vulneráveis como atualizações da virtualidade do risco, a tríade que faz funcionar o processo individualização/individuação, da situação de vulnerabilidade, não seria a própria virtualização do vulnerável? Ou apenas uma montagem necessária para sermos o que somos?

0 “gaiolão”

Mais um sábado amanhece na zona oeste de Rio Grande. Diferente de outros tantos, o futebol no “gaiolão”, lugar sede do time dos guris moradores das comunidades adjacentes, não ocorrerá. A quadra atapetada por grama sintética, em que os aspirantes a jogadores tinham entrada livre aos fins de semana, volta a ser acessada apenas por aqueles grupos que a arrendam por algumas horas.

Provavelmente, os guris que ali jogavam, não terão oportunidade de usufruir aquele espaço com a frequência semanal, como haviam se habituado. Entretanto, a mudança abrupta daquela rotina não os causa frustrações. Jonas e André, por exemplo, não estranham o encerramento das atividades do time. Sabem, melhor do que ninguém, que logo adiante encontrarão lugar melhor ou muito parecido. Além disso, têm conhecimento de que as atividades seguem acontecendo no pátio do centro comunitário do bairro vizinho. Contudo, preferem não se vincular à continuidade da proposta. Enquanto isso, a dupla não deixa o futebol de lado. Segue jogando com seus amigos nos campinhos adaptados entre traves improvisadas em terrenos baldios, ou seja, prática já exercida cotidianamente, mesmo quando o time estava ativo.

Quem observa aqueles guris, que outrora se beneficiavam de atividades esportivas orientadas, batendo bola sobre um espaço inventado daquele modo, talvez, não entenda a indiferença com que tratam a situação. Para alguns espectadores, ao tomarem conhecimento da rejeição voluntária dos guris pela continuidade das atividades em outro local, tal escolha beira o inaceitável. Como aquele grupo de meninos pode abandonar, tão facilmente, a proposta do time, o qual pareciam tanto gostar de fazer parte?

Dia desses, a mãe de Jonas o indaga sobre o time de futebol do bairro, após notar o “gaiolão” fechado ao passar em sua frente sábado

pela manhã. O guri responde prontamente: “o professor saiu e o time não pode mais jogar lá. Me disseram que os jogos continuam no pátio do centro comunitário do bairro aqui do lado”. Surpresa, a mãe complementa: “pelo menos, as aulas continuam acontecendo”. Jonas, então, replica: “é, mas, pelo que eu sei ninguém está indo”. O guri explica que não tem graça jogar num pátio embarrado e esburacado. Pensa, assim como seus amigos, que os campinhos improvisados nos terrenos ociosos das proximidades, são maiores e mais adequados para o futebol que tanto gostam. Além disso, tal preferência é justificada pela possibilidade de jogarem sem interferências de um adulto. A aderência de seus amigos ao time era motivada pela possibilidade de acessar o “gaiolão” e usufruir daquela estrutura, bem como dos coletes coloridos e materiais para treinamento, semelhantes aos utilizados pelos times profissionais que acompanham pela TV.

Aquela explicação toda deixa a mãe pensativa, embora, sua discordância se mantivesse. Para ela, não fazia sentido a escolha do filho em não continuar nas aulas de que tanto gostava. No entanto, não percebe que o entusiasmo de Jonas não se dava pelas aulas, mas pela oportunidade de jogar com seus amigos num lugar onde, geralmente, acessariam apenas para assistir os jogos que lá ocorrem entre grupos que rateiam sua locação.

Ainda insatisfeita, a mãe prossegue a conversa com seu filho: “e os campeonatos, como ficam?”. “Ah mãe, já combinei com os gurus. Quando soubermos que um campeonato se aproxima, voltamos a participar do time”.

O vulnerável como montagem

Vigiar e Punir destaca o quanto a perpetuação de determinada categoria de indivíduos é útil para a manutenção da sociedade. Por ele, chegamos à ideia do delinquente como produto do próprio sistema punitivo proposto pela prisão (BERT, 2013). Em *Entrevista sobre a Prisão: o Livro e o seu Método*, Foucault confirma:

A sociedade sem delinquência, sonhou-se com isso no final do século XVIII. E, e logo depois, pufft! A delinquência era muito útil para que se pudesse sonhar uma coisa tão estúpida e, afinal, também perigosa, como uma sociedade sem delinquência. Sem delinquência, nada de polícia. O que é que torna a presença e o controle policiais toleráveis pela população senão o medo do delinquente? (FOUCAULT, 2012d, p.166).

A resposta de Foucault logo após publicação de seu livro em 1975, ajuda a pôr em suspeição proposições afirmativas como a que segue:

Diagnóstico:

[...] O perfil dos participantes esperado para o PST, de acordo com a situação sócio-econômica dos locais escolhidos, em sua maioria, são crianças carentes, com poucas oportunidades de desenvolvimento de forma global pela carência de ações no setor de forma mais abrangente, destacando, de qualquer forma, o esforço da Prefeitura, dentro de suas limitações em procurar beneficiar parte deste público. Como ocorre em grande parte das zonas periféricas das cidades brasileiras, a desestruturação familiar, o tráfico de drogas e a criminalidade em geral, compõem o quadro de vulnerabilidade social que se pretende com ações coordenadas como o PST, amenizar.

Objetivo Geral:

- Democratizar práticas educacionais esportivas, tanto coletivas como individuais, para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social para assim auxiliar na emancipação desses sujeitos.

Objetivos Específicos:

- Possibilitar por meio de atividades esportivas e de lazer a integração dos indivíduos pertencentes ao programa;
 - Desenvolver uma conscientização corporal oportunizando crianças e adolescentes, pertencentes ao PST, uma maior capacidade de autonomia e desenvolvimento integral;
 - Contribuir para a construção de valores morais, sociais e culturais por meio de atividades sistematizadas levando em consideração o contexto em que os participantes de 06-17 anos vivem (PST – Programa Segundo Tempo- Prefeitura Municipal de Rio Grande).

Quadro 29 – Diagnóstico, objetivo geral e objetivos específicos do Programa Segundo Tempo em fase de implantação da 3ª edição na cidade de Rio Grande-RS

Fonte: Acervo pessoal.

Até que ponto a redução ou extermínio da vulnerabilidade, como entendida nas intenções dos PSE, são objetivos finais de suas ações? A série de demonstrações apresentadas até aqui, insiste em evidenciar o quanto os PSE estabelecem uma relação de naturalidade quanto ao reconhecimento de uma demanda abstrata, formada por crianças e jovens emoldurados por um conjunto de termos como **desestruturação familiar, tráfico de drogas e**

criminalidade, sem a necessidade de precisá-las. A demanda por PSE acaba parecendo tão necessária quando se considera o objeto sob o qual atuam, quanto à demanda por mais polícia frente ao delinquente que, assim como o vulnerável, deve ser antecipado antes que cometa a infração.

Tal prática é demarcada, enfaticamente, em diferentes editais elaborados por órgãos financiadores, sejam de proveniência estatal ou privada, ao tomarem como ponto de partida o esporte como solução a um problema que ainda não se atualizou, mas já existe em sua virtualidade. Nesse sentido, o esporte é tomado como sinônimo de salvação e transformação de determinados modos de viver. Assumida essa prerrogativa do esporte, parece haver uma licença consensual para a montagem desmedida, portanto, despreocupada de precisões, de uma estrutura quase inquestionável. No ano de 2014, por exemplo, a Petrobrás lança o regulamento referente à seleção pública de projetos esportivos educacionais, no qual solicita:

[...] Poderão candidatar-se os projetos com o foco no Esporte Educacional, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e sua formação para o exercício de cidadania e a prática do lazer. A linha de atuação será o atendimento direto de crianças e adolescentes por meio de atividades esportivas educacionais e complementares. Os projetos devem prever o acompanhamento da evolução no desempenho na educação formal dos participantes, priorizando crianças e adolescentes em situação de risco social no Brasil. (Petrobras - Regulamento de seleção pública de projetos esportivos educacionais 2014).

Quadro 30 - Regulamento de seleção pública de projetos esportivos educacionais 2014
Fonte: Acervo pessoal.

Documentos como esses, não só orientam um processo seletivo para o financiamento de projetos sociais, como os balizam e, até mesmo, os produzem quando entendidos como fórmula para captação de recursos. O edital emitido pelo Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente do Estado do Rio Grande do Sul, em 2015, é claro em suas concepções acerca da qual público programas e projetos sociais devem se dedicar a atender/capturar.

Objetivo geral:

Disponibilizar recursos para o financiamento de projetos visando o desenvolvimento de ações que estejam voltadas para a pesquisa, mobilização, implantação, implementação e/ou monitoramento de ações destinadas à prevenção de vulnerabilidade e risco social e pessoal; ao combate e ao atendimento de crianças e adolescentes usuárias de substâncias psicoativas; em situação de violência pessoal e/ou social e no combate ao trabalho infantil, proteção do trabalho do adolescente, especialmente quanto as suas piores formas, conforme lista TIP e legislação específica do setor.

Objetivo específico:

Ênfase na promoção de direitos e proteção integral e prioritária nas situações de vulnerabilidades e riscos pessoal e/ou social, com foco em:

- Implementar e fortalecer ações preventivas e ou protetivas para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e/ou risco;
- Promover o fortalecimento do trabalho em rede e parcerias;
- Realizar ações integradas nas áreas da educação, saúde e assistência social;
- Promover atividades relacionadas ao esporte, cultura e lazer;
- Promover a participação da criança e do adolescente enquanto direito humano.

Público alvo para atendimento:

Crianças e adolescentes.

Quadro 31 - Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente do Estado do Rio Grande do Sul, 2015
Fonte: Acervo pessoal.

Mas, se Foucault (2012d) nos alerta para o quanto a delinquência é produzida pela própria prisão e útil para manutenção social, os estilhaços reverberados pela questão detonara (Quem são os vulneráveis dos PSE?) encaminham outras leituras dos vulneráveis. Entendido enquanto função e virtualidade, os vulneráveis tornam-se incompatível com a suposta concretude que os substanciam enquanto problema a ser solucionado pelas diversas intenções expressadas por PSE. Tanto a inversão proposta pela noção da função, como os mecanismos de individualização/individuação possíveis pela virtualidade, encaminham os vulneráveis para uma concepção de invenção, mentiras no sentido nietzschiano sobre as quais a verdade se legitima.

O que é pois a verdade? Um exercício móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim os são, metáforas que se tornaram desgastadas e força sensível, moedas que perderam seu troquel e agora são levados em conta apenas como metal e não mais como moedas. Ainda não sabemos de onde provém o impulso à verdade: pois, até agora, ouvimos falar apenas da obrigação de ser veraz, que a sociedade, para existir, instituiu, isto é, de utilizar as metáforas habituais; portanto, dito moralmente: da obrigação de mentir conforme uma convenção consolidada, mentir em rebanho num estilo a todos obrigatório (NIETZSCHE, 2008, p. 36-37).

Logo, os vulneráveis como invenção é da ordem de uma montagem, isto é, arranjo possível para responder a determinado conjunto de dificuldades. Nessa perspectiva, é possível esboçar, em continuidade ao exercício operativo, o que vem tornando possível o reconhecimento dos vulneráveis como montagem. Uma leitura dos vulneráveis dos PSE que assume nesta tese uma dupla função, pois é condicionada e condicionante dos exercícios anteriores. Portanto, desenvolve-se em paralelo com os eixos já citados. Logo, a noção de montagem apresenta-se como um terceiro eixo de inteligibilidade dos vulneráveis dos PSE. Por ele é possível demonstrar o que há de “utilidade” no que resulta dos mecanismos abordados nos exercícios anteriores.

Nesse sentido, o entendimento dos vulneráveis como montagem, suscita a discussão dos PSE como estratégia de governo do presente. Nessa composição, determinados indivíduos seriam o resultado da montagem de um sujeito que já deve nascer para ser reformado, visto que sua virtualidade aponta sempre para a necessidade de reparos.

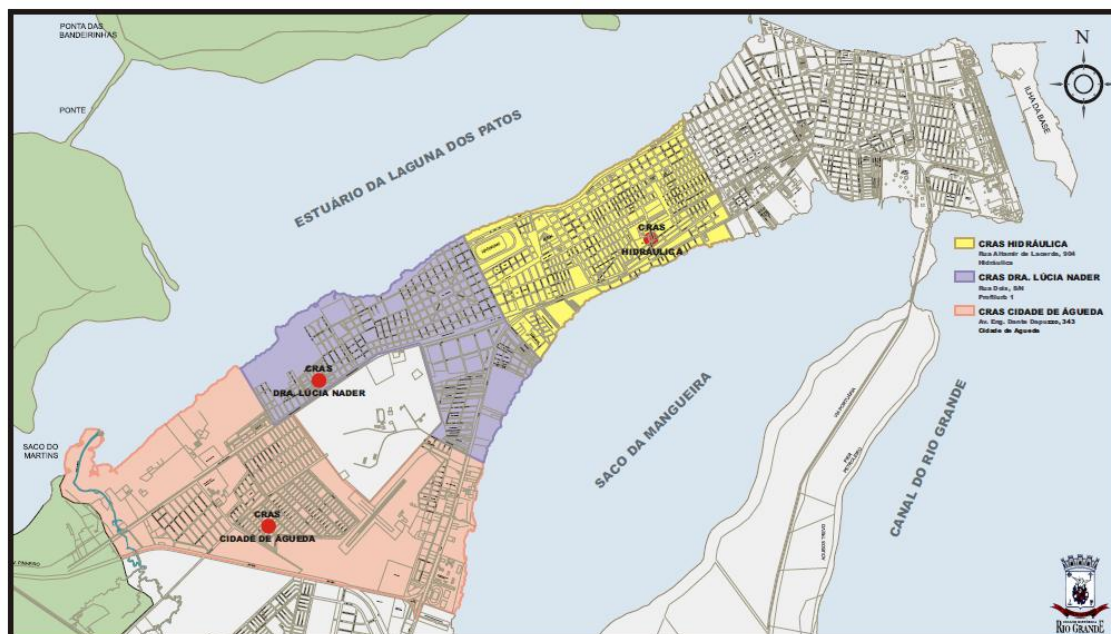
Não há sujeitos universais de governo: os que devem ser governados podem ser concebidos como crianças a serem educadas, membros de um rebanho a ser produzido, almas a serem salvas ou, podemos acrescentar agora, sujeitos sociais aos quais devem ser concedidos direitos e deveres, indivíduos autônomos a serem assistidos, compreendendo-se o potencial deles mediante sua própria livre escolha, ou ameaças potenciais a serem analisadas segundo a lógica do risco e da segurança (MILLER; ROSE, 2012, p.17).

A figura da infância e da juventude recorrente em diferentes formas de expressão articuladas aos PSE, não consiste em matriz de um indivíduo governável. É, antes disso, espaço aberto, enigmático, possível apenas pela moldura que a destaca. Noções de criminalidade, violência, drogadição, miséria e tempo ocioso, contornam o vulnerável em sentido próprio aos PSE. As noções de medo, segurança, perigo e salvação, também. Pensar a montagem como acesso à discussão dos PSE enquanto estratégia de governo consiste em atentar para suas bordas. Após considerar, minimamente, os mecanismos da função e da virtualidade, falar dos vulneráveis dos PSE só é possível pelo acesso a suas margens. Pela referência concreta como diferenciação daquilo que ainda não se realizou.

Em confluência, a sociologia dos finais do século XX e início do século XXI parece, em parte, mais interessada no movimento das fronteiras, do que

em demarcá-las (CASTEL, 1987; 1998; 2010; BECK, 1997; 2011; GIDDENS, 1991). Zygmunt Bauman (2009), por exemplo, situa o sentimento de responsabilidade social, característica das intenções dos PSE, como resultado de uma ambivalência moral e ética. Ambivalência que, por sua vez condiciona uma relação paradoxal de dependência entre o reconhecimento do social, delimitado por aquilo ou aqueles que não fazem parte do mesmo. Com isso, as possibilidades de determinado indivíduo vir a se envolver com drogas, crime, violência ou prostituição, são construídas na fronteira que distingue uma noção de sobrevivência biológica de uma sobrevivência social (BAUMAN, 2005). Assim, as linhas de possibilidades de vir a ser, que desenham os vulneráveis, são reguladas pela existência de um refugio. Por aquilo que é indesejado, desnecessário, que é posto do lado de fora e que, por isso, são virtualizadas em potencialidades de determinados sujeitos. Diferente dos *supranumerários* de Castel (1998), o refugio indicado por Bauman (1998; 2005), não faz parte do aleatório. Pelo contrário, sua característica principal, é sua própria materialização.

Entre mapas



Fonte: mapa cedido pela Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social (SMCAS) da cidade de Rio Grande – RS referente à distribuição das zonas de atuação dos Centros de Referência em Assistência Social.

No extremo da península o centro da cidade se estabelece na ponta onde quase tudo em sua volta é água. Suas margens desatentas sinalizam uma Rio Grande afogada em si mesma, sufocada em terra firme. Suas limitações espaciais exigem seu constante redimensionamento em direção ao continente. Sua geografia força a radicalização do paradoxo de Leônia de Calvino, a cidade que se constrói por tudo aquilo que descarta. Sem muitas alternativas, suas projeções recuam em linha reta para a consistência de um plano seco. Assim, suas “periferias” se mesclam às áreas “centrais”, confundindo inícios e fins de suas paisagens.

Como efeito dessa constituição, Águeda toma forma para conter tudo àquilo que a água não permite extravasar. Uma cidade dentro de outra para uma população entendida inadequada ao lugar que ocupa. Projetada no extremo oposto, surge como solução ao problema da habitação àqueles, que por diversos motivos, escolheram as proximidades portuárias para viver. Entre a água e o centro da cidade,

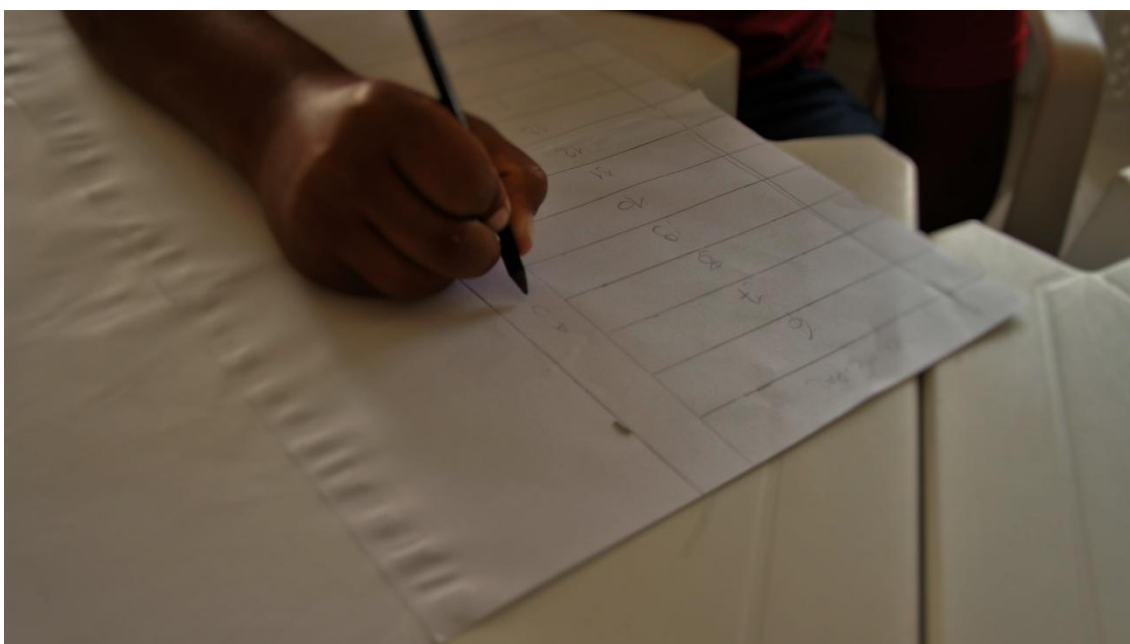
modos de vida contorciam margens de geometrias indecisas, desenhadas sempre de improviso. Então, Águeda surge como molde para as incertezas. Vidas fluidas em condições provisórias rumam a uma terra prometida, embora, pouco promissora.

Matheus é resultado desse processo. Ainda nos braços da mãe, chega à Águeda e lá cresce experimentando os ângulos retos de uma cidade feita para ele. Ainda que não tenha nascido por lá, sente-se produto das linhas retilíneas que o contornam. Por suas mãos, Águeda se faz no correr do grafite guiado pela régua, firmemente, apoiada em papel. A numeração das ruas é sequenciada entre as quatro grandes linhas que fazem de Águeda um território a parte, inventado para e por Matheus.

A lápis, um mapa é produzido cuidadosamente. As formas repetitivas são diferenciadas com todo respeito, que as singularidades contidas em cada retângulo merecem. As dimensões replicadas remontam condições espaciais igualmente distribuídas para n modos de apropriações e sentidos que lhes são atribuídos. Em cada rua numerada, outros dez retângulos menores surgirão, esquadrinhando histórias particulares. Por precisão cirúrgica, o grafite segue deslizante, imprimindo no branco do papel as trilhas cinzentas das ruas empoeiradas de saibro, todas iguais e tão diferentes. Há a rua principal, a rua do campinho, a rua dos maconheiros, a rua dos “craqueiros”, a rua do lixão, a rua da internet, a rua da venda do cigano, a rua que não se passa, a rua ocupada por forasteiros, a rua da sua casa.

O mapa de Matheus expressa sua cidade de Águeda. Delimitada em quatro linhas, desnuda em seus detalhes um território múltiplo, com tudo que lhe orgulha e lhe envergonha. Nos riscos minuciosos, valoriza as diferenças possíveis na insistência geométrica de uma estrutura projetada para ignorá-las. No branco do papel as “soluções” para uma

Rio Grande caótica, dobram-se em uma Águeda replicada à régua. No entanto, entre o mapa da cidade e as linhas que produz, o desenho do garoto sinaliza uma cartografia sempre incompleta, aberta para uma vida impossível de se prever por inteiro. Resultado da artificialidade impressa, Matheus começa a se dar conta que sua vida, certamente, não seguirá retas tão precisas: “por onde andará meus próximos traçados?” .



Fonte: Acervo pessoal.

Pensar os vulneráveis nessa esteira, permite o endereçamento de algumas indagações, especificamente, aos editais e às proposições apresentados (Quadro 29, 30 e 31), mas que se estende a tantos outros. Como garantir a emancipação e a autonomia das crianças e dos jovens pertencentes a determinado projeto social? Como o acesso às atividades educativas esportivas se tornam facilmente reconhecidas enquanto ferramenta amenizadora da desestruturação familiar, tráfico de drogas e criminalidade? Como se torna possível proferir, sem muitas explicações, a indicação do esporte como resposta às questões, geralmente, tomadas como da ordem da segurança social? Dentre estas perguntas, me parece pertinente reforçar: quem são os vulneráveis dos PSE? Seriam, por associação quase lógica, aqueles que ocupam tais situações de vulnerabilidade?

No ponto de vista da apelação por segurança, a ressonância de tais perguntas articulam-se às proposições sociológicas indicadas. Deste movimento, resultam mais questões: E se o reconhecimento dos vulneráveis não for tão simples assim? E se não for uma questão de reconhecimento, mas, sim de produção, como indicado nos eixos da função e da virtualidade? Quais mecanismos operam na materialização de tal quadro?

Se tomarmos as teorizações de Bauman (1998; 2005) sobre refugio humano, levando em conta, os eixos de inteligibilidade apresentados anteriormente, seria possível a elaboração de algumas hipóteses. Ao considerar o vulnerável em sua função enunciativa, vimos que sua personificação se dá apenas pelo funcionamento dos mecanismos que operam sua virtualidade. Desse modo, os vulneráveis se condicionam por aquilo que ainda não são. No entanto, para que tal artifício funcione, é necessário a tomada real, daquilo que não se deseja ser, como ponto referencial: o refugio. Este, por sua vez, pode ser entendido como o produto da realização paradoxal do desejo moderno de estabilidade, pois, ao mesmo tempo, em que atende os anseios de um tempo, torna-se motivo de repulsa no presente.

Ainda na linha sociológica da virada do último século, Ulrich Beck (2011) tangencia tais mecanismos, ao carregar nas tintas de seus escritos, a consideração de que vivemos numa Sociedade de Risco. Ao reconhecer uma transitoriedade marcante entre o que chamou modernidade tradicional e modernidade tardia, introduziu em seus estudos a noção de risco como uma

categoria de análise contemporânea das ciências sociais. Em convergência às teorizações de Anthony Giddens (1991), Beck (2011) identificará uma naturalização do risco a partir do reconhecimento de mudanças na estrutura das relações sociais que, por sua vez, encaminham a diferenciação de uma sociedade de classes para uma sociedade de risco. Entretanto, guardadas as proporções de seus arranjos teóricos, o que pretendo destacar de tais autores, refere-se à centralização da noção de risco em suas análises. Nelas o risco é ajustado ao sentido de antecipação de situações indesejadas e que pela iminência de seus acontecimentos, são passíveis de serem consideradas reais.

O núcleo da consciência do risco não está no presente, e sim *no futuro*. Na sociedade de risco o passado deixa de ter força determinante em relação ao presente. Em seu lugar, entra o futuro, algo, todavia, inexistente, construído e fictício como “causa” da vivência e da atuação presente. [...] Na discussão com o futuro, temos, portanto, que lidar com uma “variável projetada”, com uma “causa projetada” da atuação (pessoal e política) presente, cuja relevância e significado crescem em proporção direta à sua incalculabilidade e ao seu teor de ameaça, e que concebemos (temos de conhecer) para definir e organizar nossa atuação presente (BECK, 2011, p.40).

Ainda que, em boa medida, o posicionamento teórico dos sociólogos citados se afaste das referências adotados para condução desta pesquisa, alguns elementos de suas proposições conceituais parecem produtivas ao exercício analítico deste terceiro eixo. Se reconhecer os vulneráveis dos PSE enquanto montagem, implica em atentar para seu funcionamento em termos de utilidade, tais noções, parecem corresponder de modo explicativo ao funcionamento deste mecanismo de inteligibilidade. Os PSE ao proferirem grande parte de suas intenções, sustentam-se na inexistência de um “ainda não”, elaborado em função de garantir o controle de uma “variável projetada”. A proposta de “ocupação do tempo ocioso” com práticas esportivas, aparece como um exemplo acionador desses mecanismos. O risco, promove a antecipação, ou melhor, a precipitação de atitudes concretas frente aos acontecimentos ficcionados. Nesse sentido, antes de ser reconhecido, os vulneráveis são inventados, montado para atender determinadas dificuldades ou anseios. No entanto, se vivemos em uma sociedade de risco: quem são os vulneráveis dos PSE? Não seríamos todos vulneráveis?

Menina exemplar

Márcia nasceu e cresceu na Vila das Rosas, bairro em que vive com seus pais e um casal de irmãos mais novos. Até hoje, com 17 anos, ela divide um quarto de 9m² com seu irmão de 13 e sua irmã de 10. Sua família nunca teve muitos recursos, mas a situação financeira que dispunham nunca foi empecilho para que Márcia e seus irmãos levassem uma vida compatível àquela que se espera de uma criança de seu tempo. Estudante de escola pública, sempre gostou de passar seus dias brincando na rua. Adorava as práticas mais convencionais entre os meninos como futebol, taco, gude, etc. Andava de bicicleta por toda a vizinhança e, até, arriscava-se a circular por bairros vizinhos sem a permissão de seus pais. Passou sua infância compartilhando experiências com um grupo grande de crianças que, por sua vez, constituíram-se adolescentes bem diferentes uns dos outros, o que fez Márcia perder contato com, praticamente, todos eles ao longo do tempo.

Além das relações e práticas que compunham sua rua, havia, pelo menos, mais dois lugares onde Márcia costumava frequentar com muito gosto: a escola e as aulas de taekwondo. Sua vida escolar sempre foi regular, nunca apresentou problemas com a rotina diária da sala de aula. As tarefas de casa nem sempre eram feitas, mas isso nunca causou grandes efeitos em seu *status* de boa aluna. De fato, os motivos pelos quais se alegrava em ir para escola, eram os mesmos que a faziam passar o restante de seu dia se divertindo pelas ruas de seu bairro. Seus melhores amigos eram seus vizinhos e, também, seus colegas de sala. O companheirismo e o espírito de grupo tornavam qualquer lugar, no mínimo, agradável, inclusive as aulas e professores mais entediantes.

As aulas taekwondo eram oferecidas por um professor e voluntário, mas isto, pouco importava para Márcia. O que a levava até

lá, era a possibilidade de praticar algo que lhe dava prazer e sempre a fazia querer voltar. As aulas ocorriam em uma sala do centro comunitário localizado no bairro vizinho. Com sua bicicleta, a menina se deslocava até lá duas vezes por semana. Seu começo se deu apenas por divertimento e influência dos amigos, que pouco a pouco desistiram. Mas, Márcia se motivava mais a cada treino. Encantada com as novidades de uma prática nunca vista anteriormente, prestava muita atenção em tudo que o professor ensinava. Dedicava-se não só aos movimentos corporais, mas exercitava uma série de condutas, ali praticadas, para além do ambiente do treino. Encarava a disciplina e as recomendações comportamentais como algo agradável e que julgava necessário. Via sentido em tudo àquilo que fez com que seus colegas desistissem, pois absorvia rapidamente o entendimento de que aquela prática não se limitava a aprender a lutar. O reconhecimento do professor também a motivou a levar os treinos cada vez mais a sério. A figura do sujeito vestido de branco com uma faixa preta amarrada em volta da cintura, era um exemplo a ser seguido e, aula após aula, tornou-se uma de suas metas.

Todos que a acompanhavam por ali percebiam sua dedicação e seu talento para prática do taekwondo que, por conseguinte, passou a ser vista e promovida, tanto por seu professor quanto pelas assistentes sociais do CRAS. A menina se tornou um modelo a ser seguido por outras crianças. Era sempre a primeira referência utilizada para comparações daqueles que mereciam repreensões por conduta indesejada. Márcia percebia sua fama e gostava de tudo aquilo. Em contrapartida, a imagem de menina exemplar causava efeito reverso em alguns de seus colegas. Alguns a adjetivavam como arrogante e tomavam sua postura tão benquista, como uma atitude forçada.

Contudo, os diversos tipos de comentários agradavam Márcia, mesmo aqueles considerados negativos, pois sempre os rebatia com um ar

que remetia uma espécie de superioridade. De certa forma, sentia-se bem sucedida com a posição que ocupava. Não chegava a pensar que era melhor que os outros por ali, mas sabia que a maioria das pessoas a olhava com algum crédito e depositavam nela grandes expectativas. A construção e manutenção dessa imagem não foram propositais, embora tenha sido este o principal motivo pelo qual Márcia teve acesso a um esporte considerado de alto custo. Os estágios, até chegar à faixa preta, são demarcados por testes pagos que, por sua vez, não eram cobertos pela ação voluntária do professor. Além disso, havia despesas com campeonatos e outras atividades que exigiam dela, no mínimo, um longo deslocamento pela cidade. Sua família ajudava como podia, mas não era suficiente. A maior parte dos gastos foi assegurada por iniciativas de algumas assistentes e educadoras do centro comunitário. Não foram poucas as vezes que tais atitudes custearam por completo as despesas de menina.

Hoje, Márcia é faixa preta como há algum tempo sonhava. Assim que se tornou capacitada para ministrar aulas, assumiu algumas turmas, dando sequência ao trabalho que seu professor desenvolvia. A menina cresceu e continua sustentando seu *status* de conduta exemplar. Com o tempo, conseguiu incluir suas aulas de taekwondo no plano de atividades do centro comunitário em que tomou suas primeiras lições. Lá, atua como estagiária remunerada e vinculada à prefeitura municipal. Exerce o ensino da luta com muita dedicação, mas, sente-se desapontada com a falta de seriedade com que muitos de seus alunos aderem à prática. Para ela, suas aulas consistem, sobretudo, numa oportunidade de mudar alguma coisa na vida de seus alunos através do esporte. Não têm dúvidas de que a prática que oferece é umas das melhores ofertas para aquele público que necessita de disciplina. Ainda que seu desejo seja de que todos os seus alunos adotem a prática do taekwondo como ela, sabe que isso é impossível. Todavia, ameniza

este sentimento observando atentamente quais alunos e alunas demonstram vontade ou algum tipo de predisposição que sinalize uma continuidade tão bem sucedida, ou mais, quanto a sua própria.

Mércia sente-se bem, ocupando o papel de professora. Sua trajetória como praticante e transmissora de uma prática esportiva, desperta nela o desejo de cursar educação física na universidade de sua cidade. Sem problemas em sua vida escolar, terminou o ensino médio sem nenhuma reprovação. Arrependida por não ter prestado o ENEM assim que formada, programa seus estudos para a próxima seleção. Enquanto isso segue com sua bicicleta. Entre um bairro e outro, treina e ensina taekwondo, alimentando sonhos maiores com um leve sorriso no rosto.

Por essa perspectiva, os objetivos como: emancipação, autonomia, salvação e, até mesmo, resgate social, tornam-se paradoxais (para não dizer contraditórios), quando posicionam-se a serviço de mecanismos preemptivos com relação à segurança. Sua preocupação em endereçar ações a crianças e jovens, só se torna útil, pela antecipação de acontecimentos indesejados, materializados em crime, violência, drogadição, prostituição, etc. Caso contrário, se determinado indivíduo se apresentar como protagonista de tais acontecimentos, seu *status* se torna outro: o de delinquente. E nesse caso, sua captura por outras instituições de sequestro³¹, tais como reformatórios, prisões, hospitais, instituições sócio-educativas, sobrepõe o que os PSE têm a oferecer.

Contudo, entre o refugio e a naturalização do risco, os vulneráveis dos PSE, entendidos como montagem, podem ser equiparados ao que Foucault (FOUCAULT, 2012e) chama de estratégia do contorno. Ao destacar a transição de justiça penal para uma “justiça funcional” (sustentada na seguridade e na proteção), o autor ressalta a noção de um controle generalizado que opera pela manipulação dos medos como estratégia de controle e de segurança. Por este viés, os PSE acabam desempenhando um papel funcional, antecipando o indesejado, numa lógica de seguridade, generalizando o medo por um processo de montagem de seus vulneráveis.

Em certo sentido, o reconhecimento de tais mecanismos parece responder às indicações de Castel (2010) ao tentar realizar a localização dos “marginais” na história. Em tal empreitada, o autor anuncia que a marginalidade social não é nada fácil de circunscrever, agrupar em conceito ou apanhar em sua unicidade. A indicação desta imprecisão conceitual parece apresentar interfaces com os vulneráveis dos PSE, quando tais iniciativas fazem uso da marginalidade geográfica ou social, como sinônimos de vulnerabilidade

³¹ Ao usar a composição “outras instituições de sequestro”, equiparo, propositalmente, os PSE a tais modelos institucionais. Ao anunciarem-se como iniciativas não escolares ou ações autolocalizadas no contraturno escolar, os PSE propõem sua autonegação enquanto práticas escolares - talvez, confirmando a tese de Zaluar (1994), ao indicar a gênese de tais projetos como solução possível ao problema da distância que o sistema de ensino formal mantém das classes populares. Nesse sentido, o esporte apareceria como ferramenta educativa configurada de outros modos que não correspondem àqueles desenvolvidos no espaço e tempo considerados escolares. Entretanto, suas atividades acabam organizadas, tal como nos currículos formais, sistematizando grupos homogêneos de alunos, aplicando grades de conteúdos e, não raro, utilizando o próprio espaço físico das escolas para efetivarem suas ações.

enquanto algo a ser combatido. Para demonstrar impossibilidade da definição, Castel (2010) dispara algumas questões:

[...]¿Cuáles son las fronteras de grupos de identidad incierta, colocados en las orillas del cuerpo social sin participar plenamente en él pero sin participar plenamente en él pero sin estar tampoco completamente separados puesto que circulan en sus intersticios? No se puede percibir el campo de la marginalidad en ausencia de una teoría, explícita o implícita, de la integración. Digamos, pues, que una formación social está hecha de la interconexión de posiciones más o menos garantizadas. Los individuos y los grupos inscriptos en las redes productoras de la riqueza y el reconocimiento social están “integrados”. Estarían “excluidos” o desafiados aquellos que no participasen de ninguna manera en esos intercambios regulados. Pero entre esos dos tipos de situaciones existe una gama de posiciones intermedias más o menos estables. Caracterizar la marginalidad es situarla en el seno de ese espacio social, alejada del centro de los valores dominantes, pero sin embargo ligada a ellos ya que lo marginal lleva el signo invertido de la norma que no cumple. Marca una distancia. ¿Cuáles son las condiciones, los modos de existencias y los papeles representados por tales posiciones “a distancia” en una sociedad? (p. 245)³².

Partindo dessas questões, Castel as assume como introdução a discussão que toma forma pela dificuldade de apanhar conceitualmente o marginal/a marginalidade, o exemplo da Europa pré-revoluções industrial e política em fins do século XVIII. O exemplo se justifica pela caracterização desse período - levando em conta um diagnóstico social - se dar pela considerável estabilidade vista na permanência das categorias, na rigidez das hierarquias e na dificuldade enfrentada diante situações indesejáveis de mobilidade e mudanças. Tem-se aí uma representação de marginalidade estigmatizada, passível de reconhecimento, justamente, pela solidez da norma que a exclui. Contudo, o autor adianta que mesmo partindo desse contexto é

³² Quais são as fronteiras dos grupos de identidade incerta, colocados nas bordas do corpo social sem participar plenamente dele, contudo, sem estar, tampouco, completamente separados, posto que circulam em seus interstícios? Não se pode perceber o campo da marginalidade na ausência de uma teoria, explícita ou implícita, da inclusão. Digamos, pois, que uma formação social é feita da interconexão de posições mais ou menos garantidas. Os indivíduos e os grupos inscritos nas redes produtoras de riqueza e o reconhecimento social estão “integrados”. Estariam “excluídos” ou desafiados aqueles que não participassem de nenhuma maneira desses intercâmbios regulados. Mas, entre esses dois tipos de situações existe uma gama de posições intermediárias mais ou menos estáveis. Caracterizar a marginalidade é situa-la no seno desse espaço social, distante do centro dos valores dominantes, mas, no entanto, ligados a eles já que o marginal leva o signo invertido da norma que não cumpre. Marca uma distância. Qual são as condições, os modos de existência e os papéis representados por tais posições “à distância” em uma sociedade? (CASTEL, 2010, p.245, tradução própria).

preciso perguntar-se: “[...] em que medida essa estigmatização da diferença se reorganiza e se recompõe em uma sociedade como a nossa, que pretende obedecer a princípios muito diferentes, ‘democráticos’”.

Hay nuevos marginales porque una franja importante de la población flota entre el empleo y el no empleo, actividades institucionalizadas y formas diversas de ingenio que pueden ir del trabajo en negro a la delincuencia. Pero también se desarrolló, como una tentativa de respuesta a esta nova coyuntura, toda una gama de intervenciones igualmente novedosas, políticas de inserción, política de la ciudad, empresas de inserción a través de lo económico, etc. Hasta ahora dieron resultados limitados y ambíguos. Es grande el riesgo de que en lugar de promover de este modo una verdadera integración que marque la salida de la marginalidad se constituyan suertes de analogon: un anlogon del trabajo en actividades degradadas, un analogon de la comunidad en asociaciones circunstanciales, un analogon de la sociabilidad real haciendo ocupacionalismo para todos aquellos que no están ubicados en marcos fijos... Estas prácticas se despliegan en una línea divisoria frágil (p.255)³³.

Embora desajustadas às teorizações sobre o risco, as considerações do autor apresentam encaminhamentos interessantes para pensar os mecanismos de produção de sentido dos supostos vulneráveis em questão. Ainda que insista na existência de um núcleo social estável diferenciado por fronteiras imprecisas de marginalidade, o autor é afirmativo ao inferir que a percepção da noção de marginalidade é indissociável do funcionamento de processos de inclusão. Deste modo, considerar algo marginal, mesmo que de maneira imprecisa, aciona problematizações indicativas de que algo está fora do lugar. Por esse arranjo, os PSE não hesitam em se posicionarem como alternativa de rearranjo, como um dispositivo organizador, mesmo que por antecipação, pondo em ordem aquilo que ainda não se desorganizou. Contudo, suas promessas encarnam uma necessidade real, apenas sob o pano de fundo estável de um núcleo social estruturado. Assim como o refugio, a crença na existência de uma sociedade nucleada coloca os vulneráveis à margem

³³ Há novos marginais, porque uma franja importante da população flutua entre o emprego e o não emprego, atividades institucionalizadas e formas diversas de perspicácia que podem ir do trabalho sujo à delinquência. Também se desenvolveu como uma tentativa de resposta a esta nova conjuntura, toda uma gama de intervenções igualmente novas, políticas de inserção, política da cidade, empresa de inserção através do econômico, etc. Até agora deram resultados limitados e ambíguos. É grande o risco de que, no lugar de promover deste modo, uma verdadeira integração que marque a saída da marginalidade, se constitui tipos de analogias: uma analogia do trabalho em atividades degradadas, uma analogia da comunidade em associações circunstanciais, uma analogia da sociedade real, produzindo ocupações para todos aqueles que não estão inseridos em marcos fixos... Essas práticas se desdobram em uma linha divisória frágil (CASTEL, 2010, p. 255, tradução própria).

divisória entre o desejável e o indesejável. Em contrapartida, as deduções acerca de uma sociedade de risco advertem que a naturalização do risco, há algum tempo, já se tornou condição de existência. E, neste caso, se vivemos, inevitavelmente, conduzidos pelos riscos em diferentes níveis, como sustentar a pretensão de afastar ou retirar alguém de tal situação?

Portanto, ainda que apresente esta rede conceitual com algumas folgas e falhas, com relação ao objeto, insisto em colocá-la em jogo como demonstração provocativa de certas ambições, talvez, um tanto exageradas que alicerçam os PSE enquanto uma resposta útil às questões de segurança social. Mais uma vez, não se trata de transpor análises com outros focos de objetivações para algo que acontece no presente, mas de cogitar que aquilo que se vê funcionando no presente como algo que se apresenta para “resolver”, “solucionar” dificuldades, não representa em si uma plena novidade. Se a proliferação dos PSE demonstra um pouco disto, não quer dizer nem que seja uma novidade, nem que seja uma velha estratégia. Seria melhor tratar tudo isto por acontecimento que tem lá sua ancestralidade.

Se quando o cartógrafo se depara com os vulneráveis dos PSE, cogita que se trate de uma montagem, quer dizer que se trata de algo em projeto e não uma forma acabada resultante de uma combinação de “peças”. Talvez se trate de um rascunho que sempre pode anteceder uma montagem que às vezes, de tão bem feito chega a ser tomado por algo que “realmente” já exista. Entretanto, como um rascunho visa tornar algo viável para os nossos sentidos, tentativas são levadas adiante e realizadas colocando aquilo que era um rascunho de algo em processo de projeção, em algo que se efetiva como uma montagem disponível ao tato. Função, virtualidade, montagem, se misturam para responder a um enigma.

Entre molduras e devires



Fonte: Acervo pessoal.

Em uma guarita de salva-vidas numa praia fronteira fora de temporada, uma imagem chama atenção. Estampada em folha de compensado, uma pessoa sustenta em suas mãos um objeto moldado a sua imagem e semelhança. O cenário paradisíaco, que se abre em uma faixa às costas do sujeito retratado, contrasta o vermelho arterial que escorre do seu rosto. Com meia face coberta, seus olhos destacam um olhar sereno e atento aos detalhes de sua criatura.

Agachado, descansa em seus joelhos seus próprios antebraços, favorecendo-lhe uma postura minuciosa que lhe permita mais precisão no manejo da pequena escultura. Um ar de zelo conecta criador e objeto. O corpo encolhe-se sobre si mesmo, projetando toda atenção que lhe cabe ao segundo corpo que ganha forma. Há uma relação de desejo ecoada ali. Toda projeção envolve desejo. Todo projeto é movido pelo desejo. Desejo de transformação. Desejo de condução. Desejo de criação. Desejo de deixar de ser. Desejo de vir a ser. Assim, a matéria ganha forma, outra forma que não a anterior. Seja por deixar de ser o que se é para ser outro. Seja por tornar àquilo que sempre fora ao deixar seus excessos.

Por ironia, todo cuidado manifestado através da imagem é fragilizado pelo descolamento da figura, enrolando-se pouco a pouco sobre si mesma, desfazendo-se lentamente. As ideias de minúcia, de empenho e de proteção, tão marcantes, parecem ameaçadas pelo insistente aviso de insuficiência, reverberado pelo tubo de papel formado ao passo da progressão de seu desmanche. A ação do tempo, do vento, da brisa, da chuva, compromete a prepotência que, supostamente, sobrepõe o criador à criatura. A confiança transmitida pela perícia artesanal das mãos firmes e cuidadosas é comprometida pelo avanço da crescente sombra representativa. As certezas de um modelo universal projetada a cada curva do pequeno corpo se desfaz ao desfazer-se do artesanato.

Entre criador e criatura, já não cabe qualquer arrogância. A altivez de um obreiro convicto parece escorrer e retorcer sobre si sua postura indubitável. Então, o descolamento faz o criador perceber-se criatura. Ele mesmo, uma representação. Todo seu poder transformador posto em suspeição ao assumir-se produto de outra ação inventiva que não sabe bem qual. Ele mesmo, matéria prima trabalhada, moldada e emoldurada na captura ajustada de em um “clic” fotográfico. Agora, suas mãos já incertas, reduzem sua atitude presunçosa, intumescida de concretudes e objetividades aos devires que pedem passagem. Como projetar-se em certezas que já deixaram de ser?

ENTRE MOLDURAS E DEVIRES: DRAMAS, DILEMAS E PERIPÉCIAS DE UMA CARTOGRAFIA DO VULNERÁVEL DOS PSE

[...] “Se fazer mosaicos me ensinou a ver as imagens antes de elas se tornarem forma, ensinou-me também que , mesmo seguindo um plano original, elas invariavelmente mudam durante sua lenta execução, seja pela interferência do acaso, seja, até mesmo, pela mudança do plano original. Por isso, a par da imaginação, o fundamental nesse trabalho é a paciência. Cada pequena tessela, ao ser preparada e colocada, impõe uma vontade própria que o mosaísta deve saber reconhecer e à qual deve reagir criativamente. Um mosaico se faz enquanto é feito. Cada finalização é um começo, cada começo é um recomeço. É preciso ser paciente. Com a vida não é diferente.[...] Dê-se tempo. Faça-se e deixe-se fazer”[...] O Cubano colocou a pedra que escondia a estatueta de volta no lugar e disse: “Nascer leva tempo”. (RAMIL, p.76-77)

O cartógrafo se alimentou dos problemas que ele mesmo produziu. Colocou-se à espreita de uma parte do aquário que dizia respeito, especificamente, ao funcionamento de projetos sociais de caráter esportivo. Incitado pelos efeitos de uma proliferação (HECKTHEUER, 2012), ensaiou-se, e ainda ensaia-se, sob a superfície constitutiva do público-alvo dessas iniciativas programáticas, usualmente, sustentadas pela insistente premissa da vulnerabilidade social (GONÇALVES; HECKTHEUER e SILVA, 2014). A vulnerabilidade, então, tomada como condição dos sujeitos a quem tais projetos se prestam, naturalizou-se pouco a pouco como uma forma de expressão que absorve determinados territórios geográficos e existenciais. Tal concepção se encontra esparramada em folhas de jornais, documentos institucionais, redes sociais e textos acadêmicos. Capilariza-se num tecido social fundado na preocupação, cada vez mais intensa, em antecipar certos acontecimentos indesejados e assolada pelo estigma do perigo iminente. Porém, para o cartógrafo, a fluidez, supostamente, confortante das engrenagens representativas, ainda o incomoda e o impulsiona a colocar, sempre e sempre, a pergunta para si mesmo: quem são os vulneráveis dos PSE?

Como um ato reflexo, a inquietude provocou sua reação, mas, não coube ao cartógrafo respondê-la, pelo menos com a objetividade que substanciava a questão.

Sabia bem que a interrogação suscitava afirmativas imediatas, embebidas em certezas que cortavam a sangue frio o mínimo devaneio (GONÇALVES, 2013). Por isso, prefere manter sua pergunta em fundo irônico, forjando às marteladas seu sentido provocativo. Desejou, e ainda deseja, sobretudo, produzir problemas que durem e o forcem à experiência do pensamento. Esgotá-los em definições, constatações ou aferições não fez parte de sua agenda.

Com ímpeto problematizador, o cartógrafo manuseou seus objetos. Revirou proposições delimitadas na apropriação do esporte como fundamento para projeções de uma sociedade supostamente desejada. Desse exercício, produziu não só seus problemas, como as ferramentas necessárias para operá-los. Os três eixos de inteligibilidade, construídos no decorrer de seu trabalho, resultam da inquietação incessante frente ao funcionamento dos mecanismos de produção de sentido que agrupam determinados indivíduos em populações tidas como vulneráveis. Função, virtualidade e montagem operaram a problematização exercida pelo cartógrafo. A partir deles, o acesso aos processos de funcionamento discursivo, de normalização e de subjetivação implicados na produção dos vulneráveis dos PSE, tornou-se possível.

A localização de um campo referencial, de um posicionamento do sujeito vulnerável e de um arranjo correlato de sustentação, permitiram ao cartógrafo a identificação da materialização de visibilidades e dizibilidades que conduzem o entendimento dos PSE como uma resposta a situações de demandas prontas, contextos e situações à espera de suas intervenções. Por outro lado, ao observar tais elementos como mecanismos enunciativos, possibilitou a leitura dos PSE como um dispositivo organizado de modo a produzir mais situações de vulnerabilidade do que as combater. A função vulnerável, logo, apareceu como uma ferramenta necessária à inversão das atribuições representativas coladas ao objeto.

Já o vulnerável como virtualidade permitiu a desnaturalização do vulnerável, como *a priori* dos PSE, a partir da problematização de seus complexos mecanismos de produção de sentido. Ainda que o acontecimento da proliferação dos PSE se manifeste no presente, os mecanismos pelos quais operam são compostos por estratégias construídas historicamente; soluções ajustadas ao problema fundado em “como governar”, que, segundo Michel Foucault (2008a; 2008c; 2010c), remontam a inauguração da modernidade frente à invenção da população. Entre os mecanismos de normalização e de

produção do risco, um vulnerável é projetado através de virtualidades a serem antecipadas.

O eixo denominado vulnerável como montagem, resultou da discussão dos PSE como estratégia de governo do presente. Nessa composição, determinados indivíduos seriam o resultado da montagem de um sujeito que já deve nascer para ser reformado, visto que sua virtualidade aponta sempre para a necessidade de reparos. Com base no seu funcionamento, o cartógrafo atenta para os efeitos subjetivantes implicados na captura que os PSE empreendem sobre determinado público. Nesse sentido, o vulnerável se atualiza em modos de vida supostamente indignos, seja pela conduta que os individualizam ou, simplesmente, pelo território geográfico que ocupam. A montagem, então, remete aos processos inventivos pelos quais os vulneráveis se corporificam e, sobretudo, atribuem sentido a existência dos PSE.

Contudo, tais eixos são produtos da radicalização de um exercício crítico que o cartógrafo investe sobre si mesmo. Nutrido pelo desejo de estar em constante movimento, força-se, à inquietude frente à estagnação das respostas imediatas, dos signos e suas interpretações. Sua empreitada em perseguir os mecanismos de produção de sentido que tornam os vulneráveis dos PSE possíveis, multiplica-se a cada passo, submetendo-o a sucessivas escolhas. Seus mapas, sobretudo, são produtos das suas escolhas, do seu seguir e deixar pistas, do reposicionamento das perguntas que formula e carrega consigo. Tais escolhas não são simples, pelo contrário, resultam de uma trama temperada por dramas, dilemas e peripécias. Aberto à experiência do encontro, percebe a riqueza das contingências ao passo que degusta o amargor angustiante do caos, por vezes, demorado entre trajetos bifurcados.

No decorrer dos processos que acompanhou, as linearidades que o cartógrafo tentou escapar foram respostas a sua pergunta detonadora, reverberadas em certezas quase contagiantes que, por sua vez, encaminham a materialização de territórios, supostamente, vulneráveis. Geografias, corpos e modos de vida capturados em formas de expressão que evidenciam condições desajustadas, passíveis de intervenção dos mais variados níveis. A recorrência da identificação pressuposta de vidas indignas, de condutas impróprias, de condições insuficientes de habitar territórios, emolduram desejos, escolhas e atitudes em quadros arbitrários. Números, índices e mapas. O esporte como solução. O preenchimento do tempo do outro como solução. A

antecipação (condenação) de destinos definidos por nome, idade e endereço preenchidos em uma ficha cadastral.

Na contramão o cartógrafo insistiu e ainda insiste: de quais vidas se trata? Que vidas são estas prestes a escorregarem das molduras sociais, interpeladas em função de seu estado fronteiriço? Questões desse tipo, o acompanharam em suas divagações por PSE instalados na cidade de Rio Grande. Impulsionado por elas, tomou o cuidado de manter consigo a prudência de não assumir tarefas avaliativas, interpretativas ou analíticas como princípios de seu ofício. Assim, lançou-se ao encontro de territórios geográficos e existenciais contornados pelas tintas da vulnerabilidade, não para constatar o ajuste ou desajuste de determinadas vidas. Priorizou o encontro como outra forma de atender às questões que o acompanhavam e ainda o acompanha. Assim, deixou-se disponível aos *afectos* reverberados de um “ir a campo” guiado por intensidades que o capturaram ou o repeliram. Encantou-se com devires transbordantes pelas molduras representativas da classificação e das atitudes generalizantes. Desse modo, foi capturado diversas vezes. Atraído pelo inusitado, percebeu-se imerso em espaços outros. Viu-se multiplicado em pesquisador, professor, assistente social, fotógrafo, voluntário, jogador, observador, intelectual, estranho, especialista, amigo, andante, vulnerável. Vulnerabilizou-se diante certezas, posturas, decisões, conversas, daquilo que, por acaso, poderia pensar que realmente fosse. No entanto, via-se ele próprio num constante deixar de ser.

Ensaiair-me em encontros, aberto ao inusitado, possibilitou-me dizer o que disse, pensar o que pensei, inventar o que inventei. Ensaiair-me construí perspectivas, ajustei minhas lentes, produzi filtros para o meu próprio pensamento. Ensaiei-me entre mil vozes na bancaça de trabalho em minha casa, no trajeto entre bairros da cidade, nos auditórios universitários, no campinho embarrado durante o futebol após a chuva. Ao ensaiar-me fiz escolhas, troquei dias de leituras entre quatro paredes por brincadeiras de rua, visitas aos habitantes de um bairro distante, conversas em gabinetes de secretarias municipais, entre outras tantas cenas vivenciadas.

Escolhi os efeitos das experiências proporcionadas pela não planificação categórica dos atos procedimentais, sem perder de vista a manutenção rigorosa do problema investido. Impulsionado pela interrogação provocativa, deixei-me ser

capturado, surpreendido e até repellido por encontros dos mais variados. Ao seguir e deixar pistas, percebo os deslocamentos que fiz ao radicalizar o desejo de escrever para, mais do que registrar, pudesse exercitar a produção do meu próprio pensamento. Por essa atitude, minha dedicação sobre a delimitação acerca dos indivíduos vulneráveis dos PSE, exigiu-me o constante redimensionamento do objeto. A atenção sobre os mecanismos de produção dos vulneráveis esmaeceu os contornos esportivos assumidos como ponto de partida do exercício problematizador. A delimitação contida no esporte, ou melhor, na prerrogativa do esporte como instrumento de transformação social, se desfez pouco a pouco ao passo que o acesso aos modos de vida a que ele é endereçado, ganhava força. Ou seja, foi pelo esporte que acessei territórios tidos como vulneráveis, mas tal consideração não é restrita a ele. Assim, chego à Águeda a convite de seus próprios habitantes. Em frente a uma quadra de futebol, já não era mais o esporte que me conectava aqueles jovens.

[...] Então, percebo que Águeda emerge das contingências favorecidas pela minha disponibilidade frente às linhas de força que constitui o modo que a enxergo. Suas delimitações, seus habitantes, seu funcionamento, resultam das andanças, das leituras, dos encontros, dos sonhos e dos pesadelos que tive. Águeda estava nos quadros de Ana e boa parte de seus habitantes compunham a fotografia praiana que tanto me encantara antes mesmo que pudesse perceber sua potencialidade problematizadora. Ao ser levado para Águeda num início de tarde de um sábado quente, pude ver muito mais que um lugar feito de areia, tijolos, cimento e suor. Um território constituído por atitudes desejanter diversas se materializava sob meus pés. Entre engrenagens discursivas, condutas normalizadoras e dobras subjetivantes uma população tomava corpos dispersos em unidade marcada por uma vulnerabilidade pressuposta, ecoando a condição de insuficiência incorporada em seu nome.

Entretanto, os encontros que tive insistiam em resistir a qualquer generalização. Miro, Vitinho, Márcia e tantos outros, revelam modos de vida que fragilizam a solidez de uma vulnerabilidade que, pretensamente, os captura em

registros dos mais variados tipos, sejam eles institucionais ou voluntários. Toda a tecnologia reverberada em projeções de uma sociedade sustentada na identificação de vidas insuficientes ou indignas é desestabilizada pelas atitudes fronteiriças praticada dia a dia por suas condições, sobretudo, enigmáticas.

Quem são os vulneráveis dos PSE? A pergunta dura, mas não se esgota. Como detonadora, talvez, se ajuste à figura da implosão. Uma chave para o pensamento a ser utilizada de dentro para fora. Assim a utilizei, propositalmente, operando-a para minar estruturas representativas. Tentar tratá-la de outro modo, certamente, implicaria navegar por outros mares (Registros de viagens, agosto de 2016).

Sobre tudo que teus olhos inventam

Dia desses Maicon acorda atrasado. Perdido, ainda sonolento, confunde o estampido da porta ao bater, quando seu padrasto sai para o serviço, com um sonho ou pesadelo. Sua irmã está pronta para a escola e aos gritos faz Maicon pular da cama, pegar seu material e sair a passos apressados. Mal consegue se vestir. Ainda ramelento, caça o que resta de bolachas água e sal sobre o balcão e se vai. Aquela rotina é torturante para ele que, habitualmente, encontra-se mal-humorado. De cara fechada anda logo atrás de sua irmã rumo à escola localizada três quadras da sua casa. O curto trajeto é suficiente para que entre uma bolacha e outra, encontre algumas pedras e atire em alvos fixos, como as lixeiras da vizinhança, e alvos móveis como os cachorros e gatos que atravessam seu caminho. Há quem chame Maicon de peste. Suas travessuras sempre dão o que falar.

A escola não é, exatamente, o lugar que deseja estar numa manhã de quinta-feira. O sol ainda brilha quente em abril, criando cenários bem mais convidativos que aqueles proporcionados entre as paredes da sala de aula. O empurra-empurra começa logo na chegada. O tumulto formado no momento em que o primeiro sinal toca e os estudantes se espremem ao transpor o espaço estreito de acesso ao prédio, faz Maicon suspender sua má vontade por alguns segundos. Ali, tem oportunidade de fazer duas das coisas que mais gosta: zombar de alguns colegas e “encoxar” as gurias em meio ao tumulto que se forma. Mas, a alegria é curta, basta pôr os pés no corredor principal para que seus delírios da puberdade sejam castrados aos gritos da diretora que parece cada dia tornar-se menos paciente frente ao frenesi daquela juventude escolar.

O tempo sempre passa lentamente quando Maicon está na escola. Os ponteiros se arrastam. Ele bem que tenta manter seu pensamento ali e

atentar para o que se passa naquela sala de aula. Mas, a única coisa dele que permanece por mais tempo naquele ambiente é a densidade de seu corpo pesando sobre a cadeira. Acha aquelas aulas de matemática, português e ciências massacrantes demais. De verdade, nem ele sabe do que gosta realmente, mas, prefere estar na rua ou em alguma atividade oferecida pelo CRAS, como as aulas de taekwondo ou os encontros do grupo de jovens orientado por uma das educadoras sociais do local. Nunca se dedicou a pensar muito sobre isto, mas às vezes sente que aprende coisas muito mais úteis em suas práticas fora da escola. Cada vez que entra naquele prédio sente, a cada passo, afastar-se quilômetros de distância do seu bairro, de seus vizinhos, de seus amigos, enfim, de tudo que compõem seu dia a dia. Nada é familiar ali dentro, salvo alguns rostos, por vezes, quase irreconhecíveis em função da metamorfose que o lugar implica em seus semblantes. Sempre que pode, dá seu jeito de escapar, mas é raro. A escola é tão bem fechada que, dificilmente, encontra oportunidade de fugir.

11h50min, Maicon e seus colegas saem num impulso desesperado da sala de aula. A pressa é apenas para sair do prédio, pois ainda ficam alguns minutos em frente à escola zombando uns dos outros. Dali, volta pra casa. Chega depois de sua irmã que já aquece o almoço preparado por sua mãe no dia anterior. Seu padrasto como sempre, almoça em casa em companhia dos enteados. A mãe trabalha o dia inteiro e retorna ao anoitecer. O silêncio é quebrado pelas batidas dos talheres a cada garfada em sintonia com o volume excessivo do aparelho de TV. Quase nada se conversa entre eles, apenas alguns resmungos do padrasto sobre as notícias despejadas pelo telejornal. Contrariado, Maicon ajuda sua irmã com a louça após o almoço. Seu padrasto, após um cochilo rápido no sofá, retorna ao trabalho, fazendo fretes com sua charrete em uma loja de materiais de construção ali perto.

As tarefas de Maicon em casa acabam e o seu relógio digital já anuncia 12h47min. Ansioso, como em toda a quinta-feira, rumo ao CRAS, ao encontro do grupo de jovens do qual faz parte. Gosta de lá, principalmente, pela presença de algumas gurias do bairro vizinho. É lá, também, que passa seu tempo, divertindo-se e aprendendo algumas coisas interessantes com Joana, educadora social. Frequentemente, vai aos passeios proporcionados pelos trabalhadores do local, já conheceu boa parte da cidade assim. Se perguntassem a ele, o que significa a sigla estampada na parede daquela casa onde gasta algumas horas de seu dia, com certeza, não saberia responder. Alguns conhecidos de Maicon, diriam que se ele soubesse o que é uma sigla já estaria de bom tamanho. Repetindo o quinto ano pela segunda vez, há quem diga que ele não termina o ensino fundamental. Contudo, para ele, CRAS já virou um nome próprio. O nome pelo qual todos por ali chamam aquela casa azul e branca onde acontecem algumas coisas que o atrai.

Hoje, chega mais cedo que seus colegas e aproveita a privacidade com Joana para comentar algumas dúvidas com relação a sua primeira transa. Já na sala de atividades, ele conta que já beijou algumas gurias, mas nunca transou com nenhuma. Timidamente, conta que uma delas, dois anos mais velha, tem insinuado certa condição para transarem. De cabeça baixa, olhando para as próprias mãos repousadas sobre a mesa de plástico amarelada, pergunta sobre como deve agir. Cada vez que pensa como seria, sente-se ansioso demais e a confiança lhe escapa. Tomado por uma vergonha que lhe constrange frente à Joana, nem parece o mesmo guri que deixa a vizinhança alerta com suas traquinagens.

Joana escuta atenta à introdução de Maicon com um leve sorriso no rosto. Em seu primeiro comentário, adverte sobre a importância do uso do preservativo, lembrando alguns exemplos de pessoas próximas que engravidaram precocemente e até contraíram doenças por não se

precaverem. Após as orientações básicas, a educadora descontraí a conversa com o guri. Pergunta-lhe quem é essa tal guria, como ela é, se ela a conhece. Maicon, ainda sem jeito, corresponde às interrogações de Joana, certamente, a única pessoa que confia para ter este tipo de conversa. Aquela relação de confiança levou um bom tempo para se estabelecer. A convivência conduzida pelo bom humor, objetividade e, principalmente, pelo exercício de uma linguagem sintonizada com o bairro, contribuía para com a confidencialidade compartilhada naquela sala. Ainda que Joana não morasse no bairro, era considerada integrante dali. Acostumada a circular por todas as ruas e visitar muitas casas, era conhecida por, praticamente, todos habitantes da região. Ao contrário das professoras e professores da escola que daquele lugar, conheciam apenas a rua principal de acesso à escola.

Maicon relaxa e o assunto continua embalado por boas risadas compartilhadas por ambos até serem interrompidos subitamente. Duas batidas, a porta abre. O raro sorriso de Maicon se vai tão rápido quanto sua conversa particular e divertida é interceptada. Um homem estranho de barba cerrada aparece. O sujeito esboça um sorriso solicitando entrada. A educadora, simpaticamente, apresenta-o para Maicon como pesquisador que, por sua vez, não se agrada nem um pouco da nova presença. O homem se chama Arisson, é pesquisador da universidade da cidade e, às vezes, realiza algumas intervenções com os grupos atendidos pelo CRAS. De imediato, a educadora comenta que hoje as atividades serão orientadas por ele e que só esperaria pelo restante da turma para deixá-los a sós. Para Maicon, a notícia foi um banho de água fria, pois esperava a semana inteira por aquela conversa interrompida no melhor momento.

Arisson é convidado a se juntar a eles. Joana, bem que tenta interar o tal pesquisador no assunto em andamento, sugerindo ao Maicon

compartilhar suas dúvidas sob o argumento de que um homem poderia ajudá-lo muito mais. Arisson, logo, coloca-se à disposição sem saber muito bem do que se trata, mas demonstra interesse em que tipo de dúvidas Maicon gostaria de esclarecer. No entanto, a proposta da educadora não vingou. Com semblante banhado em frustração, Maicon sinaliza, negativamente, sua insatisfação em continuar o assunto. Não gostaria de tornar um acontecimento tão caro de sua vida uma atração para estranhos. Aquele clima durou o suficiente para que o restante da turma, aos poucos, chegasse. Cada um que entrava, olhava Arisson com ar de estranheza. Maicon, ao encará-lo, constrange-o sem dizer uma palavra. Era como se dissesse no olhar o quanto não o agrada nem um pouco aquela situação. Ainda assim, alimenta alguma esperança que sua tarde não se pareça com a manhã passada entre as paredes da escola.

Joana, então, levanta-se e rumo à porta reiterando que as atividades do dia estariam nas mãos de Arisson, contudo, estaria por ali para ajudar caso necessário. A turma composta por sete jovens, reuniu-se entorno às mesas plásticas dispostas lado-a-lado. Maicon percebe que alguns de seus colegas já conheciam o tal homem, mas, para ele aquele cara era um total estranho. Estranho, também, era a curiosidade do sujeito com relação a como Maicon e seus colegas conduzem seu dia a dia. Acha aquelas perguntas idiotas. De fato, qualquer coisa seria melhor que a escola, mas aquela situação o faz sentir algo parecido com a ansiedade de livrar-se de sua manhã torturante.

Entretanto, sua avaliação sobre tudo aquilo começa a mudar quando Arisson saca aos poucos de sua mochila uma máquina fotográfica. Largando-a sobre a mesa, o pesquisador pergunta quem dali gosta de tirar fotos. Maicon, num impulso corajoso pergunta se pode pegar a máquina nunca vista de tão perto. Prontamente, Arisson arrasta o equipamento em sua direção. Naquele momento, o jovem esquece o ranço

que vinha inflando. Além de se encantar com a máquina em suas mãos, aquela era uma das raras vezes que tinha um desejo atendido sem recomendações de como deveria agir. Uma súbita relação de confiança parece surgir naquela ocasião. O manuseio da máquina se torna uma ponte para aproximação entre o jovem e o pesquisador, que lhe passa instruções básicas do equipamento.

Dando prosseguimento ao encontro, Arisson sugere aos jovens que o guiem em um passeio pelo bairro, apresentando-os os locais característicos e que possuem mais sentido para o grupo. Imediatamente, alguns resmungos sinalizam que não há nada bonito por ali, tão pouco sentido em mostrar para alguém aquele bairro. Todos notam que Arisson fica desconcertado com a resposta, provavelmente, não era o que esperava. Numa tentativa de ajustar a proposta, sugere, então, para que o grupo mostre o que há de ruim por ali. Aquilo que não os agrada no ambiente em que vivem. A adaptação é aceita, muito mais pela oportunidade da saída, do que, propriamente, pela atividade em si.

Maicon, portanto, acha a proposta interessante, mas guarda o comentário para si, prefere mesmo seguir fotografando tudo que vê. Faz seu autorretrato, fotografa cada rosto que há na sala e usa a máquina para se aproximar das gurias, gosta de chamar atenção delas com tudo que pode. Entretanto, o jovem fica, realmente, empolgado com a novidade e manuseia a câmera com um cuidado por ele mesmo desconhecido. Seu humor muda aos poucos até atingir uma sensação próxima a que o arrancam boas gargalhadas quando zomba seus colegas ou troca ideias com Joana. Designado como o primeiro fotógrafo da expedição, Maicon sai à rua clicando sem parar. Aquele exercício o faz perceber coisas que nunca havia tomado sua atenção. Algumas casas, os funcionários da prefeitura trabalhando nas obras da rua, o lixo no campinho, enfim, tudo passa a ser motivo fotográfico. A cada clic

tenta aperfeiçoar o ângulo, selecionar melhor a paisagem, registrar em imagens uma série de movimentos ao seu redor. Percebe que pode compor uma imagem, que a posição e a aproximação entre lente e paisagem muda sua perspectiva. Encanta-se com a possibilidade de mostrar aquilo que vê através das lentes e, principalmente, por tornar coisas corriqueiras do seu cotidiano, motivos centrais de seus clics.

Enquanto isso o grupo caminha sem roteiro definido. Arisson parece ceder ao máximo às vontades dos integrantes da expedição, mediando os pequenos conflitos e mantendo sua atenção nas conversas dos jovens que, por sua vez, pouco se envolvem na atividade em si. Mas, isso não incomoda o coordenador da expedição que pouco a pouco toma parte dos assuntos correntes. Enquanto isto, Maicon segue embevecido em seu entusiasmo. Para seu contentamento, seus colegas não se interessam como ele por fazer fotografias, o que lhe permite mais tempo em contato com o equipamento.

A ideia da apresentação das características negativas e positivas do bairro deu lugar a outra coisa, algo como uma experiência que, pelo menos para Maicon, o faz perceber a si como um estranho no próprio território em que habita. Como se a lente da objetiva o fizesse perceber aquilo que sempre fez parte do seu cotidiano de um modo incomum, carregado de uma boa dose de estranhamento, euforia e desconforto. Assim, Maicon capta o único *orelhão* (telefone público) do bairro, depredado e sem fone, em toda sua dimensão estética e inútil. Experimenta uma sensatez que o faz avaliar aquilo que, por algum motivo, não deve ser fotografado, quando, por exemplo, se depara em meio à rua que julga ser a mais perigosa do lugar. Assim, também, pela primeira vez percebe seu próprio bairro por uma visão panorâmica. Aos pés de um grande morro de areia fina, encontrado em meio ao campo central onde, há alguns anos, as obras de expansão dos loteamentos foram interrompidas, o menino não resiste à possibilidade de explorá-

lo. Contido pela dúvida, espera Arisson sinalizar positivamente e sobe num impulso o areal. De cima, abismado com a paisagem, observa alguns instantes antes de clicar e não segura o comentário: “Bah! Nunca imaginei que nosso bairro fosse assim!”

A expedição acaba com o retorno do grupo ao local de origem. A tarde passou mais rápido para alguns do que para outros. Maicon, sem dúvidas, ficaria por mais algumas horas fotografando e retorna para o Centro de Referência contrariado. Na chegada, Arisson recolhe o material, despede-se do pessoal, agradece a Joana por ceder seu grupo e sai do bairro com aparência satisfeita. Alguns integrantes do grupo retornam as suas casas imediatamente, outros permanecem por mais algum tempo por ali. Maicon é dos que seguem para casa. A noite ainda demorará algumas horas e, certamente, buscará algum entretenimento até lá. O entusiasmo da tarde fica pelo caminho e tudo retoma a familiaridade costumeira: jantar, dormir, acordar, ir pra escola. Pelo menos amanhã será sexta-feira.



Fonte: Acervo pessoal.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D.; VEIGA-NETO, A.; SOUZA FILHO, A. (Orgs.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BARROS, L.; BARROS, M. O problema da análise em pesquisa cartográfica. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 373-390, maio/ago. 2013.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BECK, U. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In. GIDDENES, A; SCOTT, L. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BECK, U. **Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Ed. 34, 2011.

BERT, J. **Pensar com Michel Foucault**. São Paulo: Parábola, 2013.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CARDOSO, I. Foucault e a noção de acontecimento. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v.7, n.1-2, p. 53-66, out. 1995.

CASTEL, R. **A gestão dos riscos: da antipsiquiatria à pós-psicanálise**. Cidade: Editora, 1987.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão sócia**: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTEL, R. **El Ascenso de lãs incertidumbres**: trabajo, protecciones, estatuto del individuo. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

DAMICO, J. Corpo a corpo com as jovens: grupos focais e análise de discurso na pesquisa em educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 2, p. 35-67, mai/ago. 2006.

DAMICO, J. **Juventudes governadas**: dispositivos de segurança e participação no Guajuviras (Canoas-RS) e em Grigny Centre (França). 2011. 290f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs** – capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 1999.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, G. **Conversações (1972-1990)**. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

EWALD, F. **Foucault, a norma e o direito**. Lisboa: Vega Editora, 1993.

FERREIRA, F. Rizoma: um método para as redes? **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p.28-40, março 2008.

FISCHER, M. Sobre discursos e análise enunciativa. In. FISCHER, M. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 73-96.

FONSECA, T.; KIRST, P. (Orgs.). **Cartografias e Devires**: a construção do presente. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2003.

FOUCAULT, M. Les rapports de pouvoir passent à l'intérieur des corps. In. DEFERT, D.; EWALD, F.; LAGRANGE, J. **Dits e écrits**, vol. III. Paris: Gallimard, 1994. p. 228-236.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FOUCAULT, M. O cuidado com a verdade. In. MOTTA, M.(Org). **Michel Foucault. Ética, sexualidade, política**. Coleção Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.

FOUCAULT, M. Polêmica, Política e Problematizações. In. MOTTA, M. B. (Org). **Michel Foucault. Ética, sexualidade, política**. Coleção Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

FOUCAULT, M. Por trás da fábula. In. MOTTA, M.(Org). **Michel Foucault. Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Coleção Ditos e Escritos III. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, M. Theatrum Philosophicum. In. MOTTA, M. (Org). **Michel Foucault. Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Coleção Ditos e Escritos II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.

FOUCAULT, M. **Segurança Território e População**: curso no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008c.

FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. In. AUTOR **Microfísica do poder**. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009a.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2009b.

FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010c.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012a.

FOUCAULT, M. **História da loucura**: na idade clássica. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012b.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2012c.

FOUCAULT, M. Entrevista sobre a prisão: o livro e seu método. In. MOTTA, M. B. (Org). **Michel Foucault. Estratégia, poder-saber**. Coleção Ditos e Escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012d.

FOUCAULT, M. A estratégia do contorno. In. MOTTA, M. B. (Org). **Michel Foucault. Segurança, penalidade e prisão**. Coleção Ditos e Escritos VIII. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012e.

FOUCAULT, M. O jogo de Michel Foucault. In. MOTTA, M. (Org). **Michel Foucault. Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Coleção Ditos e Escritos IX. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014 (p.44-77).

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. 2. ed. São Paulo: Editora ENESP, 1991.

GONÇALVES, A. Entre o vir a ser e ser refugio: quem é o vulnerável dos projetos sociais esportivos?. In: **III Colóquio Nacional Michel Foucault: política - pensamento e ação**, 2013, Uberlândia, MG. III Colóquio Nacional Michel Foucault: política - pensamento e ação, 2013.

GONÇALVES, A.; HECKTHEUER, L; SILVA, M. Projetos Sociais Esportivos: Entre o vir a ser e o ser vulnerável. **Revista Didática Sistêmica**, v.16 n.1, Edição Especial, p.362-374, 2014.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

GUEDES, S. tem que citar todos os autores, não pode ser et al.. Projetos sociais esportivos: notas de pesquisa. In. **ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, XVII**, 2006, Niterói. Anais... Rio de Janeiro: ANPUH, 2006. p. 01-10. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Simoni%20LGuedes,%20Julio%20Davies,%20Michelle%20ARodrigues%20e%20Rafael%20MSantos.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2014.

HACKING, I. Making up people. In. HELLER, T.; SOSNA, M.; WELLBERY, D. **Reconstructing individualism: autonomy, individuality, and the self in western thought**. Stanford University Press, California, 1986. p. 222-236.

HECKTHEUER, L. **Projetos sociais esportivos: ensaios sobre uma proliferação na cidade do Rio Grande - RS**. 2012. 156f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: química da vida e saúde), Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande-RS, 2012.

KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo**. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In. PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32-51.

LARROSA, J. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.28, n.2, p. 101-115, 2003.

LARROSA, J. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 27-44, 2004.

LARROSA, J. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed.34, 2011.

LINS, D. A alegria como força revolucionária. In. FURTADO, B; LINS, D. **Fazendo rizoma**. São Paulo: Hedra, 2008. p. 45-57.

LOBATO, E. O Hospício Particular de Oswaldo Montenegro. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/33634_O+HOSPICIO+PARTICULAR+DE+OS+WALDO+MONTENEGRO>. Acesso em: out. 2014.

MILLER, P.; ROSE, N. **Governando o presente**: gerenciamento da vida econômica, social e pessoal. São Paulo: Paulus, 2012.

NIETZSCHE, F. **Sobre verdade e mentira**. Trad.: Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

PASSOS, E.; KASTRUP, V. Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n.2, p. 391-414, maio/ago. 2013.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Orgs.). Dossiê Cartografia: pistas do método da cartografia - vol. II. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n.2, p.217-220, maio/ago. 2013.

POL-DROIT, R. **Michel Foucault**: entrevistas. São Paulo: Graal, 2006.

POLL, A. Aumento da violência deixa população em pânico. **Jornal Agora**, Rio Grande, 30 set. 2014. Segurança. p.10.

POLL, A. Território da Paz deve chegar ao BGV em novembro. **Jornal Agora**, Rio Grande, 21 out. 2014. Segurança. p.10.

POZZANA, L.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In. PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

RAMIL, V. A estética do frio. In: FISCHER, Luis Augusto. **Nós, os gaúchos**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1992.

RAMIL, V. **Satolep**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

RESTREPO, E. Cuestiones de método: eventualización y problematización en Foucault. **Tabula Rasa**, Bogotá, n.8, p.111-132, enero/junio, 2008.

REVEL, J. O pensamento vertical: uma ética da problematização. In. GROS, F. **Foucault: a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2006.

S/AUTOR. Projeto promove entrega de presentes e medalhas. **Jornal Agora**, Rio Grande, 23 dez. 2010. Esporte, p. 8.

S/AUTOR. Voleibol rio-grandino ganha o Clube Pioneiros. **Jornal Agora**, Rio Grande, 1 ago. 2011a. Esporte, p. 8.

S/AUTOR. Projeto Punhos da Esperança poderá ser implantado em Porto Alegre. **Jornal Agora**, Rio Grande, 16 ago. 2011b. Esporte, p. 8.

SABADIN, C. "Linha de passe": talvez o melhor filme (brasileiro ou não) do ano. Disponível em: < http://www.planetatela.com.br/cri.php?cri_id=241>. Acesso em: 16 out. 2014.

SANT'ANNA, Guaraci. Problema Social. In.: Seu Jorge. **Seu Jorge & Ana Carolina – Ao vivo**. Sony BMG Music Entertainment. CD, 2005.

SILVA, R. **A invenção da psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SILVA, Rose Méri Santos da. **O discurso da vulnerabilidade social e os processos de constituição dos sujeitos "asematizáveis"**. 2008. 152f. Rio Grande: Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, 2008.

THOMASSIM, L. **O "público-alvo" nos bastidores da política: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos**. 2010. 296 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

THOMASSIM, L. E. C.; STIGGER, M. P. Super-oferta de projetos sociais esportivos: superando as imagens públicas idealizadas sobre essas ações. In. **SEMINÁRIO NACIONAL POLÍTICA & SOCIOLOGIA UFPR 1**. 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2009. CD-Rom.

VEIGA-NETO, A. Na oficina de Foucault. In. KHOAN, W. **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.79-91.

VEYNE, P. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ZALUAR, A. **Cidadãos não vão ao paraíso**. Campinas: Editora Escuta, 1994.

ZENOBINI, A. Um sonho esportivo. **Jornal Agora**, Rio Grande, 11 out. 2011. O peixeiro, p. 4.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Relação de Projetos Sociais Esportivos* referentes aos arquivados no banco de dados

PSE	Iniciativa	Período de Funcionamento
Atleta do Futuro	Instituição Empresarial – SESI	2010
Bairros em Movimento	Governamental – PMRG/SMTEL	2003 -2009
Basquete de Rua	Individual - Voluntariado	Não consta
Centros de Referência de Esporte Educacional	Fundação FUNSERG	2012 - 2014
Campeões Olímpicos e Campeões da vida	Fundação FUNSERG	Não consta
Craque Cidadão	Individual - Voluntariado	Não consta
Educando pelo Esporte	Fundação FUNSERG	ATIVO até 2008
Entrando Em Campo Segundo Tempo IF	-RS Governamental	2011
Escolinha de Futebol Retrato Falado	Individual - Voluntariado	ATIVO desde 1997
Fertilizando Talentos	Empresa Privada – Multinacional Yara do Brasil	2002 – 2009
Formando Craques	Empresa Privada	Não consta
Futsal Empresa	Privada – Colégio Sagrado Coração de Jesus	ATIVO desde 2008
Hip Hop: Ser em movimento	ONG	2009 – 2010
Integração	Governamental – SMEC/PMRG	ATIVO desde 1999
Movimentação	Governamental – PMRG/SMTEL	2011
Núcleo Jovem do Esporte – Instituto	Votorantim/IEE/CEFETs OSCIP	ATIVO desde 2008
O Rio Grande em Ação	Individual PMRG/SMCAS	2011
Praticando Esporte e Estudando	Clube - SCRG	2008 -2009
Programa Mais Educação	Governamental	Não consta
Projeto Papa-léguas	Individual - Voluntariado	Desde 1996
Projovem Adolescente: mudando conceitos transformando realidades	Governamental – PMRG/SMCAS	Não consta
Punhos da Esperança	Individual - Voluntariado	ATIVO desde 2007
Rio Grande rumo as Olimpíadas de 2016	Fundação FUNSERG	ATIVO desde 2010

Semear Individual -	Voluntariado	ATIVO desde 2009
Semente Olímpica Investimento Social	Individual - Voluntariado	ATIVO desde 1993
Segundo Tempo 1	Governamental – PMRG/SMTEL	2008
Segundo Tempo 2	Governamental – PMRG/SMTEL	2011
Segundo Tempo 3	Governamental – PMRG/SMTEL	2013
Verão Cassino	Governamental	Verão de 2010
Você pode ser um campeão de vôlei	Fundação FUNSERG	Não Consta

***Total: 31 Projetos**